MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA

Padre Joaquim José da Rocha Espanca

CADERNOS CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA VIÇOSA

Cadernos Culturais da Câmara Municipal de VILA VIÇOSA

Procurando recuperar aspectos da cultura tradicional alentejana e promovendo obras actuais, os cadernos culturais fornecerão aos leitores em geral e aos Calipolenses em particular um melhor conhecimento do contexto histórico e social da actual geração.

NA CAPA:

Fonte Grande

NA CONTRACAPA:

Casa de Lisboa e antigo Chafariz d'El Rei

(Slides gentilmente cedidos pelo Sr. Carlos Faria)

NOTA IMPORTANTE

A presente publicação é cópia integral do texto do manuscrito de AS MEMORIAS DE VILA VIÇOSA, tendo-se unicamente procedido às actualizações ortográficas que as circunstâncias justificavam.

MEMÓRIAS
DE
VILA VIÇOSA

MEMÓRIAS

DE

VILA VIÇOSA

CAPITULO XLIX

Casamento do Duque D. Teodósio II. Festas públicas no Terreiro do Paço. Ornato do mesmo Paço.

I

Aquele tempo em Vila Viçosa era bom. Abundava o dinheiro e não escasseavam divertidos folguedos como vão ver os meus leitores pela relação das festas do casamento do Duque D. Teodósio II.

Contava ele já trinta e quatro anos de idade quando assentou com sua mãe que não devia espaçar por mais tempo a celebração do seu matrimónio.

Contratou-o, pois, com D. Ana de Velasco y Giron, filha de D. João Velasco, 7º Condestável de Castela e Leão, Camareiro-mor de El-Rei D. Filipe III, seu Conselheiro, Presidente do Conselho de Itália, etc. Receberam-se por procuração em 1602; e no ano seguinte passou a noiva a Portugal, acompanhada por seu irmão D. Bernardino Velasco, Conde de Haro e por outros muitos Fidalgos Castelhanos.

Este casamento, pois, com as festas populares que se lhe seguiram e a descrição do ornato do Paço fará a matéria deste extenso capítulo.

O nosso patrício Frei Manuel Calado registou no seu *Valeroso Lucideno* as gratas impressões que lhe causaram estas festas, recordando-as com vivíssimo entusiasmo, porém resumidamente; e nos nossos dias Inácio de Vilhena Barbosa achou-as tão dignas de memória que fez delas um capítulo para os seus *Estudos históricos e arqueológicos*.(1)

Como porém a *História Genealógica* refere com maior miudeza que todas, essas bodas celebérrimas no Tomo sexto de págs. 389 a 448, será daí que transcreverei quase textualmente o que vou relatar.

---

(1) Tomo 1, pág. 119.

II

Celebrados os esponsais e contraído o matrimónio por procuração em 1602, como dito é, fixou-se para o verão de 1603 a ratificação pessoal do consórcio e a entrega da noiva na raia de Espanha com Portugal. Devia esta chegar a Badajoz com jornadas medidas, recebendo o Duque por diversos correios notícia exacta dessas jornadas até que, sabendo que a Duquesa havia de pernoitar na dita cidade a 15 de Junho, que era um domingo, nesse mesmo dia, pelas quatro horas da tarde, partiu de Vila Viçosa.

D. Catarina, sua mãe, o conduziu até à porta da câmara e dali, depois de lhe beijar a mão o Duque noivo, saíu acompanhado por seus irmãos D. Duarte, D. Alexandre, que era Arcebispo de Évora, e D. Filipe e por seu primo D. Constantino de Bragança, filho dos segundos Marqueses de Ferreira. Entrou num coche rico, tirado por seis cavalos ruços Espanhóis, levando outra muda igual para quando fosse necessário. A este seguia-se o coche de Fernão de Sousa, seu Veador, com mais outros quatro em que iam alguns dos Oficiais e Fidalgos da Casa Brigantina e Comendadores com excelentes galas, preciosos colares e veneras de pedraria, havendo-se já adiantado mais dois da mesma comitiva. Iam também muitos criados a cavalo com vistoso luzimento, levando alguns deles sete cavalos à destra e a Guarda do Duque composta de vinte e quatro Alabardeiros.

D. Teodósio II ia vestido de gorgorão verde guarnecido de ouro e prata; D. Duarte, de gorgorão negro, também guarnecido; D. Alexandre, com loba curta e murça de gorgorão pardo; e D. Filipe ia vestido de gorgorão verde com uma guarnição de prata e verde.

Seguiam-se na frente mais de cem pessoas montadas em bons cavalos, todos vestidos de gala, ajuntando-se-lhes continuamente pelo caminho novas gentes, assim de criados da Casa Ducal como de Vassalos seus das terras vizinhas e homens nobres que voluntária e obsequiosamente se prepararam para acompanharem tão grande Senhor nas suas faustosas núpcias.

Neste dia foram dormir a Vila Boim, Castelo do Estado Brigantino, três léguas distante de Vila Viçosa e uma de Elvas.

III

No dia seguinte, que era segunda-feira, foi o Duque ouvir missa à Igreja Paroquial, acompanhando-o a sua Guarda e os Oficiais da sua Casa; ali se confessou também e comungou, pois nunca os divertimentos o distraíram da vida devota que seguia.

Na tarde do mesmo dia partiram de Vila Boim pela posta os Senhores D. Duarte e D. Filipe acompanhados por três Fidalgos do serviço do Duque, trajando vestidos de gala feitos para jornada com muito primor e diversos um do outro. Passaram por Elvas, entraram em Badajoz e visitaram a Duquesa da parte do Duque. Os Fidalgos Brigantinos lhe beijaram a mão, dando-lhe D. Duarte conhecimento de suas pessoas e qualidades. E acabada a visita, pela posta se tornaram a recolher onde estava o Duque. Depois desta visita, recebeu a Duquesa outra de D. Catarina que, igualmente pela posta, lhe enviou a Fernão de Castro, Fidalgo da Casa do Duque e Veador de Sua Alteza.

Enquanto se faziam estas visitas, mudou-se o Duque de Vila Boim para Ubeda que era uma quinta de Rui Gomes de Azevedo, Fidalgo de Elvas que morrera na batalha de Alcácer-quibir e fica além da cidade onde o Duque não fazia tenção de entrar. Mas, caminhando na mesma forma que trouxera de Vila Viçosa, no cabo de um quarto de légua vieram encontrar-se com ele alguns Fidalgos da mesma cidade, o Provedor, o Corregedor, o Juiz de Fora, os Vereadores, e outras pessoas principais de Elvas. A este tempo já o Duque, o Arcebispo D. Alexandre e D. Constantino haviam largado o coche e montado a cavalo porque as estradas o não permitiam de outra sorte; e assim receberam a todos os mensageiros de Elvas com muito agrado e chamando-os para a sua ilharga iam conversando amigavelmente. Instaram os Elvenses para que o cortejo atravessasse por dentro da sua cidade e o Duque, por deferência, anuíu a fazerem por lá caminho e alegrarem os seus moradores com tão vistoso acompanhamento.

Tanto que o Duque saíu fora dela, despediu agradecido os Fidalgos e Ministros Elvenses que muito o recusaram querendo aliás acompanhá-lo até Ubeda onde o Duque havia de ficar e onde também vieram ter os Senhores D. Duarte e D. Filipe depois de realizarem a sua visita à Duquesa em Badajoz, como dito é.

IV

Na terça-feira às cinco horas da manhã montou o Duque a cavalo indo vestido de gorgorão roxo bordado de ouro e prata. O cavalo era ruço rodado; tinha sela de veludo roxo guarnecida de ouro e prata; e assim eram as cabeçadas e mais jaezes.

O Senhor D. Duarte ia vestido de negro com guarnições também negras; e a sela do seu cavalo era da mesma droga e côr e tudo o mais conforme. O Senhor D. Filipe ia vestido de gorgorão azul bordado todo de ouro e prata, montado num quartão ruço queimado com sela e guarnições conformes ao vestuário. D. Constantino vestiu de gorgorão lavrado guarnecido a quatro guarnições estreitas, com botões de ouro, calças de obra, colar esmaltado, chapéu negro com trancelim e plumas e a sela do cavalo era de veludo negro com fachas e estribos dourados, assim como as fivelas da guarnição.

Saíram assim da quinta onde pousavam para a ponte do Caia que divide Portugal de Castela, acompanhados pelos Oficiais e Fidalgos da Casa de Bragança ricamente vestidos, trazendo criados seus com diferentes librés e numeroso acompanhamento de suas famílias e seguindo-se a estes muitas pessoas de qualidade e nobres da maior parte das cidades e vilas do Alentejo que, tanto por obsequiar ao Duque noivo como por disfrutarem aquele belo espectáculo, haviam concorrido abrilhantando-o assim ainda mais. Calculou-se em passante de duas mil pessoas os homens de cavalo que se acharam presentes no Caia, sendo mais de mil e quinhentos destes, vassalos do Duque; a gente a pé que se juntou ali formava uma imensa multidão.

Era este o lugar ajustado para se esperar a Duquesa. E tendo passado menos de uma hora de espera, o Duque como cortezão e amante, avistando a comitiva da sua noiva, passou além da ponte com o desejo de ver a Duquesa, não fazendo caso da capitulação ajustada e contra a ordem que ele mesmo dera. Com muita pressa montou a cavalo, sem guarda, nem esperar pela comitiva e somente assistido por Fernão de Sousa, seu Veador e Pedro de Sousa de Brito que estava nomeado para, com o mesmo ofício, servir a Duquesa. Encontrou D. Teodósio o Conde de Haro, irmão da Duquesa, que o vinha já buscar e falou-lhe sem se deter, assim como fez aos mais Fidalgos Castelhanos que acompanhavam a noiva e eram D. Pedro Girão, Inquisidor de Toledo, D. Blasco de Aragão, D. Afonso de Velasco, Vedor geral das Galés de Espanha, D. António de Velasco, D. Filipe de Navarra e o Corregedor de Ba

dajoz. Todos estes aplaudiram a fineza com que o Duque buscava a sua esposa, medindo-a tão bem pela sua prudência que não faltou ao primor do galanteio, sem que o encontrasse a autoridade que sempre conservou ilesa.

A Duquesa vinha numas andas de veludo carmesim com pregaria dourada e guarnições da mesma sorte, vestida de cetim azul e ouro, saia e farragoulo sobrecomprido, tudo guarnecido a seis passamanes de ouro e prata abertos, e toucada com fitas de prata e azul. Trazia consigo D. Luísa de Velasco, sua parenta, viúva de muita autoridade.

Dali se pôs aquele imenso préstito a caminho da quinta de Ubeda vindo o Duque a conversar com a Duquesa e sem se afastar do seu lado. Os Senhores D. Duarte, D. Filipe e D. Constantino de Bragança meteram no meio de si o Conde de Haro, tomando os lados; e assim marcharam da ponte do Caia seguindo-os toda a comitiva Portuguesa engrossada ainda mais com a Castelhana, de sorte que toda esta gente graduada com os nobres e plebeus atraídos pelo obséquio ou pela curiosidade passava de seis mil pessoas.

Na ponte estava um coche de veludo carmesim, todo guarnecido de passamanes de ouro, tirado por seis frisões ruços queimados; e os cocheiros trajavam vestidos de côr carmesim guarnecidos de passamanes de ouro com chapéus na mesma forma. Diante do coche estavam umas andas de veludo carmesim também com passamanes de ouro, todas de vidraças cristalinas; e as mulas na mesma forma guarnecidas com outra parelha de reserva igualmente preparada. Diante das andas ia uma faca ruça com silhão de veludo carmesim bordado de ouro com gualdrapa da mesma espécie e guarnições com chapas e fivelas de prata dourada lavrada com figuras de relevo; e adiante outra com silhão de veludo preto com a bordadura da gualdrapa de chaparia de prata dourada com arreios na mesma forma, cobertas com capas das mesmas cores bordadas como as gualdrapas. Os Liteireiros vestiam calções e roupetas de veludo carmesim coberto de passamanes de ouro e chapéus do mesmo veludo com passamanes e plumas de cores, da mesma sorte que os Cocheiros do Coche de Estado, atrás mencionado.

Os que guiavam o coche do Duque vestiam calções de pano de Londres roxo, apassamanados, jubões de Holanda rachados de cores vasqueiros de veludo carmesim guarnecidos de passamanes de ouro, chapéus de veludo da mesma côr, guarnecidos de passamanes de ouro com plumas variadas, espadas douradas com bainhas do mesmo veludo. Os moços da cavalariça, que eram muitos, trajavam calções e roupetas de pano roxo cobertos de passamanes de seda roxa e amarela.

Marchavam em ordem vinte e cinco coches em que entravam os da Duquesa e os do Senhor Arcebispo D. Alexandre, duas liteiras, três facas com silhões ricos de prata sobredourada, muitos cavalos com jaezes e adereços de grande valor cobertos com telizes de veludo verde bordados, levados por Moços da Estribeira com uma espora na mão, os quais faziam o número de vinte e quatro e vestiam fardas viatórias de pano verde de Londres guarnecidas todas de passamanes verdes, meias verdes, sapatos negros, murcetas de feltro branco com colarinhos de veludo roxo. Seguia-se um chocarreiro vestido de calças de veludo roxo variado com os golpes guarnecidos de passamanes de cores, entreforros de cetim amarelo, meias de seda amarelas, roupeta de veludo lavrado, capa de racha e gorra de veludo.

Iam sete Moços Fidalgos vestidos de calças de obra com os brancos de veludo roxo variado e guarnição de morenilhos de prata sobre pestanas de cetim roxo picadas e com entreforros de tela de prata, meias de seda brancas, sapatos de veludo branco golpeados guarnecidos de morenilhos de prata, jubões de tela de prata, couras de golpes com a obra conforme a das calças, cintos de veludo negro guarnecidos de morenilhos de ouro com ferros dourados, boémios de cetim preto com guarnição por fora de fachas e morenilhos forrados de tela branca, gorras de veludo preto e tranças guarnecidas de ouro, com plumas brancas, amarelas, roxas e garçotas.

Os Moços da Câmara da Guarda-Roupa, que eram dez, vestiam çalças de boa guarnição assentadas sobre obra de veludo roxo variado, as guarnições sobre pestanas de cetim amarelo e os morenilhos roxos e brancos com entreforros de cetim roxo imprensado, meias de seda, sapatos de veludo golpeados perfilados e mangas de cetim, igualmente roxas, cobertas de morenilhos de retrós roxo e branco, roupetas de cetim imprensado com fachas de veludo variado e pestanas de cetim pela borda com morenilhos, cintos de veludo com ferros dourados, capas de racha de Florença forradas de cetim preto imprensado, gorras de veludo negro com tranças bordadas e plumas brancas, roxas e amarelas com suas garçotas, espadas douradas guarnecidas de veludo. O Guarda-roupa e Moço das Chaves vestiam de negro, calças de obra, meias de seda, sapatos de veludo roxo, jubões de cetim, roupetas de veludo guarnecido, capas de racha também guarnecidas, gorras de veludo com touquilhas e plumas e espadas douradas.

Vinte e quatro Moços da Câmara vestiam calças de obra com passamanes roxos e brancos sobre pestanas de cetim amarelo, meias de seda da mesma

côr, sapatos de veludo amarelo perfilados, mangas de cetim da mesma côr imprensado cobertas de morenilhos de retrós roxo e branco, roupetas de veludo negro guarnecidas todas de passamanes pretos a farpão, cintos de veludo negro com ferros dourados, capas de racha forradas de cetim imprensado, gorras de veludo negro com tranças bordadas e plumas brancas, roxas e amarelas com suas garçotas.

O Porteiro da Câmara do Duque e o da Câmara da Duquesa vestiam calças de veludo negro com entreforros de cetim, meias de seda da mesma côr, sapatos negros, roupetas de veludo lavrado, gorras de veludo preto com touquilhas de véu e capas de racha.

Iam mais catorze Reposteiros vestidos com calças de pano fino roxo com passamanes pelas bordas dos golpes matizados de seda roxa e amarela, com entreforros de tafetá amarelo, meias da mesma côr, sapatos brancos, jubões de Holanda com riscas das cores do uniforme, roupetas e farragoulos de pano vintedeseno, cintos negros pespontados das mesmas cores com ferragem dourada, chapéus negros com tranças de cetim e cairéis de cores e plumas brancas, roxas e amarelas.

Caminhavam também nesta comitiva dois Capelães que benziam a mesa com lobas, capas e barretes de racha de Florença; dez Moços da Capela vestidos de vintedeseno; seis Músicos da Câmara com calções de veludo lavrado, meias e sapatos negros, roupetas de racha, farragoulos de vintedeseno, chapéus negros com véus; dois Arautos e Passavantes com calças de veludo lavrado, roupetas e farragoulos de pano fino, chapéus e cintos negros; seis Porteiros da Cana com vestidos inteiros de vintedeseno; e da mesma forma dois Varredores.

O Senhor D. Duarte levava a sua família luzidamente vestida e composta assim: um Veador, um Camareiro, Estribeiro, Mestre Sala, Escrivão da cozinha, doze Pajens e quatro Moços da Câmara, quatro Reposteiros, outros tantos Lacaios, um Cozinheiro, dois Cocheiros, dois Moços de retrete e um Chocarreiro.

A família do Senhor D. Alexandre compunha-se de um Fidalgo, seu Camareiro, um Moço Fidalgo, oito Acrescentados, doze Moços de Câmara, três Músicos, um Moço da Capela, três Reposteiros, um Varredor e oito Lacaios.

A do Senhor D. Filipe eram oito Moços da Câmara, dois Reposteiros, dois Moços de retrete e quatro Lacaios.

D. Constantino de Bragança e seu irmão D. João de Bragança, Bispo de

Viseu, que não acompanhou o Duque por ficar assistindo à Senhora D. Catarina, deram luzidas librés conformes ao estado de cada um; e todos estes Senhores, seguindo o exemplo do Duque, deram librés de maior custo ainda no dia da entrada em Vila Viçosa.

V

Não tinha o Senhor D. Alexandre, Arcebispo de Evora, acompanhado o Duque à raia porque o ficava esperando na Ermida ou Capela da Quinta de Ubeda, revestido de Pontifical, assentado em cadeira encostada ao Altar; e com ele, em seus devidos lugares, estavam D. Frei Cristóvão da Fonseca, Bispo de Nicomedia e Presidente da Relação Eclesiástica do Arcebispado, Manuel Pessanha de Brito, Deão da Capela Ducal, algumas Dignidades da Sé de Evora e Capelães da Capela do Duque. A Ermida achava-se elegantemente ornada com opulenta e vistosa armação.

Tanto que os Duques chegaram à porta da dita Ermida, sendo já perto das três horas da tarde, o Arcebispo se levantou e descendo para o corpo da Igreja, aspergiu-os com água benta. E estando todos em pé, os noivos ratificaram o matrimónio por palavras de presente nas mãos do seu Prelado. Depois subiu ao Altar o mesmo Arcebispo e disse Missa rezada que os Duques ouviram de joelhos em sitial de brocado e almofadas do mesmo. Ao Evangelho trouxe o Deão o missal a beijar aos noivos e a paz foi-lhes dada pelo Bispo de Nicomedia. Acabada a Missa, foi o Senhor D. Alexandre cumprimentar a Duquesa. Em seguida esta recolheu-se ao quarto que lhe estava preparado e ali comeu só; o Duque, porém, jantou com seu cunhado, irmãos e os Fidalgos Castelhanos.

VI

Acabado o jantar, entrou a Duquesa no coche com o Duque, levando-a este à sua mão direita e da parte dos cavalos sentou-se o Conde de Haro. Os outros Senhores se repartiram por diversos coches, tomando cada um no seu alguns Fidalgos Castelhanos; e D. Luísa de Velasco meteu-se numa liteira de veludo negro guarnecida na mesma forma e que já estava destinada para

ela.

Quis o Duque também neste dia passar por fora de Elvas, porém os Fidalgos e Magistrados Elvenses esperavam-no. E ele por deferência viu-se obrigado a fazer-lhes a graça que pediam. Atravessou, portanto, a cidade com todo o seu séquito, indo o coche Ducal rodeado pela Guarda que então foi bem precisa, tanto para desviar o inumerável concurso de povo, como para extremar as danças e folias que o seguiram até um bom espaço fora da cidade. As janelas das ruas por onde passaram estavam armadas e em todos era grande o alvoroço e satisfação de ver os Duques e o seu aparatoso acompanhamento.

Uma légua aquém de Elvas, isto é, em Vila Boim, fizeram uma paragem para merendarem e pondo no coche outra muda de frisões chegaram a Borba já de noite. Ali os esperava muita gente preparada para os acompanhar até Vila Viçosa com danças, folias e outros festejos galantes; e todas as Ordenanças de ambas as vilas estavam postas em duas alas pela meia légua de estrada que as separa.

VII

A entrada em Vila Viçosa efectuou-se da maneira seguinte. Marchavam adiante os Oficiais de Justiça da vila e comarca e a recâmara da Duquesa, que vinha num grande número de azêmolas com reposteiros azuis nos quais se viam as Armas do Condestável, seu pai, e as de outros Fidalgos Castelhanos que a acompanhavam. Os Besteiros e Caçadores iam vestidos de pano verde com guarnições.

Depois seguiam-se desfilando para o Terreiro do Paço os que vou nomear. Oito Charameleiros com calções, roupetas e capas de pano fino roxo com bandas de cetim amarelo e mangas do mesmo, meias de igual côr, chapéus negros com trancelim e plumas das ditas cores, cintos de ouro atamarados, pespontados de retrós, com ferros prateados. Oito Trombetas, vestidos com calções e pelotes de pano roxo, sapatos abertos do mesmo, tudo guarnecido com bandas de cetim amarelo e pestanas brancas, botas brancas, cintos atamarados, chapéus negros com correias e plumas da mesma côr, trombetas com bandeirolas de damasco amarelo e roxo com as Armas do Duque bordadas, pendentes de cadeias de prata com as mesmas Armas de relevo. Cinco Atabalei

ros que vestiam da mesma forma. Os Trombetas bastardos, que eram três, vestiam calções de pano roxo apassamanados, pelotes de veludo roxo guarnecidos de passamanes de prata, farragoulos roxos de pano de Londres, chapéus conformes de plumas das mesmas cores, espadas douradas; e vinham montados em cavalos com selas de guarnições atamaradas.

Dois Porteiros da Cana caminhavam com elas levantadas. Outros dois vinham com suas maças de prata aos ombros, trazendo ao pescoço cadeias de prata de que pendiam as Armas do Duque abertas em medalhas, vestidos de preto ao modo da Corte. Dois Arautos e Passavantes mostravam suas cotas de armas de muita riqueza. Seguiam-se dois Estribeiros, um à brida, outro à gineta, em bons cavalos com preciosos jaezes, vestidos de veludo roxo variado com mangas de cetim roxo e farragoulos de chamalote, igualmente roxo, forrado de tafetá cingindo espadas douradas. Os Moços da Estribeira vinham com fato de Corte: calças de pano roxo com passamanes de seda amarela, entreforros de tafetá, canhões de cetim amarelo, meias da mesma côr, sapatos brancos, ligas de tafetá roxo e branco, jubões de Holanda com riscas roxas, roupetas de pano fino da mesma côr guarnecidas a dois passamanes, talabartes e bainhas atamaradas, espadas e adagas douradas, chapéus com trancelins e plumas das mesmas cores (roxas e amarelas). Vinte e quatro Moços da Câmara traziam tochas acesas (pois era noite escura), assistindo às estribeiras do coche dos Duques.

Dos Senhores e Fidalgos já disse como vinham nos seus coches com suas famílias. E a todos seguia muita gente Castelhana e Portuguesa atraída por tão esplêndidas festas.

Aquele dia era o 17 de Junho que sessenta e dois anos mais tarde se tornou bem memorável pela batalha de Montes Claros. A vila achava-se toda iluminada e ornada com arcos triunfais fabricados com muito artifício e deixando ver figuras bem vestidas, dísticos e emblemas alusivos aos Duques, sobressaindo-lhes as suas Armas e Empresas. Na Porta do Nó formaram junto ao seu frontispício um grande e magnífico arco bem ornado, o qual se rematava com as Armas Reais, tendo por baixo delas esta legenda: *Depois de Vós, Nós* e aludindo assim à antiga empresa da Casa de que ficaram usando os Duques depois de D. Jaime. Mais abaixo pela avenida até ao Terreiro do Paço estavam outros, num dos quais se lia:

Ducissae Donnae Annae Velasciae
Ad ingressum illius dedicat Villa Viçosa.
Mense Junii anno M.DC.III

(Tradução: *ado por Vila Viçosa à Duquesa D. Ana Velasco na sua entrada nesta vi[illegible] mês de Junho de 1603.)*

e noutro:

Duci Theodosio II. Ad ingressum illius
Dedicat Villa Viçosa Mense Junio
Anno M.DC.III

(Queria dizer: *Ao Duque D. Teodósio II consagra Vila Viçosa este arco triunfal na sua entrada na mesma vila no mês de Junho do ano de 1603.*)

O Aposentador-mor achava-se no meio do Terreiro do Paço com os seus subalternos, sentado numa cadeira e encostado a uma mesa coberta, sobre a qual estavam maços de bilhetes de aposentadoria nas casas particulares da vila para serem distribuídos aos que não tinham pousada no Paço, conforme o antigo costume; e assistiam-lhe diversos criados para encaminharem os aposentados às casas que ele designava a cada um, achando-se tudo ordenado com uma notável providência para que os hóspedes fossem agasalhados o melhor possível, conforme suas categorias.

Quando o acompanhamento entrou na vila, foi aplaudido e vitoriado não só pelos moradores da mesma vila, mas também por gentes de diversas províncias que de propósito haviam concorrido a desfrutar o espectáculo destas Reais Bodas. Por todo o Terreiro do Paço redemoinhavam danças e festins, conforme se usava nos casamentos dos Reis. Tudo era um delírio febril, mas de prazer e alegria...

Tanto que o coche dos Duques deu entrada no Terreiro, salvou-os a artilharia do Castelo, que estava todo embandeirado, com três descargas de artilharia e outras tantas das Companhias de mosqueteiros que se achavam guarnecendo a vila. Quando iam no meio do mesmo Terreiro, saíu D. Catarina do seu quarto acompanhada pelo Bispo de Viseu, D. João de Bragança e seu irmão D. Francisco de Almeida, seus primos, filhos do segundo Marquês de Ferreira e pelos criados e Oficiais da sua Casa, para vir ao encontro

dos noivos; e chegou à sala dos Tudescos a tempo que a Duquesa noiva acabava de subir as escadas, trazendo-a o Duque por uma das mãos e o Conde de Haro pela outra. Chegando à presença da Duquesa-mãe, a noiva se pôs de joelhos fazendo grande instância por lhe beijar a mão; mas ela recusando a levantou e abraçou com muita benevolência e carinho; o Duque, sim, esse beijou a mão a D. Catarina. Caminhando logo para o interior do Paço, a Senhora Duquesa-mãe levou sua nora à sua direita e à esquerda o Duque seu filho, mas o Senhor D. Duarte deu o braço a Sua Alteza e era quem a ajudava a caminhar.

Tanto que foram entrados na Câmara todos estes Senhores e Senhoras, ficaram em pé sobre o estrado que estava debaixo de um dossel para ter lugar o beija-mão: todas as Damas, Senhoras e Donas, mulheres dos Fidalgos, foram beijar a mão à nova Duquesa, fazendo-o porém primeiro a sua sogra, a Senhora D. Catarina e uma Dama colocada junto de D. Ana Velasco lhe dava a conhecer as Fidalgas ao passo que iam chegando a cortejá-la.

Finda esta cerimónia, o Duque saíu com os Senhores e Fidalgos para a sala onde estava a mesa posta para cearem, o que foi feito em público segundo a etiqueta costumada. A mesa estava posta ao comprido e longo do dossel e da parte interior achavam-se cinco cadeiras de veludo carmesim e uma de tela bordada posta no segundo lugar da mão esquerda. No primeiro lugar da esquerda se assentou o Conde de Haro, no segundo o Duque, no terceiro o Senhor D. Duarte, no quarto o Senhor D. Alexandre, no quinto o Senhor D. Filipe e no sexto o Bispo de Viseu. Nos topos da mesa ficaram D. Pedro Giron, D. Blasco de Aragão, D. António de Velasco e D. Francisco de Almeida. Nesta ocasião convidou o Duque o Conde de Haro, seu cunhado, a lavar as mãos no seu mesmo prato e assim o fizeram ao mesmo tempo, lançando-lhes água o seu Trinchante e praticando-se no mais aquele Régio cerimonial que se usava na Casa quando os Duques comiam em público; o que se observou nos mais dias até se retirar para Castela o Conde de Haro.

Enquanto durou a ceia tocavam as trombetas e charamelas, acudindo a seus acentos muitas danças para alegrarem os convivas. Renovaram-se as iguarias por algumas horas até que, sendo já perto das três da madrugada, houveram por bem mandar parar o acarreto de manjares e doces.

Acabada a ceia, despediu-se o Duque do Conde de Haro e mais Fidalgos comensais para se recolher aonde estava a Senhora D. Catarina com a Duquesa; os irmãos do mesmo Duque acompanharam o Conde de Haro até ao seu quarto; e os Fidalgos Castelhanos, que vieram com ele, retiraram-se também

aos aposentos que lhes estavam destinados.

VIII

No outro dia, em que se contavam 18 de Junho e era uma quarta - feira, saíram todos os Senhores e Fidalgos com excelentes galas de novo e apareceram as famílias de cada hóspede luzidamente vestidas, tudo com grandeza pois o Conde de Haro trazia oito Pajens com calças de veludo carmesim com passamanes de prata, entreforros de tela de prata, jubões da mesma tela, couras de cordovão branco com passamanes de prata forradas de tafetá carmesim, capas de veludo negro forradas de tela de prata listada de ouro e seda carmesim com três passamanes de prata pela borda, gorras de veludo com plumas brancas e roxas bordadas de prata. Dois Moços da Câmara, Secretário, Camareiro, Estribeiro, Tesoureiro, Mordomo, dois Veadores, oito Alcaides das vilas do Condestável seu pai, dois Aguasis da Corte que vieram para os aposentarem, quatro Reposteiros, outros tantos Lacaios, um Provedor, um Neveiro e vinte pessoas mais entre Cozinheiros e gente de serviço - tal era o séquito do Conde de Haro.

D. Pedro Giron trazia dez criados; D. Blasco de Aragão, oito; D. Alonso de Velasco, oito; D. António de Velasco, seis; e D. Filipe de Navarra, oito. Vestiam todos luzidas galas, mostrando-se dignos de figurarem nestas Reais bodas. E desta sorte a Duquesa trazia no seu acompanhamento duzentas pessoas de cavalo e oitenta azêmolas de carga, em que entravam as da sua recâmara e as dos particulares e serviço. Os coches eram dez. Tal foi a razão por que os Castelhanos da Estremadura se alvoroçaram com a vista de tão aparatoso cortejo e se resolveram a vir até à nossa vila para assistirem aos festejos nupciais.

O Duque D. Teodósio saíu nesse mesmo dia vestido de encarnado bordado a ouro e prata, com capa de veludo negro forrada de cetim encarnado e bordada com lavor miúdo de prata, com notáveis peças de diamantes na gorra. A Duquesa apareceu com vestido encarnado, saia de velilho de ouro imprensada, bordada de ouro e prata, colar e cinto de pedraria. O Conde de Haro apresentou-se com calças e coura amarela, guarnecido tudo de tiras de prata, capa de veludo negro com capelo bordado de prata e gorra de veludo também negro com peças de ouro cravadas de diamantes.

Este foi o primeiro dia das festas. Nele houve muitas danças com diversas invenções e todas as pessoas apareciam luxuosamente vestidas.

A noite iluminou-se o Paço com tochas e a Vila toda era um clarão com as suas muitas luminárias. Queimaram-se muitos foguetes do ar de diversas qualidades por largo tempo e acabou-se o festejo deste primeiro dia com uma descarga de artilharia do Castelo e mosquetaria dos soldados disparada toda ao mesmo tempo.

Efeito desta e outras, conta Frei Manuel Calado, que se arruinaram os vinhos que havia pelas adegas.

IX

No outro dia, que era quinta-feira (19), houve uma tourada no Terreiro do Paço, distinguindo-se nela dois Fidalgos da Casa do Duque, picadores muito destros e destemidos.

O Duque saíu neste dia vestido de branco, bordado de ouro e prata, com capa de veludo negro forrada de tela de prata e bordada de alcachofras de ouro. A Duquesa apareceu com saia e vasquinha de tela de prata rachada guarnecida de passamanes de prata. Entre as coisas preciosas com que se adornava, sobressaía-lhe um fio de pérolas que trazia ao pescoço e era de grande valor. O Conde de Haro vestia calças de cetim branco com obra de seda branca, capa de veludo negro forrada de tela de prata, gorra negra com sentilho de peças de ouro cravadas de diamantes e medalha na mesma forma.

Soube o Conde de Haro que seu cunhado tinha uma belíssima Tapada com uma légua de largura em muitas partes e em nenhuma com menos de meia, muitos bosques, caça grossa de porcos monteses, gamos e veados, não falando na miúda por ser ordinária neste país. Mais lhe disseram que nessa Tapada havia uma boa casa de campo, um lago com seu bergantim, Ermidas, etc., guardado tudo isto por um certo número de Couteiros sob a direcção de um Couteiro-mor que era sempre um Fidalgo autorizado.

Os gabos da famosa Tapada excitaram no Conde de Haro o desejo de não se retirar de Vila Viçosa sem ir vê-la e caçar um dia nela. Exprimiu este desejo ao Duque, seu cunhado, e por se não interromperem as festas deliberou este irem nessa quinta-feira de manhã para de tarde assistirem já

aos divertimentos do Terreiro do Paço.

Foram, com efeito, os Senhores D. Duarte e D. Filipe, D. Constantino de Bragança, todos os Fidalgos Espanhóis e muita gente que os seguia acompanhando o Conde de Haro. Percorreram os sítios mais notáveis da Tapada fazendo alguns tiros, uns bem e outros mal acertados, servindo-lhes essa próspera ou ingrata sorte para tema da conversação durante o jantar, quando se recolheram ao Paço.

Neste dia, que era já sexta-feira, saíu o Duque vestido de amarelo bordado de prata com o boémio[1] de cetim preto forrado todo de telas de prata bordada. E a Duquesa com saia e vasquinha de cetim amarelo, bordado todo de prata. O Conde de Haro vestiu de campo: calças de obra com guarnições de cetim branco e verde com quatro passamanes, capa com a mesma obra, chapéu negro com trancelim de ouro com diamantes; e depois que se recolheu da Tapada, vestiu calças negras de obra com entreforro de tela branca com passamanes de prata ao comprido, morenilhos do mesmo atravessados com botões de ouro e âmbar, capa de veludo negro com seis guarnições, forrada de tela de prata e o capelo semeado de peças de ouro e âmbar, gorra de veludo negro com plumas brancas e negras com sentilho de ouro e pelica de âmbar.

Nessa tarde houve bolatins. Depois deles, seguiu-se uma mascarada a cavalo e porque ao tempo já era noite, achava-se o Terreiro todo rodeado de tochas. As luzes destas fizeram uma escaramuça e jogaram alcanzias, no fim das quais cada um dos litigantes pegou na sua tocha para correrem parelhas e acabarem desta forma o festim deste dia.

X

Folgava o Conde de Haro gostoso na companhia de sua irmã. Eram, porém, decorridos já três dias de demora em Vila Viçosa e forçoso se lhe tornava o deixá-la para obedecer às ordens do Condestável, seu pai, que lhe não permitia demorar-se aqui por mais tempo. Sua irmã sentia mágoas pela sua ausência que a deixava então separada inteiramente do ninho paterno; mas como estava casada com um belo, rico e nobre mancebo, resignou-se a

---

(1) *Boémio era uma espécie de capa.*

sufocar as saudades da família trocando-as pelo afecto do esposo. Assim acontece ordinariamente nos casos desta natureza.

Aquele dia era sábado, 20 de Junho, e o Conde de Haro determinava-se a partir para Castela. Saíu vestido de cetim morado bordado de ouro e prata com cifras que continham em letras atravessadas o seu nome e o da Condessa D. Isabel Maria de Gusmão, sua mulher. Tinha chapéu de tafetá negro com trancilha também negra e plumas brancas. As espadas que cingiu todos estes dias eram diversas, douradas e lavradas; os talabartes bordados conforme os vestidos e alguns eram guarnecidos de pérolas. Despediu-se dos Duques e mais Senhores com grande afecto e gratas expressões, testificando quanto ficava a todos obrigado por tão benévolo acolhimento.

O Duque já na véspera desta despedida tinha regalado o Conde de Haro e os mais Fidalgos da sua comitiva com diversas peças de valor e outros brindes de não menor estimação pela sua raridade e bom gosto. E após a sua retirada, mandou ao Conde um bom tiro de frisões ruços para o coche com suas cobertas de pano roxo, bordadas de amarelo (eram as cores da libré de D. Teodósio II) para lhe serem entregues ao chegar a sua casa em Madrid.

Com o Conde de Haro tornou para Espanha a viúva D. Luísa de Velasco, madrinha da Duquesa, com doze criadas que vieram ao serviço da mesma Duquesa e das quais só quatro quiseram ficar com ela na nossa vila.

Todos estes se despediram contentes pelo trato com que foram hospedados e pelas dádivas que a munificência do Duque lhes fez distribuir. Ao Conde de Haro, porém, se dirigiram principalmente as atenções de D. Teodósio II; tanto assim que na mesma tarde mandou ainda pela posta um seu Moço Fidalgo acompanhado por dois Moços da Câmara a visitá-lo ao caminho.

Neste dia (sábado) saíu o Duque vestido de negro com obra de cortado, calças, roupeta e capa forrada de tela branca; e a Duquesa com saia e vasquinha de cetim preto picado, satisfazendo nesta demonstração de cores tristes as saudades pelo Conde.

Ora, não se pense que com a ausência do Conde de Haro se deram os festejos por acabados. Continuaram ainda por muitos dias e com maior primor. Na tarde desse mesmo dia houve tourada; e à noite fogo do ar com diversos artifícios e total diferença do dia anterior.

XI

No domingo (22), vestiu-se o Duque de pinhocira roxa com calças, roupeta e boémio, tudo bordado de ouro e prata. A Duquesa, de manhã, com saia de mangas da mesma côr, bordada; e à tarde com vasquinha amarela de cetim lavrado de ouro e saio roxo na mesma forma.

Comeu o Duque neste dia com a Duquesa e Senhores em público, o que se fazia na Sala dos Tudescos ou primeira ao cimo da escada, sendo permitido ao povo o assistir a este aparato. Seis cadeiras se puseram em torno da mesa; uma negra no meio, outra de tela bordada e as mais de veludo carmesim. Na primeira da mão esquerda esteve o Senhor D. Duarte, na segunda o Duque, na terceira a Duquesa, na quarta a Senhora D. Catarina, na quinta o Senhor D. Alexandre e na sexta o Senhor D. Filipe. Advirta-se (acrescenta aqui a relação antiga dos festejos) que estas cadeiras se contam pela situação do dossel em que os Duques nunca cederam o lugar.

As formalidades usadas nestes banquetes eram as mesmas que se praticavam na Casa Real e neste Reino só a de Bragança tinha a preeminência de comer em público. Por isso, vou fazer uma exacta descrição deste cerimonial para que os leitores fiquem bem instruídos na matéria sujeita.

A mesa estava no centro do topo da sala dos Tudescos, posta debaixo de um dossel e sobre um estrado alto. A primeira cerimónia que se praticava era vir o Deão da Capela com dois Capelães a benzê-la e da mesma sorte concorria no fim para se darem graças a Deus. Vinha o comer precedido de dois Porteiros da Cana, dois Porteiros da Maça e dois Arautos e Passavantes com as Cotas de Armas vestidas, os quais todos, feita uma reverência ao Duque, apartavam-se para os lados, a fim de abrirem campo aos que se lhes seguiam. Vinha logo diante o Veador do Duque com sua insígnia que era uma cana da India com seu castão (da mesma forma que na Casa Real), o Mantieiro com prato e jarro, os quais entregava ao Trinchante que era quem dava água às mãos aos Duques e seus irmãos ou filhos somente, pois se havia convidados estranhos, vinham Moços da Câmara com pratos e jarros e estes mesmos lhes ministravam a água. Os manjares eram trazidos pelos Moços da Câmara acompanhando-os sempre a Guarda do Duque, a qual se punha com as suas alabardas desde o aparador até perto da mesa para afastarem a gente do povo. Os Moços Fidalgos estavam de joelhos junto à mesa; as Damas em pé fora do estrado e os Fidalgos galanteando-as conforme o uso da-

quele tempo. Quando a Senhora D. Catarina ou a Duquesa haviam de beber, ia servi-las uma das Damas. Ao Duque dava de beber o seu Copeiro-mor, trazendo-lhe a copa o Copeiro-pequeno e precedendo-os os Porteiros da Câmara: descobrindo a copa o Copeiro-pequeno dava a salva ao Copeiro-mor que a apresentava ao Duque, fazendo-lhe as devidas reverências antes e depois de ele se servir; depois restituía a copa na mesma forma ao Copeiro-pequeno. No meter e tirar dos pratos à mesa usava-se a mesma etiqueta que vigorava na Casa Real.

O concurso de gente em Vila Viçosa não diminuía, mas antes aumentava, atraindo-o a fama das Régias festas. Os dias passavam-se aqui alegremente, variando-se os espectáculos. E nem de dia nem de noite havia descanso porque, como era de verão, depois dos divertimentos oficiais, seguiam-se pela noite adiante as danças e encamisadas, conforme as invenções dos particulares, girando pelas ruas e largos públicos.

No mesmo domingo de tarde saíram a cavalo os Senhores D. Duarte e D. Filipe, acompanhados por muitos Fidalgos da Casa do Duque e por alguns dos Acrescentados, todos com vistosas galas, montados em belos cavalos ricamente ajaezados. E dando um passeio pela vila, entraram no Terreiro do Paço e ali, depois de correrem parelhas e fazerem galantes escaramuças, se dividiram dando este acto por terminado. Porém, muitos dos Fidalgos saíram a passear ainda para a parte do Jardim do Bosque, chamado então *das Damas* por assistirem ali estas das janelas que ainda existem aos espectáculos do Terreiro.

Entretanto giravam as danças pelo mesmo Terreiro, pois nunca deixava de andar por ali alguma, conservando-se por isso o largo sempre cheio de espectadores. Pelo meio destes corria agora um coche a trazer Senhoras que, por serem mulheres de Oficiais e Fidalgos da Casa, tinham direito a ocupar as janelas do Paço; logo passava uma cadeira de mão por entre os magotes em direcção ao mesmo Paço a levar outra Senhora ou Dona de primeira qualidade; e desta sorte nunca o bulício acabava.

Na segunda-feira, porém, deu-se um incidente desagradável que veio perturbar a pública alegria e fazer suspender as festas: foi falecer no Convento das Chagas a Senhora D. Vicência, filha do Duque D. Jaime, que ali era Freira professa e contava já largos anos de vida. O Duque recolheu-se para tomar luto rigoroso por três dias e ordenou à sua Capela que fosse à Igreja das Chagas a celebrar-lhe exéquias solenes. No segundo dia,

mandou o Senhor Arcebispo D. Alexandre fazer outro ofício fúnebre e no terceiro cantaram as Freiras o seu. Neste último, que era quarta-feira, o Duque e seus irmãos foram visitar o Bispo de Viseu D. João de Bragança, seu primo segundo, que estava aposentado no palácio que fora de D. Joana de Mendonça, mãe da Freira defunta, hoje *Palácio do Bispo*. Foram dar-lhe os pêsames porque ele era sobrinho de D. Vicência, como filho de sua irmã D. Eugénia.

Com esta visita se terminou o luto da Corte, ficando já autorizada a continuação dos festejos para os dias seguintes. E assim a ordem do mundo: *Extrema gaudii luctus occupat*, diz o Sábio. Ri-se num dia e no outro chora-se ou vice-versa.

XII

No dia 26 de Junho, que era uma quinta-feira, recomeçaram as festas públicas. Pelas sete horas da tarde um Cavaleiro vestido à Mourisca atravessava o Terreiro do Paço e apeando-se à porta do palácio mandou dizer ao Duque por um emissário que se achava ali um criado de uma Dama Estrangeira vindo a pedir-lhe audiência para lhe comunicar um recado da sua ama. O Duque respondeu ao emissário que concedia a audiência pedida e que, portanto, podia o Cavaleiro entrar.

Foi então o Duque para a Sala grande ou dos Tudescos e sentou-se debaixo do dossel com a Senhora D. Catarina, a Duquesa, e seus irmãos D. Duarte, D. Alexandre e D. Filipe; da parte direita da sala estavam sentadas em alcatifas as Donas, Damas e Senhoras que ali tinham entrada; e da esquerda, os Oficiais da Casa do Duque.

Entrou o Mouro e, depois de feitas as devidas cortezias, disse ao Duque: "- *Uma Dama estrangeira, chegada a esta Corte, vos pede licença para entrar nela, Excelentíssimo Senhor!*" O Duque, por um intérprete, respondeu que podia entrar. E o Cavaleiro, saindo logo a levar esta resposta, em breve espaço de tempo apareceram no Terreiro do Paço vinte e quatro cavaleiros vestidos à Mourisca, emparelhados a dois e dois, indo atrás a Dama vestida também à Mourisca, ornada com muitas jóias e peças de valor, o rosto coberto com um véu, sapatos lavrados de pedraria, sentada num silhão posto sobre um famosíssimo cavalo, e rodeada por doze Mouros, atrás

dos quais ainda vinham dois velhos montados a cavalo e vestidos no mesmo gosto.

Chegando ao Paço, apeou-se a Dama e subindo com os seus pajens à presença do Duque e seus familiares descobriu o rosto e recordou com uma longa poesia o tempo em que o Duque estivera cativo em África e as atenções que lhe devera a Princesa Lela Maria, irmã do Xarife de Marrocos, que, lembrada do Real sangue que animava o Duque de Bragança, lhe pedia quisesse valer àquela Dama a quem pretendiam obrigar contra sua vontade a aceitar esposo quando esta eleição devia ser somente sua. Por cuja razão suplicava ao Duque a nomeação de dois Cavaleiros seus para em campo sustentarem "que era justo que a Dama aceitasse antes esposo estrangeiro, a quem por fama vivia afeiçoada, do que o nacional, a quem por amor se não sentia obrigada."

Acabada a exposição e requerimento da Dama, respondeu o Duque (por um intérprete) *que anuía à sua súplica e que, portanto, passava imediatamente a nomear dois Cavaleiros que defendessem a sua causa.* E com esta favorável resposta se despediu a Dama e se pôs em retirada com todo o seu séquito.

Sabem os leitores que era isto?... Um torneio em preparação. Quem não leu ainda uma descrição destes combates fantásticos, há-de vê-la em breve.

XIII

No dia 27 houve uma dança burlesca de mochachins, que eram trinta e três, vestidos todos de amarelo com passamanes de guardamecim dourado, vestidos ridiculamente mas com arte. Acompanhavam um carro triunfante em que o deus Baco ia assentado com dois companheiros à mesa sombreada por uma parreira com uvas - tudo perfeito ainda que ao burlesco. Nesta companhia traziam muitos instrumentos e invenções com que fizeram uma agradável farçada.

No dia 28 continuaram-se os preparativos para o torneio, visto acharem-se já nomeados os dois Cavaleiros que a Dama Árabe reclamou e eram os Senhores D. Duarte e D. Filipe. Estes dois, vestidos de armas brancas sobre calças imperiais e toneletes conformes, entraram no Terreiro do Paço

às sete horas da tarde montados em dois cavalos em tudo iguais, levando adiante de si três Moços Fidalgos também a cavalo: dois deles com as celadas com grandes plumas metidas em duas hásteas e o outro levava um Cartel escrito numa tábua, precedendo-os dois Porteiros de Maças, dois Arautos e Passavantes, três trombetas bastardas, atabales, trombetas e charamelas, todos a cavalo, e acompanhando-os sessenta Fidalgos em trajo de Corte montados em cavalos ricamente ajaezados.

Tanto que chegaram ao meio do Terreiro do Paço, pararam e mandaram por um dos Moços Fidalgos pedir licença ao Duque para afixarem o Cartel de desafio que traziam; mas o Duque respondeu que pretendia vê-lo primeiramente e assim lho foi mostrar o Moço Fidalgo que o trazia. Depois de lido pelo Duque, este concedeu a licença para se afixar. Voltou o Moço Fidalgo com a resposta. Caminharam todos até à porta do Paço e apeando-se de novo o Moço Fidalgo fixou na parede das escadas o Cartel que dizia:

"Os dois Cavaleiros nomeados pelo Excelentíssimo Príncipe D. Teodósio, segundo deste nome, Duque de Bragança e Barcelos, para defenderem a causa da formosa Celindaxa à instância da Princesa Lela Maria, irmã do Xarife Mulei Hamet, Imperador de Fez e de Marrocos, dizem que farão conhecer com armas nas mãos a todos que lhe quiserem provar o contrário, Domingo, seis dias de Julho às nove horas da noite, a três botes de piques e cinco golpes de espada, que é justo que uma Dama aceite antes por esposo ao Estrangeiro a quem por fama se afeiçoou do que ao natural a quem por amor se não sente obrigada, com as condições seguintes:

- Quem lhe cair da mão a espada ou pique, perca o preço.
- Quem fizer reparo da espada ou tirar estocada, perca o preço.
- Quem arrimar a mão à esbarra ou der golpe nela, perca o preço.
- Que os piques rotos abaixo da celada, posto que sejam mais, não ganhe o preço.
- Que em igualdade ganhem preço os que forem rotos mais altos e o mesmo se entenderá nos golpes da espada.
- Que ganhe o preço quem desarmar alguma peça do inimigo, assim de pique como de espada.
- Que ganhe preço quem se aventurar na folha.
- Que ganhe preço quem for mais galante.
- Que ganhe preço quem tirar melhor invenção."

Fixado o Cartel, os Senhores D. Duarte e D. Filipe seguiram para o Terreiro e depois de fazerem as devidas cortezias à Senhora D. Catarina, à Duquesa, ao Duque e ao Senhor D. Alexandre que estavam nas janelas da Câmara e ante-câmara do Paço e às Damas e Donas que estavam pelas da sala dos Tudescos, se recolheram com a sua comitiva.

Agora note-se que as Damas de menor graduação, como as mulheres dos Acrescentados e subalternos, viam as festas das janelas do Jardim do Bosque, chamado então *das Damas*, como já disse apoiado no depoimento de Frei Manuel Calado, testemunha ocular destes festejos e que acrescenta irem diante dessas janelas os Cavaleiros inclinar suas lanças àquelas a quem eram mais afeiçoados.(1)

XIV

O dia seguinte, 29, era o destinado para se jogarem as Canas. As sete horas da tarde entraram os Cavaleiros pelo Terreiro do Paço na forma que vou referir.

Ia adiante de tudo um homem a cavalo que guiava os atabaleiros, nove trombetas, quatro charamelas (todos igualmente a cavalo), aos quais se seguiam duas azêmolas com as canas, cobertas com reposteiros de veludo bordados com as Armas do Duque. Depois eram levados à mão vinte cavalos, dois a dois, bem ajaezados, os mais deles com adagas pendentes do arção; e mais quatro com ricos telizes em que se viam as Armas do Duque, acompanhados por Moços da Estribeira.

Ia logo depois Fernão de Sousa, Veador do Duque e progenitor dos modernos Condes do Redondo, num bom cavalo com a sua insígnia na mão, apadrinhando a quadrilha do Senhor D. Duarte; e da parte esquerda D. Diogo de Melo, Estribeiro-mor do Duque e companheiro de Fernão de Sousa, seguidos por dezoito Cavaleiros, de dois em dois, vestidos todos à Turca, trajando pelotes de gorgorão morado com lavores brancos e gorgorão roxo lavrado de verde com meias mangas com bedens de tafetá azul com estrelas amarelas e cadilhos amarelos e azuis, turbantes vermelhos ornados de jóias e plumas e invenções diversas e galantes, os quais levavam os arremessões postos aos

---

(1) Valeroso Lucideno, log. cit.

ombros com suas bandeiras. Seguia-se a quadrilha do Senhor D. Filipe que levava vinte e dois cavalos à destra, muito bem concertados com excelentes jaezes, os mais deles com adagas penduradas do arção; e logo quatro cavalos com ricos telizes de brocado de váras cores, acompanhados por Moços da Estribeira descobertos. Depois ia Pedro de Sousa de Brito, Veador da Duquesa, com sua insígnia na mão, apadrinhando o Senhor D. Filipe e levando por companheiro à sua esquerda João de Tovar Caminha. Seguiam-se dezoito Cavaleiros emparelhados, vestidos à Turca de damasco amarelo e roxo, com bedens brancos de escumilha com cadilhos roxos e amarelos, turbantes vermelhos muito concertados, levando da mesma sorte os arremessões ao ombro com bandeiras, e na mesma ordem entraram no Terreiro do Paço pela esquina de Santo Agostinho, indo ao longo do palácio de D. Joana de Mendonça, hoje Palácio do Bispo.

Encaminharam-se depois à frente do Paço Ducal onde o Senhor D. Duarte e seu companheiro D. Diogo de Melo estavam e depois todos os mais, emparelhados a dois e dois, fizeram cortesias à Mourisca, primeiramente à Senhora D. Catarina e à Duquesa que estavam ambas a uma janela; depois ao Duque, posto a outra; depois ao Senhor D. Alexandre, ao Bispo de Viseu e D. Constantino de Bragança que estavam a uma terceira; e finalmente às Damas e Donas que estavam nas da sala dos Tudescos.

Continuaram a desfilar os que haviam de jogar as canas que eram todos Fidalgos e criados da Casa Ducal e foram-se recolhendo pela parede do jardim do Bosque enquanto a segunda quadrilha fazia as mesmas cortesias aos Senhores e Damas e seguia a trilha da primeira. Acabadas estas cerimónias, formaram-se ambas no meio do Terreiro e começaram o jogo.

O Senhor D. Duarte com o seu companheiro correram a carreira com todos os mais do seu fio, em redor do Terreiro, e recolheram-se ao seu posto que era da parte do Jardim. Em seguida, o Senhor D. Filipe e seu companheiro e os da sua quadrilha fizeram outra carreira e recolheram-se ao seu posto que era do lado das Chagas.

Estando já uns e outros no seu posto, mudaram de cavalos, deixaram os bedens e arremessões e começaram o jogo das canas. Foram os primeiros o Senhor D. Filipe e João de Tovar Caminha; seguiu-se o Senhor D. Duarte com D. Diogo de Melo; e depois todos os mais se desenfadaram um bom espaço de tempo com grande gosto dos assistentes.

Acabadas de jogar as canas, tomaram os bedens e arremessões e fizeram

uma bem ideada escaramuça. Depois dela, tornaram a passar à carreira como no princípio do jogo e, tornando à parte do Jardim, vieram unidos na mesma forma com que haviam entrado no Terreiro e se despediram com outras cortesias feitas com grande garbo, cobertos de aplausos da multidão de circunstantes que davam por bem empregado o tempo que dispenderam em assistir a tão belo divertimento.

XV

No primeiro de Julho, de tarde, se correram touros, a que saíram quatro Fidalgos da Casa do Duque, dois deles vestidos à Mourisca e com arremessões levando oito cavalos diante à destra e os outros dois vestidos à Espanhola com rojões e o mais na mesma forma. Os touros contenderam com os cavalos e feriram alguns, mas os cavaleiros fizeram boas sortes mostrando perícia e destreza.

No dia seguinte houve uma bela mascarada de vinte e dois Cavaleiros todos com vestidos burlescos de boa invenção, montados em excelentes cavalos com jaezes muito ricos e mochilas de tela, levando grande número de cavalos à destra. Correram primeiramente diversas carreiras e depois simularam um jogo de alcanzias substituindo estas por laranjas, o que fizeram com muito primor.

XVI

Entretanto cuidou-se na preparação dos utensílios para o Torneio publicado para o dia 6 e forçoso foi suspender as correrias e touradas no Terreiro a fim de se construir a liça em que havia de ter lugar o combate.

Armaram-se, pois, duas grandes barracas de campanha ornadas com suas grimpas e galhardetes. A primeira tinha a forma de pavilhão decorado com sedas: esta era para os mantenedores; e a segunda era para os aventureiros. Entre uma e outra havia uma paliçada do comprimento de cinquenta e cinco palmos e trinta e sete de largo; a esbarra tinha de comprido vinte e sete passos, ficando cinco distante de cada parte da paliçada. As teias eram grades de paus lavrados, encruzados com arte e levantando em partes

um côvado para tochas. A teia da esbarra, que era mais baixa alguma coisa, estava guarnecida de grades de bordo feitas a modo de gelosia, e tudo pintado com tal primor que fazia uma vista agradável. Ao redor da paliçada, com iguais distâncias, estavam muitos candeeiros para luzes, além de muitas outras que alumiavam a praça. Junto da paliçada elevava-se um grande teatro armado todo com damasco encarnado, dentro do qual havia um bufete coberto na mesma forma e em torno dele cadeiras para os Juízes do Torneio e seus adjuntos estarem sentados.

Os ditos Juízes abriram a contenda fazendo afixar para conhecimento do público o seguinte edital:

"Aos seis dias do mês de Julho do ano de 1603, em Vila Viçosa, no Terreiro do Paço do Duque nosso Senhor, às nove horas da noite, estando Suas Excelências o Duque e a Duquesa nossa Senhora, o Senhor D. Alexandre e o Senhor D. João de Bragança, Bispo de Viseu, presentes, e estando no lugar para isso ordenado o Senhor D. Constantino, Juiz do Torneio e Pedro de Sousa e Afonso de Lucena por seus adjuntos, o qual foi aprazado para as ditas horas pelo Senhor D. Duarte e pelo Senhor D. Filipe, irmãos do dito Senhor Duque, para defenderem a causa da formosa Celindaxa..."

João de Tovar Caminha, Fidalgo da Casa do Duque e Mestre de Campo veio segurar a praça com uma guarda. Em seguida os Senhores D. Duarte e D. Filipe saíram do Paço pela porta pequena da parte das Chagas, a que então chamavam *das Casas novas*, acompanhados pelo referido João de Tovar Caminha com a Guarda de Alabardeiros, levando adiante quatro tambores e dois pifanos, vestidos com roupetas abertas pelas ilhargas, mangas e calções de brocatel branco e encarnado, meias amarelas com ligas encarnadas, chapéus pretos com cairéis e cordões de ouro, plumas brancas, amarelas e encarnadas e bandas de tafetá amarelo. Precediam-nos oito Moços Fidalgos todos vestidos com calças guarnecidas de passamanes de ouro e prata, entreforros e jubões de tela de ouro e prata, meias de seda e sapatos de veludo, couras conformes às ditas calças e bandas de tafetá amarelo. Quatro destes levavam cada um uma celada na mão com grandes plumas; os outros quatro levavam quatro espadas de Torneio com guarnições douradas e prateadas. Iam mais adiante vinte e quatro Moços da Câmara com tochas acesas nas mãos, vestidos com calças de cetim guarnecidas, meias de seda, sapatos de veludo, mangas de cetim estampado guarnecidas de espiguilha e roupetas de veludo cobertas de passamanes.

O Senhor D. Duarte ia vestido com calças roxas guarnecidas com passama

nes de ouro e prata sobre pestanas de cetim roxo, entreforros de tela roxa, sapatos brancos com fitas roxas, tonelete de seda roxa guarnecida com passamanes de ouro, armas pretas lavradas com laços e ramos de ouro, a celada com plumas roxas, brancas e amarelas com garçotas, acabando a plumagem com um volante de prata, cujas pontas chegavam à meia perna, talabarte e cinto de couro lavrado e pespontado de branco com espiguilhas de ouro e prata, pique com manga de tela roxa com franjões de ouro e retrós e os ferros dourados. No braço esquerdo levava um escudo em que se via pintado o céu com o horizonte da parte do oriente muito claro e sereno e ao longe algumas estrelas de ouro quase encobertas; e da parte do ocidente com o horizonte escuro cheio de estrelas de prata muito luzentes e no alto uma estrela grande e brilhante com esta letra:

Mane fugo, quas nocte duco. (1)

Levava por padrinho a Pedro de Melo de Castro, Fidalgo velho da Casa Ducal.

O outro mantenedór, o Senhor D. Filipe, ia vestido com calças de encarnado nácar, bordadas a canutilho de ouro e prata, com entreforros de tela de ouro, prata e encarnado, tonelete da mesma tela bordado conforme as calças, armas brancas lavradas com ouro e na celada (2) levava plumas brancas, amarelas e encarnadas e bandeirinhas de tafetá das mesmas cores com uma esfera e um volante de prata, cujas pontas chegavam até meia perna, espada com guarnição dourada e prateada, esmaltada, talabarte e cinto de couro de anta, pespontado de encarnado com espiguilhas de ouro e prata, pique com ferros dourados e manga de tela de ouro e prata. No braço esquerdo levava um escudo em que se via a sua Empresa que era um campo verde, uma pederneira com um fuzil e esta letra:

Percussus excutit ignes. (3)

Era seu padrinho António de Ataíde Pinto, autorizado Fidalgo da Casa de Bragança.

Nesta forma entraram pelo Terreiro e se encaminharam à porta da paliça da. Depois de darem volta à praça, recolheram-se à sua tenda (a dos Mantenedores), mas em breve saíram e se puseram no seu posto com os piques

---

(1) Afugento pela manhã as estrelas que guio de noite.
(2) Celada é o elmo sobre o escudo com seu timbre.
(3) Ferida, arremessa chispas de fogo.

amorados.

Estando assim, entraram na praça D. Diogo de Melo, D. Afonso de Noronha, Fernão Lobo de Melo e Manuel de Andrade de Brito, Fidalgos da Casa Ducal, aventureiros, que se encaminharam à paliçada num coche da feição de carro triunfante puxado por seis frisões, trazendo por padrinho António de Sousa de Abreu. Vinham guiados por um tambor com seu pífano, vestidos de amarelo com fitas da mesma cor e por dez Pajens com tochas.

D. Diogo de Melo, que se achava viúvo, honestamente vestia calças pardas guarnecidas de passamanes com entreforros e meias (tudo da mesma côr), sapatos brancos, tonelete escuro, armas brancas; e na celada plumas brancas, pardas e negras e sem empresa no escudo.

D. Afonso de Noronha trazia calças de cetim azul e encarnado, guarnecidas com entreforros de cetim azul com passamanes de ouro e prata, tonelete azul e encarnado com passamanes da mesma sorte, armas brancas com plumas de várias cores e no braço esquerdo um escudo em que se via em campo aberto uma Hidra de sete cabeças com uma delas cortada e outra que nascia no mesmo lugar, com a letra seguinte:

Quando cuidei que acabavam
Tormentos, penas e dores,
Então me nascem maiores.

Fernão Lobo ia vestido com calças de côr azul e amarelo com passamanes das mesmas cores, entreforros conformes, armas brancas e na celada plumas brancas e azuis. Tinha no escudo um campo verde; no alto dele uma fogueira ardendo e dentro uma salamandra viva, com esta letra:

Spiritus intus alit. (1)

Manuel de Andrade levava calças de passamanes de ouro e prata com entreforros de tela de ouro, prata e amarelo, meias e sapatos brancos, plumas das mesmas cores na celada e argentaria de ouro. No escudo tinha pintado um céu sereno com duas estrelas de ouro e esta letra:

Las Estrellas de mi Cielo
No se conocen nel suelo.

Todos os quatro Aventureiros referidos traziam lanças e espadas de torneio com as guarnições prateadas. E, dando volta à praça, buscaram o lu-

---

(1) *Sustenta os espíritos interiormente.*

gar que lhes pertencia.

Após estes, apresentou-se Fernão de Castro, Veador da Duquesa D. Catarina, sendo seu padrinho André Angerino, com uma Companhia de arcabuzeiros a pé que o precediam. Vestia calças Tudescas amarelas, cujos golpes eram guarnecidos de rendas de ouro com entreforros amarelos, meias da mesma côr, sapatos brancos, armas brancas e na celada plumas de muitas cores com argentaria de ouro. Por empresa trazia pintado no escudo um céu repartido em três terços com dois riscos de ouro e por baixo umas nuvens claras com um L grande de ouro. Levava na mão direita um pique (ou lança) com manga amarela guarnecida de rendas e franjas de ouro; cingia espada com guarnição prateada. E acompanhavam-no seis Pajens com tochas, dois tambores e um pífano. Depois de ter cumprido as cerimónias do estilo, foi para o posto dos Aventureiros.

Entraram depois na praça Fernão de Sousa, Veador da Casa Ducal, Manuel da Fonseca, Fidalgo da Casa Real e António Correia da Costa, trazendo por padrinho D. Manuel de Lacerda, também Fidalgo da Casa Real. Vestiam à Tudesca com calças de golpes de tafetá verde com passamanes de ouro e prata, entreforros de telilha de ouro, meias amarelas, sapatos brancos, toneletes quarteados de tafetá verde e telilha de ouro e verde, celadas com plumas brancas, verdes e amarelas com argentaria de ouro, venábulos guarnecidos de veludo com ferros e cravação dourada. Oito Pajens com tochas, vestidos com calças de tecidos verdes e amarelos, roupetas de veludo variado das mesmas cores, dois tambores e um pífano vestidos com calças Tudescas, roupetas verdes com passamanes amarelos, chapéus de tafetá quarteados de verde e amarelo; e por Empresa (que servia a todos desta quadrilha) num escudo, levado adiante por um Pajem, um campo verde e nele algumas árvores e um grande fogo perto delas com esta letra:

Urimur igne pari. (1)

Marchando a pé os três referidos, rondaram a praça e foram ocupar o lugar dos Aventureiros.

E ainda faltavam os concorrentes de melhores invenções. Veja-se a seguinte.

Aproximou-se da paliçada uma nuvem de várias cores que, rompendo-se ali, despejou os Aventureiros João de Sousa da Cunha e Simão Freire Perei

---

(1) Somos abrasadas igualmente com fogo ou um fogo igual nos abrasa.

ra, Fidalgos da Casa do Duque, trazendo por padrinho Belchior de Góis do Rego, e abrasou-se toda imediatamente.

João de Sousa vinha vestido com calças de obra de cetim azul guarnecidas de morenilhos azuis e aleonados, entreforros de tela de ouro e azul, meias da mesma côr, sapatos brancos, tonelete de tafetá azul com guarnição de passamanes de ouro e prata, armas brancas e na celada com plumas brancas, amarelas e roxas. No escudo trazia por empresa em campo vermelho uma figura de homem vivo com asas e um volante verde lançado por algumas partes e na mão uma espada nua levantada, olhando para uma esfera de ouro que estava no mais alto do escudo, tendo os pés junto a outras duas esferas, uma despedaçada e outra derrubada, com a letra:

Por esta deshize ciento,
Pero si oy cien mil tuviera
Por ella las deshiziera.

Simão Freire vestia calças de passamanes de prata e roxo e entreforros brancos, meias e sapatos brancos, tonelete de tafetá branco guarnecido com os mesmos passamanes, armas brancas e na celada, guarnecida de ouro, plumas de diversas cores. No escudo, em campo verde, trazia um tronco de uma árvore arreigada na terra com poucos ramos e um deles quebrado; em cima um Génio ventando, virado para cima e soprando para uma esfera de ouro que estava no alto, e ao pé do tronco esta letra:

De tão fundada esperança,
À custa de meu tormento,
Sei que todas leva o vento.

Vinham armados com lanças e espadas de torneio com guarnições prateadas, acompanhados por quatro Pajens com tochas. E dando volta à praça como os mais, buscaram o posto dos Aventureiros.

Considerando-se terminada a apresentação de Aventureiros, ordenaram os Juízes que se desse princípio ao combate. Imediatamente passou o Senhor D. Duarte a bater-se com o Aventureiro D. Diogo de Melo e a nenhum se adjudicou prémio porque ambos passaram os cinco golpes da espada.

Seguiu-se logo o Senhor D. Filipe a degladiar com D. Afonso de Noronha e da mesma sorte nenhum foi reputado vencedor por idêntica razão.

Combateu segunda vez o Senhor D. Duarte com o Aventureiro Fernão Lobo; e também nenhum levou a palma da vitória.

Seguiu-se o Senhor D. Filipe a lutar com o Aventureiro Manuel de Andrade e a este se julgou o prémio que foi um par de luvas de âmbar.

Tornou a contender o Senhor D. Duarte com o Aventureiro Fernão de Castro, ganhando o prémio o Senhor D. Duarte. Foi um cocar de plumas.

Neste ponto se interromperam os combates porque chegaram à praça seis Cavaleiros encantados que vinham numa Torre puxada por uma serpente ardendo em fogo e disparando a Torre muitos tiros ao mesmo tempo. Antes de entrarem na paliçada, mandaram os Cavaleiros por um anão que vinha sobre a serpente pedir ao Duque licença por um papel que o mesmo Duque mandou ler em voz alta, e transcrito fielmente em Português dizia assim:

"Excelentíssimo Príncipe. Na Grã-Bretanha, famosa pelos esforçados Cavaleiros que sempre criou e pelos grandes feitos e estranhas aventuras que pelas armas nela se acharam, foi muito conhecida em tempo do valeroso e ainda esperado hoje Rei Artur, a sábia Brisenda, de cuja ciência e conhecimento das coisas futuras não há para que se diga nada a V. Excelência porque a palreira fama o tem bem divulgado de tantos anos a esta parte por tudo quanto rodeia o Fébeo carro. Esta foi amparo dos Cavaleiros andantes que no seu tempo tanto floresceram naquela Província e total destruição de tantos mal intencionados Nigromânticos como nela houve, cujo fundamento era oprimir a virtude e esforço dos bons e assinalados Cavaleiros com a força e engano de suas artes. E por esta virtude tão querida de todos que ainda hoje choram a sua ausência os montes, vales, pedras e rios de todo aquele grão Reino. Tendo, pois, vivido largos anos e entendendo quão perto estava do derradeiro, naquela Torre que V. Excelência vê presente nesta insigne praça, a qual tinha edificado no mais levantado monte que por aquelas partes se conhece, ordenou sua sepultura com tal arte que estando cerrada dentro se tem por certo que ainda vive e nela espera o final Juízo. E recolhendo-se nesta Torre com seis Cavaleiros, os mais esforçados de toda a Bretanha, se meteu na dita sepultura, a qual ainda não foi cerrada quando os Cavaleiros ficaram na mesma Torre, encantados, sem algum conhecimento de sua prisão, nem lembrança de coisas passadas. Deixou Brisenda na sepultura um letreiro, o qual diz que então se acabará o encantamento quando, movendo-se por si a mesma Torre, passar o Oceano e vier à Espanha na Corte de um grande Príncipe porque, para fazer mais solenes as festas do seu ditoso casamento do qual ela pela observação das estrelas tinha alcançado que viriam grandíssimas prosperidades à mesma Espanha

e ao Mundo todo, queria guardar ali estes Cavaleiros. Havendo, pois, tanto tempo que a profecia do letreiro estava sem cumprir-se, há poucos dias que a Torre se moveu e, passando o mar e grande parte da Espanha, é chegada por força do encantamento de Brisenda a esta Corte. E os Cavaleiros encantados que nela vêm cobrando seus sentidos, têm entendido que V. Excelência é aquele felicíssimo Príncipe de quem a sábia prognosticou tantas bem-aventuranças e as festas do seu casamento são as que para ela os teve guardados tão largos anos. E assim, desejando pôr em efeito a tenção com que Brisenda os encantou, têm sabido que dois Cavaleiros diante de V. Excelência sustentam hoje a quem lho quiser contradizer que é justo que uma Dama aceite antes por esposo o estrangeiro a quem por fama se afeiçoou que o natural a quem por amor se não sente obrigada; e determinando fazer-lhe conhecer o contrário pelas armas, dando-lhe V.Excelência licença que com eles façam campo e mandando-lho segurar, como nas Cortes de semelhantes Príncipes se costuma."

Finda a leitura desta súplica, o Duque respondeu que lhes concedia a licença pedida. Então saíram da Torre e entraram na paliçada em duas fileiras, começando por declararem aos Juízes do Torneio os seus nomes que eram: na primeira fileira - Cristóvão de Brito Pereira, Rui de Sousa Pereira e Francisco de Lucena; e na outra - D. Cristóvão de Noronha, Jorge da Cunha Castelo Branco e Heitor de Figueiredo de Brito, Fidalgos da Casa Ducal, trazendo por padrinho Rodrigo Rodrigues, Secretário do Duque, Pedro de Abreu da Silva e João Mexia.

Vestiam os seis Aventureiros encantados calças de golpes de telilha branca com listas de ouro, prata e encarnado, entreforros de telilha de ouro encarnada, meias da mesma côr, sapatos brancos, armas brancas lavradas de ouro e encarnado e nas celadas plumas de várias cores semeadas de ouro, piques com mangas de veludo encarnado com franjas de ouro e seda, espadas de corte com guarnições douradas e lavradas, talabartes e cintos de couro com morenilhos de ouro e prata. Acompanhavam-nos oito Pajens com tochas, e mais seis que lhes levavam as espadas de torneio, vestidos com calças de tecidos e roupetas de veludo.

Cristóvão de Brito levava por empresa no escudo em campo verde uma Argola de ferro de que pendiam muitas cadeias atadas com outras, mostrando esta letra:

Vincula firmantur plus veterata novit.(1)

Rui de Sousa levava no escudo pintado o mar e uma nau com as velas metidas e a letra que dizia:

Inter vitae mortisque vias.(2)

Francisco de Lucena levava por empresa sobre a celada numa verga de ferro dourada um globo celeste, que ia girando, e nele um sol de ouro *à contrario motu* em Zodíaco e sobre ele uma bandeira branca com esta letra:

Contrarius evehor Orbi.(3)

D. Cristóvão de Noronha tinha pintado no escudo o mar empolado e a uma parte um grande rochedo; noutra, uma praia cheia de arvoredos e verdura; no meio das ondas três homens nadando e por cima esta letra:

Durate.(4)

Jorge da Cunha tinha no escudo em campo branco uma escada levantada pela qual subia um homem, com esta letra:

Em que pez a todo o mundo.

Heitor de Figueiredo levava sobre o peito das armas que vestia a Cruz de S. João de Malta, de que era Cavaleiro, e no espaldar outra. Da parte direita da cruz do peito um leão de ouro e da esquerda outro. Da boca do leão da direita saía esta letra que dizia:

Ora es esta la ocasion
Para ser favorecido
De tu valor conocido.

Depois que os seis Cavaleiros deram volta à praça na forma já referida, buscaram o posto dos Aventureiros e recomeçou-se o combate.

O Senhor D. Duarte passou a combater com o Aventureiro Manuel da Fonseca. E julgou-se o Senhor D. Duarte vencedor e digno do prémio de um anel com uma boa esmeralda. O Aventureiro António Correia bateu-se com o Senhor D. Filipe, ao qual, por vitorioso, adjudicaram os Juízes um anel de

---

(1) *As cadeias firmam-se tanto mais quanto mais velhas são. - Ali há errata.*
(2) *Entre os caminhos da vida e da morte vou navegando.*
(3) *Movo-me contra as leis do mundo ou da natureza.*
(4) *Perseverai; sede constantes.*

rubis.

João de Sousa degladiou-se com o Senhor D. Duarte, a quem foi adjudicada em prémio uma bolsa de agulha de ouro e seda.

Depois combateu o Aventureiro Simão Freire com o Senhor D. Filipe e a nenhum se deu prémio por ficarem ambos iguais e sem vantagem de um sobre o outro.

Jorge da Cunha combateu com o Senhor D. Duarte e nenhum teve prémio por passarem ambos os cinco golpes da espada.

Francisco de Lucena combateu com o Senhor D. Filipe e teve este o prémio que foi uma bolsa de agulha de ouro e seda.

Heitor de Figueiredo lutou com o Senhor D. Duarte, sendo o prémio ganhado pelo Aventureiro: umas luvas de âmbar.

Rui de Sousa combateu com o Senhor D. Filipe, ganhando também o Aventureiro o prémio de um corte de tela de ouro de Milão.

Cristóvão de Brito combateu com o Senhor D. Duarte, não se vencendo prémio por ambos ficarem iguais.

O Aventureiro D. Cristóvão de Noronha tornou a degladiar-se com o Senhor D. Filipe, Mantenedor, e foi julgado o prémio ao Aventureiro - era um corte de tela de Milão.

O Aventureiro Manuel da Fonseca pediu campo; concedeu-se-lhe; tornou a combater com o Senhor D. Duarte e teve Manuel da Fonseca de prémio um par de luvas de âmbar.

Jorge da Cunha pediu também campo que lhe foi concedido e, combatendo com o Senhor D. Filipe, a este se julgou de prémio um cocar de plumas.

Deu-se fim aos combates por ser já muito tarde; ordenou-se a fila; e, havendo-se dividido os Cavaleiros tanto de uma como de outra parte conforme o estilo, puseram-se de joelhos e rezaram a *Ave Maria* na forma costumada. Em seguida, levantando-se, entraram todos juntamente no combate da fila, acabado o qual mandaram saber dos Juízes se tinham mais que fazer. E sendo-lhes respondido que não, saíram da estacada os Aventureiros e Mantenedores, todos na mesma forma com que haviam entrado.

Assim terminou o torneio.

XVII

Para o dia 8 de Julho estava destinada uma Comédia no Paço. E antes de se dar princípio a este divertimento da Corte, fizeram os Juízes do Torneio publicar as seguintes decisões:

"Que a melhor invenção fora a dos Cavaleiros encantados, pelo que lhes julgavam uma medalha com um camafeu engastado em ouro e guarnecido de diamantes e rubis.

Que o Senhor D. Filipe ganharia o prémio de mais galã e bizarro, se fora Aventureiro; mas, sendo Mantenedor e quem era, se podia claramente avantajar a todos, pelo que se lhe não dava o dito prémio.

Que a quadrilha dos Cavaleiros encantados e dos que vestiam à Tudesca foram igualmente mais bizarros que as outras e os Cavaleiros delas entre si igualmente galantes, pelo que julgaram de prémio a cada um das ditas quadrilhas umas luvas de âmbar e uma bolsa de agulha de ouro e seda.

E que o que se avantajara na fila em a passar de parte a parte e em quebrar a lança e se combater com muitos, fora Heitor de Figueiredo, a quem julgaram um anel com um belo topázio.

E por que na dita fila o Senhor D. Filipe se avantajou em arrancar da mão a espada ao seu contrário, que se lhe travou na sua, se lhe julgou um anel com um bom diamante.

E por que nela se avantajou Fernão de Castro em desarmar ao seu contrário dos braçais, se lhe julgou um corte de tela de ouro de Milão."

Declararam também os Juízes que o Senhor D. Filipe e Simão Freire, o Senhor D. Duarte e Cristóvão de Brito e D. Cristóvão de Noronha foram havidos por iguais nos combates que tiveram entre si e que, por não haver tempo, não tornaram a lutar segunda vez. Não tendo, pois, nenhum deles perdido o prémio, se adjudicou ao Senhor D. Filipe um cocar de plumas pelo primeiro combate e outro a Simão Freire; ao Senhor D. Duarte, outro e a Cristóvão de Brito umas luvas de âmbar. Ao Senhor D. Filipe adjudicou-se pelo segundo combate uma bolsa de agulha de ouro e seda e a D. Cristóvão de Noronha umas luvas de âmbar.

Os Senhores D. Duarte e D. Filipe mandaram distribuir os seus prémios pelas Damas que estavam presentes para assistirem à comédia, o que também fizeram alguns dos Fidalgos vencedores nesta noite e na do Torneio. Os que eram casados mandavam-nos de presente a suas mulheres e os soltei

ros às Damas a quem desejavam servir, sendo portadores destes obséquios os padrinhos acompanhados por alguns Pajens com tochas e um tambor tocando adiante.

Feita a publicação e distribuição dos prémios, se começou a comédia no Paço, a que assistiu a Senhora D. Catarina, a Duquesa, o Duque e seus irmãos, dando-se com ela fim às magníficas festas com que os Fidalgos e criados da Casa de Bragança aplaudiram o feliz consórcio do Duque D. Teodósio II como vaticinando que dele procederia o Restaurador da Monarquia Portuguesa.

XVIII

ADORNO DO PAÇO NESTAS BODAS

O Paço tinha sido reformado interior e exteriormente, como disse atrás, ficando quase como hoje é.

Destinaram-se quartos particulares para hóspedes; e sobre a muita prata e peças de diamantes que já havia na Casa fabricaram-se baixelas novas e alfaias de diamantes de grande valor que o Duque punha conforme os vestidos, variando as suas jóias e adereços dos quais repartiu muitos com a Duquesa.

O aposento preparado para o Conde de Haro tinha uma sala armada de guardamecins de ouro e verde (estilo daquele tempo, usado no verão e praticado na Casa Real em que só o quarto da Rainha era armado de telas) com dossel de tela de ouro frisada com alcachofras de prata, sanefas bordadas da mesma tela sobre veludo verde, goteiras do mesmo com franjas de ouro e cadeira de brocado. A câmara em que recebia as suas visitas estava armada de guardamecins de ouro e azul com dossel de tela vermelha frisada com alcachofras de ouro, sanefas de veludo vermelho e goteiras conforme o dossel com franjas de ouro e retrós vermelho; debaixo do dossel estava uma cadeira de brocado e seis outras mais, viradas para a parede, revestidas de veludo com pregos dourados e as Armas do Duque, todas franjadas de ouro e retrós carmesim; e o pano do bufete era de damasco vermelho com franjão na mesma forma. A casa da Guarda-roupa estava armada de guardamecins de ouro e verde, com dossel de brocado, sanefas de veludo carmesim, e goteiras de brocado com franjas de ouro e retrós também carmesim, estando a

guarda-roupa coberta com um pano de veludo carmesim com dois passamanes de ouro muito largos.(1) A câmara em que dormiu era armada de guardamecins de grotesco de arcos de prata e figuras douradas, com dossel de tela branca frisada com alcachofras de prata, sanefas de veludo vermelho com rendas de ouro e retrós vermelho, com cadeira de brocado e pano de veludo vermelho guarnecido de tela chã. O leito de estado tinha varandas por baixo e por cima era todo dourado, mostrando sobrecéu de tela branca frisada com alcachofras de prata, e de veludo vermelho um pano de cada coisa, sendo os entremeios de rendas largas de ouro; as cortinas da cabeceira e ilharga da parede eram da mesma forma e a dos pés e ilharga de fora de damasco branco e vermelho com rendas de ouro nas divisões. O cobertor ou colcha era igual ao dossel.

D. Blasco de Aragão tinha uma casa armada com os retratos dos Reis e Rainhas de Portugal; o pano do bufete era de damasco carmesim guarnecido de veludo da mesma côr; tinha duas cadeiras de brocado; e os balaústres do seu leito eram vestidos com mangas de veludo carmesim, constando o sobrecéu e cortinas da cabeceira e ilharga de seda da India lavrada de prata e ouro e as dos pés e ilharga de fora de damasco branco e amarelo. A colcha era amarela de seda da India com guarnições de veludo carmesim.

D. Pedro Giron teve uma Guarda-roupa armada de guardamecins de ouro e carmesim; no bufete, pano de damasco azul com franjas de ouro e retrós; a câmara também era armada de guardamecins de ouro e azul; o leito era decorado com armação de tela de prata frisada e veludo azul com um pano de cada coisa; as cortinas dos pés e ilharga de fora, de damasco azul com franjão de ouro e retrós; o pano do bufete, de tela e veludo como a cama; e duas cadeiras de brocado.

Para D. Afonso de Velasco se armou uma câmara de guardamecins de ouro e carmesim; o leito era armado de damasco branco; o pano do bufete, igual; e duas cadeiras de veludo, da mesma côr, tinham franjas de ouro.

A D. Filipe de Navarra se deu uma câmara com armação de guardamecins de ouro e preto com um bom debuxo; leito armado de tela de ouro com bordaduras de veludo vermelho; pano do bufete conforme, com duas cadeiras de veludo também vermelho.

---

(1) Guardamecins eram tapeçarias de couro lavrado que os Fidalgos empregavam no adorno das paredes das salas durante o tempo quente, reservando os brocados, telas, etc., para o inverno.

D. António de Velasco teve uma câmara armada de guardamecins de ouro e azul, leito com armação de tela de ouro frisada com as cortinas dos pés e ilharga de fora de telilha de prata e veludo verde com entremeios de passamanes de ouro; no bufete pano conforme a cama com três cadeiras de brocado verde.

Armou-se outra câmara para o Secretário do Conde de Haro e outro companheiro, também ornada com guardamecins de ouro e prata; dois leitos com seus pavilhões de damasco vermelho e tudo o mais conforme estavam na dita câmara, com quatro cadeiras de veludo carmesim com cravagem dourada e franjas.

Para o Camareiro do Conde se destinou uma câmara com guardamecins e leito com pavilhão de damasco prateado e tudo o mais do mesmo damasco. Tinha duas cadeiras de veludo carmesim.

Para outro criado particular do Conde se preparou uma câmara de guardamecins de ouro e verde, leito com pavilhão de damasco verde franjado de ouro, colcha e pano do bufete na mesma forma e duas cadeiras de brocado verde com franjas de ouro.

Todos estes aposentos eram desde a escada principal até à extremidade austral do Paço, ou para a parte do Convento das Chagas, ocupando o Conde e alguns Fidalgos as salas da frente e os outros as da rectaguarda; mas ainda algumas casas ficaram devolutas porque só os Fidalgos e criados principais do Conde foram julgados em circunstâncias de terem hospedagem no Paço Ducal.

No segundo quarteirão que da escada principal corre para o norte estava a sala primeira ou dos Tudescos, armada de guardamecins de ouro com as Armas do Duque. Entrando-se nela, à mão esquerda estava armada uma copa debaixo de um dossel de veludo carmesim com cento e cinquenta e três peças de prata dourada de singular feitio a que chamavam de bastiões, com diversos riscos e grandeza e tudo de muito valor. Seguia-se logo na parede paralela à do Terreiro outra copa, debaixo também de um dossel de veludo carmesim, em que estavam quarenta e cinco peças de prata, de que umas eram todas douradas e outras só em parte, e mais noventa peças de prata branca, tendo ao pé duas bacias muito grandes, quartas, tocheiras, escalfadores e outras peças semelhantes, tudo de admirável gosto e feitio. Esta prata não tinha uso e só servia de ornato porque a do serviço da mesa, guarda-roupa, Capela e hóspedes era outra - o que nos dá uma suficiente

idéia da opulência dos Brigantinos Duques.

No topo da mesma sala, fronteiro à porta da entrada, estava um dossel riquíssimo todo bordado a ouro e prata sobre veludo carmesim com sanefas e goteiras bordadas por maneira diferente com as Armas da Casa, de tal modo que ocupavam uma grande parte do dossel. Debaixo deste havia um estrado grande alcatifado em que se punha a mesa para os Duques comerem em público nos dias solenes. De noite alumiava-se esta sala com duas grandes tocheiras de prata.

A mesma sala seguia-se ao longo a antecâmara da Duquesa. Estava armada de telas de ouro e de tela frisada com alcachofras de prata com franjas ao redor de ouro e carmesim, dossel de tela de ouro aveludada de carmesim com alcachofras de ouro e prata, com as sanefas e goteiras bordadas de tela sobre ouro e algumas cadeiras voltadas para a parede que eram de veludo carmesim com franjas de ouro e retrós.

A casa da Guarda-roupa do Duque ficava-lhe à mão esquerda. Estava com uma armação de tela de ouro e veludo carmesim, um de cada casta (porque ficava no quarteirão da Duquesa que tinha esta armação), dossel de cetim encarnado guarnecido de tela de ouro e a guarda-roupa coberta com seda igual à do dossel.

Outra casa da Duquesa estava armada com panos de tela de ouro e de tela frisada com alcachofras de prata e franjão ao redor de ouro e retrós carmesim; dossel de tela de ouro aveludada com alcachofras de ouro e prata, sanefas e goteiras bordadas de tela sobre tela de ouro. Na casa estavam cadeiras de veludo carmesim com ferragem e cravagem dourada e franjas de ouro e carmesim. Uma grande tocheira de prata a iluminava de noite.

A câmara da Duquesa (que era ao longo depois da antecâmara) foi armada de tela de ouro e carmesim, frisada, com alcachofras de ouro e prata, dossel de tela de ouro com as Armas da Casa bordadas no meio e todo o mais campo de ouro e prata de relevo com sanefas bordadas e retocadas. Debaixo do dossel estavam duas cadeiras no mesmo gosto; e perto do dossel corria um estrado ricamente alcatifado no qual estava armado um leito com os balaústres vestidos com mangas bordadas e retocadas conforme o dossel, sendo tudo o mais em correspondência; as maçanetas eram tecidas de fio de ouro e prata; o sobrecéu e cortinas da cabeceira e ilharga eram do mesmo bordado e feitio; as dos pés e ilharga de fora de tela ligeira amarela de flores de prata, verde e encarnado, forradas de cetim encarnado lavrado de

ouro e prata; os alamares das cortinas, de fio de ouro e prata; pano do bufete, de tela bordada como o dossel. No mesmo estrado adiante da cama estavam quatro almofadas, todas bordadas da mesma sorte que as mais peças da câmara; e fora dele uma cadeira rasa de veludo em que se punha um castiçal grande de prata com um brandão.

Seguia-se a casa da Guarda-roupa da Duquesa, a qual foi armada de panos de tela de ouro e damasco carmesim; e a guarda-roupa com um dossel de cetim carmesim guarnecido de faixas de tela e coberta com um pano igual ao dossel.

A esquerda desta casa ficava a câmara em que a Duquesa se toucava, com janelas sobre o jardim (que hoje se chama *das Damas*); e estava armada de panos de tela e damasco, assim como a Guarda-roupa, ficando-lhe imediato o Oratório ornado com grande perfeição e grandeza.(1)

A referida Guarda-roupa seguia-se na fachada o quarto da Senhora D.Catarina; e tanto a sala como a antecâmara e a câmara estavam armadas de guardamecins azuis. Na antecâmara havia algumas cadeiras voltadas para a parede: eram negras com a cravagem envernizada. Na câmara estavam quatro almofadas de côr azul sobre uma esteira junto à cama que tinha por coberta um pano branco.

O último quarto, junto à Capela, era o dos Senhores D. Duarte, D. Alexandre e D. Filipe, comum a todos três, e ficava contíguo aos aposentos de sua mãe. A sala desse quarto era armada de panos de veludo roxo e tela branca, com sanefas de tela amarela retocada, dossel de tela frisada de ouro com alcachofras de ouro, sanefas e goteiras bordadas de ouro retocadas sobre veludo carmesim; e debaixo do mesmo dossel uma cadeira de brocado, além da qual havia na casa três cadeiras, duas de tela amarela e uma carmesim e algumas outras de veludo também carmesim com pregaria dourada e voltadas para a parede. O pano do bufete era conforme ao do dossel.

Seguia-se a antecâmara, guarda-roupa e câmara destes Senhores que também era comum a todos três (porque sempre costumavam por ordem de Sua Al-

---

(1) Este oratório é uma casinha de abóbada, toda com pinturas religiosas, onde os Duques tinham Imagens e Relíquias de Santos. Uma janela quadrada e pequena, que lhe ministrava a claridade, está hoje num saguão perto da Casa de jantar. A câmara de se toucar a Duquesa é hoje interior e só com porta para a varanda; ali mesmo estiveram os cadáveres da Duquesa D. Leonor de Gusmão e António Alcoforado quando se lavrou o auto deste caso.

teza, a Senhora D. Catarina, dormir na mesma câmara); e tudo estava ricamente ornado com dosséis e o mais preciso para o respeito de tão grandes Senhores.

Aqui termina a descrição antiga reproduzida pela *História Genealógica*, da qual tomo ainda as seguintes observações: 1ª - A razão de se acharem as cadeiras viradas para a parede era pelo costume de se não oferecerem a pessoas que não fossem Fidalgos de qualidade ou Ministros de graduação. 2ª - - Encontram-se na mesma descrição termos antigos de fatos, drogas e modas que então vogavam na Corte de Madrid e que não são fáceis de entender. Substituí-los por outros era impossível; por isso conservei-os.

CAPITULO L

Novos engrandecimentos da Capela Ducal. Fundação da Ermida de Santo Eustáquio. Dita do Colégio dos Padres da Companhia. Dita do terceiro Convento da Piedade. Morte da Duquesa D. Catarina; seu carácter moral e religioso. Fontes Grande e Pequena e seus acessórios, e do Alandroal. Relógio do Concelho. Visita de D. Teodósio II a D. Filipe III de Castela em Elvas na sua vinda a Portugal e aplausos que lhe fizeram na mesma cidade. Sua assistência às Cortes de Lisboa e desfeita que lhe fizeram alguns soldados Castelhanos. Seus protestos ocultos contra os juramentos de fidelidade aos Reis de Espanha.

I

Por ocasião de referir os notáveis melhoramentos que D. Teodósio II fez no seu Paço do Reguengo, esqueceu-me de registar os que na mesma época fizera à sua Capela, e foram os seguintes. Deu-lhe Estatutos novos que podem ler-se nas *Provas* da *História Genealógica*[1] e impetrou do Papa Clemente VIII uma Bula, datada de 18 de Setembro de 1601, e que se acha registada nas ditas *Provas*,[2] pela qual a Capela dos Duques de Bragança ficou sendo isenta da jurisdição dos Arcebispos de Evora.

Em 1604 havia nesta vila onze lagares de azeitona, segundo uma procuração dos seus donos ou rendeiros dada em 12 de Novembro do mesmo ano.

II

Os leitores Calipolenses deveriam ter notado no capítulo precedente que, por ocasião de se descrever, ainda que muito sumariamente, a Tapada se falasse ali de Ermidas existentes na mesma Tapada quando a de S. Jerónimo ficava fora dela e eu só dei por ora notícia da fundação da Ermida

---

(1) *Tomo 4, nº 258.*
(2) *Ibid, nº 254.*

de Nossa Senhora de Belém. A razão disso, porém, é porque a Ermida de Santo Eustáquio foi fabricada por este mesmo Duque D. Teodósio II, conforme diz a *História Genealógica*,[1] a fim de se retirar para ali alguns dias e orar com sossego e recolhimento.

Foi edificada a Ermida de Santo Eustáquio em 1624 como diz uma lápide que está nas traseiras dela.

III

A mais célebre porém das edificações religiosas de D. Teodósio II é o Colégio dos Padres da Companhia de Jesus, obra feita à custa do seu bolsinho, e que no ano de 1604 chegou a ponto de poder começar a funcionar ali o Instituto de Santo Inácio de Loiola.

A nossa vila medrava então a olhos vistos; e já foi preciso que este Colégio fosse construído sobre os muros ocidentais e se lhe destinasse para cerca ou horta um pedaço do Campo do Carrascal, até esse tempo considerado como baldio e não alindado, como agora, para largo público de recreio.

No dito ano de 1604, a 28 de Junho, assinou o Padre António Mascarenhas com o Duque a escritura de doacção desta Casa Professa à Companhia de Jesus, como direi mais largamente nas *Memórias Especiais*, e desde então começaram a residir nela alguns Padres. Estes, porém, não eram já estranhos na nossa vila, pois que desde que o Duque planeara e combinara edificar o Colégio vieram logo alguns daqueles Padres estabelecer-se entre nós, como diz a *História Genealógica*[2] referindo até os seus nomes que eram: o Padre Pedro de Novais que tinha sido Lente de Prima e Reitor da Universidade de Evora e fora agora nomeado primeiro Propósito deste Colégio; o Padre Diogo Valente que morreu sendo Bispo do Japão; e o Padre António de Abreu que se finou sendo Provincial neste Reino.

O que nos resta, pois, saber é onde residiam estes Jesuítas durante as obras do Colégio que se dilataram por alguns anos. A tradição explica isso muito aceitavelmente e alguns documentos antigos o confirmam. Estiveram na casa nobre situada na rua dos Fidalgos quase em frente da travessa da Amoreira e servia-lhes de Capela a casa rasteira ao sul do pátio;

---

(1) Tomo 6, pág. 550.
(2) Tomo 6, pág. 502. Provas, tomo 4, nº 260.

hoje é uma lagareta com celeiros por cima, obra feita nos nossos dias por Ernesto Maria Vidigal Montenegro, depois de subrogar um foro que pertencia à Casa da Misericórdia.

Conquanto a Igreja do Colégio ficasse algum tanto mais pequena do que a de Nossa Senhora do Amparo dos Paulistas no Rossio, sobreleva-lhe em magnificência porque o frontispício é de mármore distribuído em galerias de arquitectura clássica, assim como o frontispício do Paço Ducal. Mas faltaram e faltam-lhe ainda as cúpulas das torres, bem como duas faces do claustro - obras que o Duque D. João II devia acabar, conforme a disposição testamentária de seu pai, e que não pôde levar a efeito por ser chamado pela Nação Portuguesa a reger os seus destinos em 1640.

1604 - As sisas das correntes renderam 605$ réis neste mesmo ano.

Os oficiais da câmara neste ano foram: Pero Brandão de Sousa, Juiz de Fora; António de Figueiredo, Manuel Mislega e António de Ataíde Pinto, Vereadores; Manuel Lourenço Franco, Procurador do Concelho.

As rendas do "verde e campo", da almotaceria e da portagem eram da câmara; as sisas, do Estado; e a imposição e aposentadoria, da fazenda do Duque.

No seguinte ano de 1605, a 8 de Abril, nasceu o Príncipe Herdeiro, que veio a reinar com o nome de Filipe IV. A Câmara festejou o seu nascimento com demonstrações públicas de regozijo, empenhando-se na quantia de 120.000 réis que ficou devendo ao mercador Francisco Pinto, donde resultou venderem-se no ano seguinte alguns foros da Câmara para pagamento daquela dívida. Assim consta do Tombo 1º da Misericórdia porque esta compra um foro de 100 réis que pagava pela horta da Coutada pertencente a António Lameiro.

1605 - Estevão Roiz arrematou à fazenda do Duque a imposição do sal e aposentadoria por dois anos em 135.000 réis cada uma e as propinas de 50 alqueires de sal para o Duque, uma resma de papel para o Provedor da sua fazenda e 4.000 réis de mantimento do escrivão da aposentadoria.

Em 7 de Outubro arrendou a Câmara a folha da coutada da ribeira de Borba a Pero Mendes de Matos em 90.000 réis por estar endividada.

Era Ouvidor da Comarca nesta época o licenciado António Botelho.

Ano de 1606 - Oficiais da Câmara: Francisco Nunes Vieira, Juiz de Fora; António de Saiar, Fernão de Castro e Agostinho Pires, Vereadores; Pero Gomes, Procurador do Concelho.

Arrematações: da portagem em 185$ réis; do verde e campo, 80$ réis.

Foi escassa a colheita de trigo neste ano. Por isso a Câmara contratou em 10 de Junho com Lopo Roiz de Estremoz o exclusivo do fornecimento da casa do trigo, indo buscá-lo estrangeiro a Lisboa e levando para isso carta rogatória da Câmara para a de Lisboa o deixar sair.

Obrigação do fornecimento de carnes verdes em Abril: vitela a 23 réis o arrátel; carneiro concertado a 20; porco macho (pelo Natal), idem; marrã a 18; carneiro por concertar a 17; vaca a 15; chibato a 12; cabra a 10.

1607 - Oficiais da Câmara: Francisco Nunes Vieira, Juiz de Fora; Rui de Sousa Pereira, Pero Cordeiro (mais velho) e António de Matos, Vereadores; Manuel Ribeiro, Procurador do Concelho; Tomé Fernandes, Tesoureiro.

Rendas camarárias: da portagem por Manuel Pazes em 180$ réis e as ordinárias; da almotaceria e limpeza da vila por António Bugalho em 100$ réis e as ordinárias.

Assaboaria de Vila Viçosa, ou monopólio do sabão, era privilégio dos herdeiros de Cristóvão de Melo. Gaspar Fernandes arrendou-a por 6 anos (1607-13) a 90$ réis cada um.

Ano de 1608 - Os dízimos do Cabido de Evora juntos com os de Borba são arrendados por Miguel de Alcalá em 300$ réis, 4 arrobas de cera ou 130$ réis o arrátel; 4 porcos gordos ou a 2:500$ réis, 40 queijos de ovelhas ou a 120$ réis e 4 resmas de papel ou a 80$ réis.

A portagem é arrendada em 200$ réis e as ordinárias a Manuel Pazes.

Ano de 1609 - Oficiais da Câmara: Francisco Nunes Vieira, Juiz de Fora; D.Diogo de Melo, Teodósio Leitão e Rodrigo da Guerra, Vereadores; Manuel Peres de Faria, Procurador do Concelho.

Renda do verde e campo 73$ réis e as ordinárias.

Sisa dos panos que era do Estado, 60$ réis.

Neste ano repartiu-se uma finta de 1 milhão e 700$ cruzados.

Trinta e oito cidadãos assinam em 11 de Fevereiro uma procuração a Solicitadores e Advogados para reclamarem contra a injusta repartição da finta.

Ano de 1609 - Remonta a este ano a instituição do Colégio dos Santos Reis, obra de D.Teodósio II. Em 9 de Dezembro era Reitor o licenciado Padre Bartolomeu Couraça e havia 5 alunos internos, os quais todos passa

ram uma procuração ao licenciado Gaspar Simões, nas notas de André Luís da Parreira para requerer sobre a pensão de 40$ réis que Sua Santidade lhes concedera sobre os frutos da Igreja de S.Pedro na diocese de Braga.

1610 - Arrematada a portagem por Manuel Pazes em 185$ réis e as ordinárias.

Oficiais da Câmara: Francisco Nunes Vieira, Juiz de Fora; António de Saiar, Pedro de Sousa de Brito e Gaspar da Nobrega, Vereadores; Francisco Nunes Amado, Procurador do Concelho.

A renda do campo foi arrematada por Martins Fernandes em 73$ réis e as ordinárias, agora aumentadas com duas pontes de lagens onde lhas mandassem fazer ou 3$ réis.

Arrematação das carnes verdes até à Páscoa de 1611: vitela e carneiro capado a 18$ réis o arrátel; porco macho (pelo Natal) idem; marrã, 17; carneiro não capado, 15; vaca a 13; chibato a 9; cabra a 8. Em dois talhos, a saber: no açougue do concelho e no dos Clérigos, no adro de S. Bartolomeu.

Em Setembro já cá estava um novo Juiz de Fora: licenciado Bartolomeu de Valadares que era de Borba.

1612 - Oficiais da Câmara: João da Guerra Castanho, mais velho, António de Ataíde Pinto e Manuel de Matos, Vereadores; Simeão Leitão, Procurador do Concelho.

A renda do verde e campo é arrematada por Manuel Fernandes Boquinha em 71$ réis.

Era agora Ouvidor da Câmara o licenciado Gonçalo da Rocha Raugel e Juiz de Fora o licenciado Tomás Lopes de Leão.

A renda mestral dos dízimos de Aviz foi arrematada por António Nobre em 607$ réis fora as ordinárias. Era a comenda desta já pertencente ao Convento de Aviz.

1613 - André Pires arremata a renda do campo e verde em 72$ réis e as ordinárias.

Oficiais da Câmara: Tomás Lopes de Leão, Juiz de Fora; D.Diogo de Melo, Manuel Vaz Carvalhal e Padre de Vilalobos Miranda, Vereadores; Manuel Lourenço Franco, Procurador do Concelho.

1614 - Assaboarias desta vila são arrendadas em 22 de Janeiro por Lopo Fernandes Mesas, de Estremoz, a João Fernandes em 100$ réis anuais, e por tempo de seis anos. Era o monopólio entre fabrico; mas o preço do

sabão era taxado pela Câmara segundo o custo do azeite.

Oficiais da Câmara: António de Saiar (mais velho), Pedro de Sousa de Brito e Inácio do Rego de Andrade, Vereadores; António Roiz Ledo, Procurador do Concelho.

Arrematada a renda do verde e campo em 78$ réis por Afonso Alvares, Espanca de alcunha ou anexim.

Manuel Dias arrenda a portagem no lanço de 180$ réis: tudo com as propinas ordinárias.

Era agora Ouvidor da Comarca o licenciado Nuno Nogueira.

19 de Maio - é arrendada a comenda mestral de Aviz por Simão Fernandes e outros em 680$ réis.

1615 - Oficiais da Câmara: Brás de Vilalobos (mais velho), Rui de Sousa Pereira e Manuel Lopes Gastão, Vereadores; Manuel de Oliveira, Procurador do Concelho,

São arrendadas as sisas das correntes a André Alvares em 620$ réis.

A venda da almotaceria e limpeza da vila é arrematada por Domingos Gonçalves Cotovio em 90$ réis.

Afonso Alvares, o Espanca, torna a arrematar a venda do verde e campo em 74$ réis; todos com ordinárias.

A imposição do sal e aposentadoria do Duque é arrendada a Francisco Roiz Lameira em 150$ réis e as propinas ordinárias.

1616 - Oficiais da Câmara: licenciado Gonçalo da Rocha Raugel, Juiz de Fora; Lopo da Guerra Castanho, Gaspar da Fonseca, Vereadores; Pero Gomes, Procurador do Concelho.

Manuel Fernandes arremata a renda do campo em 70$ réis e as ordinárias.

O imposto do cabeção ou sisa do cabeção é arrematado por Estêvão Roiz em 1:053$226 réis.

Pero Fernandes arremata ao Duque a imposição do sal e aposentadoria em 150$ réis e as propinas do costume.

Manuel de Sequeira arremata a comenda mestral de Aviz desta vila em 700$ réis por 6 anos.

1617 - A portagem é arrematada a Manuel Dias em 141$ réis e as ordinárias.

Oficiais da Câmara: Gonçalo da Rocha Raugel, Juiz de Fora; Agostinho Pires, D.Diogo de Melo e Manuel Foreiro, Vereadores; Procurador do Concelho, Simeão Leitão.

As sisas das correntes foram arrematadas em 660$ réis por Manuel Mendes Bugalho e Francisco Mendes, parceiros.

A renda do campo foi tomada por Manuel Fernandes em 70$ réis.

A renda dos dízimos do Arcebispo de Evora nesta vila e em Borba, foi arrematada em 500$ réis e as propinas: 2 arrobas de cera ou a 150 arráteis; 4 porcos gordos ou a 2:500$ réis; 4 resmas de papel ou a 800$ réis; 20 alqueires de azeite ou a 400$ réis.

O licenciado Bartolomeu de Valadares era Ouvidor da Câmara.

Francisco Mendes e seu parceiro trouxeram na coutada 402 carneiros e venderam-nos em 7 de Outubro aos obrigados de Elvas a 610$ réis cada um. Opõe-se a Câmara à sua saída: 1º - por terem sido engordados com pasto do concelho; 2º - por serem cá precisos para os talhos. E não saíram.

1618 - Neste ano escreve Francisco de Morais Sardinha no Castelo o seu Parnaso de Vila Viçosa.

Em 7 de Outubro vem a esta vila Alvaro Lopes Filipe e faz avenças com diversos negociantes para meterem gados e mercadorias em Castela como João V. da Barcarrota e outros lavrando as escrituras disso, pois Portugal era independente de Castela no seu governo e só tinha de comum o Rei.

Entrou neste ano para Juiz de Fora o licenciado Francisco Botelho de Abreu.

E arrematada a obra da mármore da Fonte Grande em Dezembro com obrigação de estar acabada até Outubro do seguinte ano de 1619, no lanço de 380$ réis fora as despesas de esgoto na ocasião de assentar-se a cantaria do jazigo. O desenhador foi Pedro Vaz Pereira, arquitecto do Duque e o executor e arrematante foi Pedro Alvares Moniz, canteiro de Estremoz. O preço desta empreitada saiu de 1 real de água que a Câmara fez para este fim.

Eram os Oficiais da Câmara: Inácio do Rego de Andrade (mais velho), Fernão Lobo de Melo e Francisco Madeira de Figueiredo, Vereadores; António Franco, Procurador do Concelho.

1619 - Oficiais da Câmara: Manuel Lopes Gastão (mais velho), D. António de Melo e João da Mata Guilherme, Vereadores; Francisco Pereira, Procurador do Concelho.

Manuel Ribeiro arremata a sisa dos panos em 30$ réis.

São eleitos Procuradores da nossa vila às Cortes de Lisboa: Trocádio de Andrade que era escrivão da fazenda do Duque em Lisboa e António Ro-

drigues, recebedor das sisas dos bens de raíz que parece ter o Diabo, filho de Baltazar Roiz Diabo, pessoas da classe média. A procuração foi lavrada em 10 de Junho nas notas do tabelião André de Barros. A Câmara dá-lhes poder, não só para votar no que fosse proposto nas ditas Cortes "como em qualquer outra coisa que a eles Procuradores lhe parecer que é necessário e convém ao bem comum desta vila ou de seu termo ou deste Reino, e tudo assinarão em nome da dita Câmara."

Note bem: não há notas de 1620 nem de 1621 até Junho.

1621 - Oficiais da Câmara: Gonçalo Mendes Mergulhão e Manuel da Cunha do Carvalhal, eram Vereadores.

1622 - Oficiais da Câmara: António de Morais Sardinha (mais velho), Pero de Sousa Pereira e João Vaz Sepa, Vereadores. António Fernandes, Procurador do Concelho.

Arrenda Manuel Fernandes a renda do verde e campo em 60$ réis.

As sisas das correntes foram arrematadas por Francisco Mendes, tendeiro, em 690$ réis.

Foi arrendada a portagem por Salvador Monteiro em 160$ réis.

Não havia Juiz de Fora. Havia 4 advogados com estritório aberto e eram os licenciados Gaspar Fernandes de Torres, Francisco Soares, André Álvares e Gaspar Martins.

1623 - Oficiais da Câmara: Agostinho Pires (mais velho), Fernão Roiz de Brito e Manuel Lopes Gastão, Vereadores; Simeão Leitão, Procurador do Concelho. Manuel Nunes Sancho e Francisco Martins arrendam as sisas das correntes em 650$ réis e as ordinárias.

É arrematada a renda do verde e campo em 56$ réis por Francisco de Araújo.

1624 - Oficiais da Câmara: Brás Vilalobos (mais velho), Rui da Silva e João Barroso, Vereadores; Fernando Álvares, Procurador do Concelho.

Torna Francisco de Araújo a arrendar a renda do verde e campo, mas em 54$ réis e as ordinárias.

A renda da vila ou da almotaceria é arrematada em 60$ réis e as ordinárias por Simão Fernandes.

Funda o Duque a Ermida de S.Eustáquio no Monte da Atalaia na sua Tapada.

1625 - É arrendada a portagem por Manuel Nunes Sancho em 75$500 réis.

Oficiais da Câmara: D.António de Melo, Fernão de Sande e Manuel da

Silveira, Vereadores; Gaspar Dias, Procurador do Concelho.

1626 - Oficiais da Câmara: Francisco de Morais Sardinha (mais velho) Manuel Mendes Homem e Pero de Sousa Pereira, Vereadores; Paulo Roiz Cocheiro, Procurador do Concelho.

É arrendada a portagem por Manuel Nunes Sancho em 160$ réis e as ordinárias aumentadas em 2$ réis para papel ou despesas da Secretaria da Câmara.

1627 - Oficiais da Câmara: Inácio do Rego de Andrade, (que faleceu neste ano), Gonçalo Mendes Mergulhão e Fernão Roiz de Brito, Vereadores; Manuel Leitão, Procurador do Concelho. Inácio do Rego foi substituído por António da Silveira.

É arrendada a portagem a Manuel Roiz Moreno em 198$ réis e as propinas ordinárias, onde continuam a figurar 2$ réis para despesas da Secretaria. Belchior Soeiro, trapeiro, arrenda a sisa dos panos em 55$ réis.

Houve neste ano um empréstimo forçado para o Estado; recaiu cá nos mercadores e negociantes em colectas de 4$ réis a 20$ réis, sendo repartidas pelo Procurador da Comarca de Evora e somou em 214$ réis.

Os colectados venderam em 25 de Agosto as suas colectas ao licenciado Fernão Mexia e passaram-lhe procuração para ele poder requerer padrão de juro em seu favor.

Vem para Juiz de Fora o licenciado Francisco da Silva.

1628 - Oficiais da Câmara: Manuel Foreiro (mais velho), João Barroso e Rui de Sousa Pereira, Vereadores; António Roiz Diabo, Procurador do Concelho. Não havia Juiz de Fora.

Simão Fernandes arremata a renda da almotaceria e limpeza da vila por 65$ réis e as ordinárias. A portagem foi arrematada por Manuel Roiz Moreno em 190$ réis e as ordinárias em que continua os 2$ réis para despesas da Secretaria da Câmara.

1629 - Juiz de Fora o licenciado Francisco de Mira Vogado.

Neste ano vem uma alçada presidida pelo licenciado Gaspar Pereira de Sampaio; avoca a si os processos instaurados e recebe querelas. Foi grande o número de pessoas acusadas, não escapando os poderosos da vila como Manuel de Sousa de Abreu, André Mendes Lobo, Afonso Correia de Abreu, Secretário do Duque, António de Abreu da Costa, que violentara as filhas de Francisco Soeiro, ferreiro; João Nunes do Carvalhal e outros põem-lhes as fazendas em praça para pagamento de multas e custos e fá-las arrendar

por todo o preço oferecido. Cortou rijamente por todos fazendo justiça inteira.

1630 - Oficiais da Câmara: Francisco de Mira Vogado, Juiz de Fora; D.Luís de Noronha, António da Silveira e Sebastião Vaz Almirante, Vereadores; Paulo Roiz Cocheiro, Procurador do Concelho.

Luís Fernandes arremata a sisa dos panos em 40$ réis.

A renda da almotaceria é arrematada por João Roiz em 60$ réis.

Foi escassa a colheita do trigo neste ano. Por isso o Duque vendeu tudo o que tinha em Arraiolos a 280$ réis o alqueire a António Roiz Correia e seu sócio, lavrando-se escrita de obrigação em 27 de Dezembro.

Governava já o Ducado o novo Duque D.João II.

1631 - Oficiais da Câmara: Francisco de Mira Vogado Juiz de Fora; Manuel da Cunha Carvalhal (mais velho), Jerónimo Valejo de Màris, Vereadores; Paulo Nunes Magro, Procurador do Concelho.

Há neste ano um empréstimo forçado de 200 e tantos mil cruzados de que El-Rei passou padrões de juro real.

Em Fevereiro já estavam satisfeitas as cotas.

Era o Ouvidor da Comarca o licenciado Gaspar Vaz de Sousa.

1632 - André Mendes arrenda por 260$ réis os dízimos do cabido de Évora em Vila Viçosa e Borba.

1633 - Oficiais da Câmara: licenciado António de Faria Machado, Juiz de Fora; Manuel Lopes Gastão (mais velho), Pero de Sousa Pereira e Manuel da Silveira, Vereadores; Gaspar Dias, Procurador do Concelho.

João Soares arremata a renda do campo em 75$ réis e as ordinárias.

1634 - Oficiais da Câmara: António de Faria Machado, Juiz de Fora; Fernão Roiz de Brito, Gonçalo Mendes Mergulhão e António Cavide, Vereadores; António Franco, Procurador do Concelho.

Manuel Pereira arremata a portagem no lanço de 220$ réis e João Roiz Pote arrenda da almotaceria em 60$ réis.

Várias pessoas se fintam (caso raro) para formar a soma de 80$ réis a favor de Luzia da Conceição, escrava do Duque, a qual sabia escrever com o fim de se resgatar da escravidão. Aceita-os o Duque e passa-lhe Carta de alforria em 25 de Novembro (1634).

Vem a esta vila o impressor de Évora Manuel de Carvalho, chamado pelo Duque, e imprime as obras médicas do Dr. André António de Castro.

1635 - Oficiais da Câmara: António de Faria Machado, Juiz de Fora;

Gaspar Cão Lobo, Luís de Abreu de Melo e Jerónimo Valejo de Màris, Vereadores; Paulo Roiz Cocheiro, Procurador do Concelho.

João Roiz Pote arremata a renda da almotaceria em 70$ réis.

A portagem é arrendada por Manuel Pereira em 185$ réis e as ordinárias, em que se contam 3$ réis para papel de Secretaria da Câmara.

A 14 de Julho põe o Duque a primeira pedra da actual Igreja de Santo Agostinho.

O terradigo das feiras neste ano, foi arrematado por António Gonçalves Goraz em 30$ réis.

Em 9 de Agosto entra o Duque em Evora com seu irmão Alexandre e aposenta-se no Convento da Cartucha (foi assistir ao casamento do Marquês de Ferreira D.Francisco de Melo).

O cabido com o fim de obsequiá-lo delibera dar-lhe assento na Capela-mor, não obstante a resolução tomada em capítulo para se não admitir pessoas estranhas ao mesmo cabido.

A sua entrada na cidade repicam os sinos da Sé, Paróquias e Conventos.

Algumas companhias de soldados e os ministros da Justiça o esperam à Ponte da Lagoa.

No dia seguinte visitaram a Sé e as relíquias da mesma sendo recebidos à porta pelo cabido com o Santo Espinho debaixo do pálio.

Beijada a relíquia e aspergidos com água benta dirigiram-se à Capela das Relíquias onde beijaram e adoraram o Santo Lenho. Encaminharam-se depois à Capela-mor onde estiveram sentados no lugar do Deão, que estava armado com sitial.

Houve sermão pregado pelo Padre Gaspar Correia da Companhia de Jesus, ao Evangelho da Missa que se cantou com a maior solenidade.

No fim o cabido foi acompanhá-lo até à porta e mandou visitá-lo na Cartucha por dois capitulares da Sé. Foi o Duque ao Colégio da Companhia onde nesse dia jantou e à tarde assistiu a uma tragi-comédia que se representou em honra dele (Arquivo Eborense, Nº 2).

1636 - Oficiais da Câmara: Manuel da Cunha Carvalhal (mais velho), António Pereira de Lacerda e João da Fonseca, Vereadores; João Roiz da Costa, Procurador do Concelho.

Arremata Manuel Pinto, almocreve, a renda do campo em 73$ réis.

Este ano de 1636 foi de fome por ter sido escassíssima a colheita de 1635. Em Março estava o trigo a 400 réis o alqueire e ainda chegou, por

fim a 500.

Faz-se neste ano o moinho ou engenho de papel, à Ribeira de Borba.

Compra o propósito dos Jesuítas, Padre Gaspar da Silva, quatro prédios de casas com quintais no adro de Santa Luzia e S.Bartolomeu, para ali edificarem a sua igreja nova.

1637 - Oficiais da Câmara: Luís de Matos (mais velho), D.Gomes de Melo e Pero de Magalhães, Vereadores; Manuel de Araújo de Sá, Procurador do Concelho.

Henrique Fernandes arremata a sisa dos panos em 20$100 réis e Bartolomeu Fernandes a do campo em 100$ réis e as ordinárias em que entram 600 réis para tinta e areia da Câmara.

Ainda cá estava o Juiz de Fora Machado. Entra, mais tarde, o Juiz de Fora Pedro Fernandes Monteiro.

1638 - Oficiais da Câmara: António da Silveira (mais velho), Fernão Roiz de Brito e Domingos do Rego de Andrade, Vereadores; Gaspar Dias, Procurador do Concelho.

Manuel Nunes Sancho arremata em 125$ réis a portagem.

A sisa dos panos é arrematada por Manuel Roiz Sirgueiro em 33:500$ réis.

Vem neste ano a Vila Viçosa o Senhor D.Duarte, já militar na Alemanha e renuncia em favor do Duque seu irmão a herança que lhe cabia de seu irmão D.Alexandre, isto em respeito às muitas despesas que o dito Duque fizera com a sua ida para a Alemanha.

Era agora Ouvidor da Comarca o licenciado Inácio da Costa.

12 de Janeiro - Fiança do rendeiro da vila António Pinto em 69$500 réis e as ordinárias.

19 de Janeiro - Dívida de Francisco Roiz Carapatelho à sisa das correntes em 970$ réis.

1639 - Oficiais da Câmara: Manuel da Silveira de Sande (mais velho), Rui Lopes de Sousa e Diogo de Sousa Tavares, Vereadores; Paulo Roiz Cocheiro, Procurador do Concelho.

E arrendada a portagem a António Mendes em 203$ réis. Nas ordinárias figuram 2$ réis para papel da Secretaria da Câmara.

Filipe Fernandes arremata a sisa dos panos em 40$ réis.

Crescia o preço do gado suíno gordo.

André Mendes Lobo e o licenciado Afonso Nobre venderam em 19 de Novem

bro, a António Franco e outro, 59 porcos gordos, a 2:900 réis cada um, do que se lavrou escritura de dívida.

IV

Já contava, pois, a nossa vila sete conventos: três de Freiras e quatro de Religiosos, todos os quais procuravam melhorar-se.

Agora estavam outra vez os Capuchos a quererem edificar nova Casa no cômoro da Ermida de S. Lázaro, sito nas faldas orientais do Outeiro do Ficalho, onde hoje se vê; e conseguiram-no porque tinham bons protectores numa vila populosa e rica. Não consideravam já o seu Convento como simples casa religiosa como outrora, mas como sede ou cabeça da Província Capucha da Piedade e, portanto, convinha dar-lhe a amplidão de uma Casa Capitular onde era de direito fazerem-se as assembleias eleitorais para os cargos da Província referida, etc.

Posta, pois, a nova empresa sob a protecção de muitos opulentos e pios Calipolenses e principalmente do Duque D. Teodósio II e sua mãe D. Catarina que era muito afecta aos Minoritas, projectou-se a fundação de uma Igreja e convento novos com mais largas proporções que os dois antigos. O dia prefixo para se pôr a primeira pedra com as cerimónias religiosas do estilo foi o 26 de Julho de 1606, dia da Gloriosa Santa Ana. O Duque D. Teodósio II colocou por suas mãos essa primeira pedra em que estava gravado o seu nome, assistindo-lhe seu filho o jovem Duque de Barcelos, seus irmãos D. Duarte e D. Filipe e os oficiais e Fidalgos da sua Corte. Duraram as obras só quatro anos porque a fábrica primitiva abrangia tão somente a Igreja e o claustro contíguo à mesma. Mais tarde é que o edifício foi acrescentado com dormitórios novos, nova escada e oficinas.

Enquanto se trabalhava nas primeiras obras, obtiveram os Frades o consentimento da Ordem de Aviz, por intervenção do Duque, para ser demolida a Ermida de S. Lázaro que estava na parte mais alta do cômoro, ocupado agora pelo Jardim da Palmeira e pelo pátio das oficinas. A imagem do Santo Bispo de Marselha passou para a vizinha Ermida de S.Tiago onde se conserva ainda.(1)

---

(1) Fr. Manuel de Monforte - Crón. da Província da Piedade, pág. 616.

V

No seguinte ano de 1607 a 7 de Novembro finou-se a Duquesa D. Ana de Velasco, ficando assim viúvo D. Teodósio II com pouco mais de quatro anos de casado. Não acho memória do aparato com que seriam celebradas as suas exéquias; é porém crível que fossem feitas com a grandeza própria da sua categoria e do justo sentimento de seu marido. Teve sepultura no côro de baixo das Chagas.

Não menos sensível do que este foi o golpe que o mesmo Duque sofreu a 15 de Novembro de 1614: considerou-se então viúvo duas vezes pelo falecimento de sua mãe, a quem ele estremecia e que foi sempre a sua mentora enquanto viveu.

D. Catarina tinha um carácter enérgico e decidido, como se tem visto; e não obstante orgulhar-se com o seu Real sangue, como neta de El-Rei D. Manuel, sobrinha do Cardeal Rei e filha do Infante D. Duarte, rejeitando o tratamento de Duquesa, preferindo o de Senhora D. Catarina[2] e aceitando com gosto o de Alteza, não deixava de ser ao mesmo tempo afável até para os pequenos, porquanto Frei Manuel Calado, seu contemporâneo, refere que nas tardes de estio costumava sentar-se à janela de sacada que está na *Casa de Lisboa*, situada hoje sobre a arca do Chafariz de El-Rei, ficando porém a dita janela para a avenida que conduz à porta do Nó e Borba, e ali se recreava com a vista de tantas gentes que entravam e saíam pela dita Porta do Nó, perguntando muitas vezes principalmente às mulheres quem eram, onde iam, etc.[3]

Os seus sentimentos religiosos eram muito profundos e com esses mesmos educou seus filhos. Há quem lhe atribua a fundação das Igrejinhas de S.

---

(2) Panorama, vol. V, pág. 310.
(3) Valeroso Lucideno, log. cit.

João Baptista e Santa Luzia, como disse atrás. Fez testamento; nele recomendou ao Duque, seu filho, que favorecesse o Convento da Piedade (dos Capuchos) e mandou que a amortalhassem num hábito de burel destes Frades, sobrevestindo-lhe outro de Freira de Santa Clara, para ter sepultura no côro de baixo das Chagas, onde jazia sua mãe a Infanta D. Isabel, e que estava sendo o cemitério das fêmeas da Dinastia Brigantina.

D. Catarina teve casa sua, não obstante viver sempre junta com o Duque seu filho; e por isso comprou alguns prédios, entre os quais se memora a Horta do Carrascal que deixou ao mesmo Duque para ficar anexa à outra do Reguengo, pertencente ao Paço, como hoje acontece; melhorou-a, porém, explorando águas no sítio do Carvalho para abastecê-la melhor, visto que só tinha uma nora. Desta exploração resultou depois a Fonte do Carrascal, como direi adiante.

VI

A propósito desta fonte, ocorre-me dar notícia das outras. Frei Manuel Calado, que florescia já no fim do século XVI, deixou-nos uma descrição das Fontes Pequena, Grande e do Alandroal,(1) o que mais tarde também fez António de Oliveira Cadornega, contemporâneo do Duque D. João II.(2) Nenhum, porém, nos fez a graça de contar-nos quando e por quem foram feitas estas fontes, de sorte que vemo-nos obrigados a calcular que fossem construídas com mármores entre os anos de 1550 a 1600 ou na segunda metade do século XVI.

Como tenho tenção de ocupar-me desta matéria com miudeza na Segunda Parte, deixarei consignado aqui somente o seguinte.

A Fonte Grande, foi fabricada como hoje é no ano de 1619. Onde agora está o chafariz de bestas, havia um lavadouro de roupa chamado Balona e construído em 1590.

A Fonte Pequena repuxava para a parte que hoje é traseira e corria espontâneamente pela frente, sendo bem ornada de mármores - forma que perdeu no ano de 1686, como direi, quando lá chegarmos. Das suas sobras se

---

(1) Ibid.
(2) Descrição de Vila Viçosa. M.S.

formou pouco mais ou menos onde está o lago actual um chafariz de bestas muito amplo e um lago com um cavalo de pedra no meio, por cuja boca e ventas saía a água para ele. Tudo isto teve de deixar de existir em 1686 quando a Fonte foi rebaixada por não poderem as suas sobras saír à superfície do solo se não já no Largo da Fonte Grande.

A Fonte do Alandroal era menos aparatosa, mas já passara de Poço a Fonte por meio de uma funda escadaria com que se chegou a tirar viva a sua água posta a varrer para as hortas do Ribeiro do Rossio. Conservou-se, porém, o reservatório ou poço antigo, tomando a nova construção o nome de *Fonte do Poço do Alandroal*. Há quem diga ter estado nesta época encostada à arca, isto é, virada para o sueste, sendo posta no ano de 1760, como hoje está, com o frontispício para o poente.

VII

Outro notável melhoramento da nossa vila respectivo aos fins do século XVI ou princípios do seguinte é o relógio do Concelho. Dele faz menção o autor do *Parnaso de Vila Viçosa*, escrito em 1618, encarecendo a grandeza do seu sino que alguns lhe disseram ser ouvido em Vila Boim, a três léguas de distância, e era o maior sino de todo o Reino.(1)

Isto se confirma de algum modo com o letreiro do actual que diz: *Caracena me quebrou, sendo eu de grandeza tal, que não havia outro que me igualasse em todo o Reino de Portugal*. Daí lhe veio o nome de Caracena por que é vulgarmente designado. Tal facto (o da partição do sino) sucedeu no cerco da nossa vila em 1665 e será narrado a seu tempo.

Cadornega, porém, elucidou a situação deste relógio descrevendo a Praça velha e dizendo que havia junto dela duas torres: uma (a de Homenagem) com o relógio; e outra com o sino de correr do Concelho,(2) a que chamamos agora *Caracena velho*. Creio que o primitivo relógio data do último quartel do século XVI e que Morais, se quisesse, podia-nos dar até o ano certo da sua inauguração.

---

(1) L. 2, cap. 15.
(2) Descrição de Vila Viçosa.

VIII

Continuemos agora com a biografia do nosso Duque D. Teodósio II.

Vivia ele placidamente na sua terra quando em 1619 lhe chegou notícia de que El-Rei D. Filipe III se encaminhava a Portugal para aqui reunir Cortes e fazer jurar nelas seu filho do mesmo nome como herdeiro presuntivo da Coroa deste Reino. Como viesse por Badajoz a Elvas, marchou D.Teodósio para Vila Boim em 11 de Maio levando consigo seu filho D.João, Duque de Barcelos, que contava quinze anos de idade e acompanhando-os uma soberba comitiva de mais de seiscentas pessoas com grande ostentação.

No dia seguinte, que era domingo, depois de ouvir Missa, partiu para Elvas e foi hospedar-se no Convento dos Capuchos, situado extra-murus, da parte do poente, ou aquém da cidade, indicando assim quanto ele prezava aqueles fradinhos.

Eu não quero ser nimiamente difuso nos factos relativos aos Duques de Bragança quando se não acham estreitamente ligados com a história da nossa terra ou não foram nela ocorridos e por isso remeto os meus leitores para a *História Genealógica* e também para a *Descrição de Vila Viçosa* por António de Oliveira Cadornega onde ele relata episódios curiosos desta viagem do Duque. Aqui só direi o principal.

Ao Convento dos Capuchos concorreu grande número de Elvenses nobres a visitar o Duque de Bragança e também alguns Fidalgos Castelhanos ali o foram cumprimentar primeiro que ele saísse a fazer a sua visita a El-Rei.

Na segunda-feira, 13 de Maio, é que ele entrou em Elvas fazendo-lhe o povo uma brilhante ovação. *Viva o nosso grande Duque!* era o grito plausivo das multidões que o rodeavam e as Damas das janelas completavam esta demonstração de favor, simpatia e regozijo popular lançando-lhe nuvens de flores sobre o coche, de sorte que apenas faltou ser recebido com pálio para esta entrada ser festejada como Régia.

Os Castelhanos viram com maus olhos esta ovação dos Elvenses e procuraram ainda alguns Fidalgos indispôr o ânimo de El-Rei para com o Duque; porém, debalde porque El-Rei D.Filipe, cognominado o Pio, era muito bondoso e não lhes deu ouvidos. Não deixarei no silêncio uma coisa que me lembra ter lido na *Descrição* de Cadornega acerca desta visita e é a seguinte. Depois das saudações do estilo, perguntou El-Rei ao Duque: - *Como passa*

V. Excelência o tempo em Vila Viçosa? O Duque respondeu: - *Real Senhor, eu, como velho, com as contas na mão e meu filho, como montanhês, caçando na nossa tapada...* A isto reflecte o mesmo Cadornega que tanto era montanhês o Duque D.João II que no exercício da montaria o foram encontrar os conjurados de 1640.

D. Filipe recebeu com muita benevolência a D.Teodósio substituindo o beija-mão por um abraço e apenas deu a mão a beijar ao jovem Duque de Barcelos.

Na retirada mostrou-se o Bispo D.Sebastião de Matos Noronha não menos obsequioso para com o Duque do que os seus diocesanos, pois mandou-lhe repicar os sinos da Sé e das mais Igrejas enquanto saía da cidade.

Não se demorou mais tempo, visto que tinha cumprido suficientemente os deveres de urbanidade para com o Chefe do Estado. Tornou ao Convento dos Capuchos a despedir-se dos seus hospedeiros e ainda nesse dia veio dormir a Vila Boim. No dia 14 estava já na sua casa.

IX

No seguinte mês de Junho dispunha-se em Lisboa o ajuntamento de Cortes onde o Duque devia figurar como Condestável e, portanto, forçoso lhe foi comparecer naquela cidade. Entrou ali a 30 do referido mês levando também consigo o Duque de Barcelos e o competente séquito de Fidalgos e criados da sua Casa e pessoa. Quando foi cumprimentar El-Rei, alguns soldados Castelhanos que estavam de guarda ao Paço, afectaram desconhecê-lo e embargaram-lhe os passos. Ele, porém, com singular abnegação e prudência os deteve, dizendo: - *Deixai-me entrar que se não pode fazer sem mim esta festa.* E entrou.

Pior foi o que ocorreu no fim das Cortes. A comitiva de D.Teodósio era deslumbrante e se não excedia pelo menos igualava a de El-Rei; por outra parte, os aplausos da Nobreza e Povo de Lisboa manifestavam uma clara simpatia pelo primeiro Cidadão Português e legítimo Rei de Portugal. Daqui procediam rivalidades entre os Fidalgos e criados de Filipe III e os do Duque de Bragança. Assim, pois, ao passar este por uma rua, no fim da sessão das Cortes, altercaram os seus criados com uns soldados Castelhanos havendo entre estes quem se atrevesse a apontar o mosquete contra D.Teodósio. Ele, porém, seguiu o seu caminho sem fazer caso desta bruta-

lidade.

Poucos dias depois tornou ao Paço para se despedir de El-Rei que aliás o tratava optimamente; e vendo o Soberano que o Duque lhe não pedia mercê alguma, lembrou-lho ele mesmo estranhando até a abnegação de D. Teodósio; mas este, com igual generosidade, respondeu-lhe: - *Os avós de Vossa Majestade deram tanto à minha Casa que a desobrigaram de ter que pedir!...*

Partiu, pois, para Vila Viçosa deixando os Castelhanos assombrados de tanta grandeza de alma e tanto desinteresse!

X

Colisão terrível para D.Teodósio II era sem dúvida o ter que deferir juramento de fidelidade ao Rei de Castela porque *negá-lo* seria concitar as iras dos Espanhóis contra si e meter-se em dificuldades gravíssimas, até fatais para a sua pessoa e Casa; e *deferi-lo* era de algum modo abdicar o seu direito à Coroa Portuguesa.

Escolheu, pois, nesta alternativa sem meio termo o dar o juramento de fidelidade com reserva mental do caso em que a Nação Portuguesa o chamasse à sucessão do Trono; e cada vez que o deferia lavrava um protesto contra o dito juramento como extorquido por medo grave, conservando estes documentos no seu Paço com muito segredo. Eram referendados em Vila Viçosa por Manuel de Oliveira, Notário Apostólico.

XI

D. Filipe, o Pio, finou-se pouco tempo depois (a 31 de Março de 1621); e sucedeu-lhe seu filho do mesmo nome, cognominado *o Grande*.

Neste reinado, terceiro da intrusão Castelhana, foram diminuindo os respeitos pela Nacionalidade Portuguesa, considerando-se antes a este Reino como simples província Espanhola, o que foi motivo para acordar os brios da nossa Fidalguia e pensar-se em restaurar o Trono Português com uma dinastia própria e independente.

D. Teodósio II intentou casar seu filho com uma princesa que estivesse à sua altura e assim começou a negociar-lhe os esponsais com D. Ana Carrafa, Princesa de Stigliano e Duquesa soberana de Sabioneta. Baldadas foram, porém, as suas diligências porque a política Espanhola, visando já a desprestigiar a Casa de Bragança, achou meios para desvanecer a realização deste casamento.

CAPITULO LI

Complemento da reedificação da Igreja Matriz. Fundação do Colégio dos Reis. Dita das Capelas dos Passos de Cristo. Projecto da nova reedificação da Capela-mor e Cruzeiro de Santo Agostinho com túmulos pomposos para os Duques. Carácter eminentemente religioso de D. Teodósio II. Seus últimos momentos; suas exéquias; sua figura e sua descendência.

I

É tempo de tornar a falar aos meus leitores nas obras da reedificação da Igreja Matriz, concluídas ou ao menos feitas na sua maior parte durante a vida do Duque D. Teodósio II; e quando não houvesse outras provas disso, achá-las-íamos nas cimalhas ou impostas triangulares dos seus três pórticos, fabricadas à semelhança das que têm as janelas do andar nobre do Paço Ducal e foram, como dito é, mandadas construir por este Duque. Mas, nem Morais, nem Calado, nem Cadornega, todos contemporâneos desta reedificação quiseram fazer-nos a graça de lhes devermos sequer uma sinopse da história dela. Eis o motivo da sua obscuridade.

Eu já disse atrás alguma coisa a este respeito, constatando que a Ordem de Aviz principiara esta obra, como Padroeira da Paróquia, e que em 1579 já se contavam muitos anos desde que haviam sido empreendidas. Quando, pois, foram ultimadas? Não sei dizê-lo com segurança; contudo, posso asseverar que no registo paroquial dos óbitos de 1614 e anos seguintes mencionam-se enterramentos na Igreja Nova, o que indica estarem já concluídas, faltando quando muito as decorações interiores.

Há uma obra histórica intitulada *Santuário Mariano* e escrita (sobre informações na sua maior parte) no primeiro quartel do século XVIII pelo Estremocense Frei Agostinho de Santa Maria. Diz ele, tratando desta Igreja, que a reedificara o Duque D. Teodósio II e que, não logrando vê-la concluída em seus dias, recomendara a seu filho e sucessor que continuasse o que faltava e eram as abóbadas, telhados, etc., deixando-lhe para este fim vinte e cinco mil cruzados em caixa.(1) Isto, porém, não é verdadeiro:

(1) *Tomo 6, Tít. 60, pág. 197.*

1º - porque do testamento e declarações apensas ao testamento de D.Teodósio II nada consta a tal respeito, nem a *História Genealógica* faz menção desta empresa como intentada ou efectuada pelo mesmo Duque; 2º - porque os documentos oficiais que citei mostram ser a Ordem de Aviz a promotora da reedificação; 3º - porque o gosto da arquitectura religiosa do tempo de D. Teodósio não era já aquele de naves sem cruzeiro e raras cantarias. Aquela feição é mais antiga, se bem que o templo tarde viesse a concluir-se.

Não ponho dúvida alguma em que o Duque referido contribuisse e grandemente para aquelas despesas, sendo ele e seus pais, bem como seu filho, muito devotos da Virgem Imaculada e protectores da sua casa de Vila Viçosa, pois qualquer pode ver hoje ainda na tabela dos Irmãos do Santíssimo da dita Matriz uma legenda semelhante à da Confraria da Misericórdia: *Duque de Bragança, protector desta Casa de Nossa Senhora*. A meu ver gastou-se ali dinheiro da Ordem de Aviz, dos Duques (principalmente de D. Teodósio II e de muitos devotos de Nossa Senhora da Conceição.

Podemos, portanto, calcular o princípio desta reedificação em 1569 e o seu acabamento em 1614.(1)

Não posso dar notícias mais circunstanciadas.

II

Obra que com certeza realizou o Duque D. Teodósio II é a fundação do *Colégio dos Reis*, chamado também *Seminário*, sob a tutela dos Santos Reis Ma

---

(1) Cadornega atribui esta obra a D. Teodósio II, acrescentando: "E acabou de dar fim a sua fábrica a cristandade do nosso invicto Restaurador D. João IV." Não sei porém, se nisto aludirá às pequenas obras em 1643, de que darei notícia a seu tempo.

gos. Dele falam Calado e Cadornega, tantas vezes citados, dando-lhe o nome de Colégio de Moços do Coro.

O fim da sua instituição era criar ministros para a Capela Ducal e músicos principalmente para não ser preciso contratá-los fora da terra.

Pelas notícias de Frei Manuel Calado se conhece que este Colégio funcionava já no primeiro quartel do século XVII ou durante a vida de D. Teodósio II, custeando ele as despesas do seu bolsinho. Mas a sua formal instituição data do ano de 1628, em que o mesmo Duque fez o testamento, com que faleceu. É nesse testamento que ele formou a dotação do seu Colégio assinando-lhe para os seus gastos as sete hortinhas do Orelhal, etc., mas entregando a administração deste património aos seus sucessores.

Seu filho assim o cumpriu, organizando o instituto em forma, o que miudamente explicarei nas *Memórias Especiais* e ainda nestas *Gerais* em lugar mais oportuno.

Foram muito grandes os proveitos que Vila Viçosa e outras povoações, principalmente circunvizinhas, colheram desta casa de educação, cujo edifício próprio ainda subsiste na Ilha próximo da Porta dos Nós (antiga).

III

Ao tempo e até à piedade do mesmo Duque e sua mãe D. Catarina se devem atribuir as Capelas dos Passos de Cristo que hoje servem na procissão anual dos Passos realizada no Domingo segundo da Quaresma.

Que estas capelas não são mais velhas do que o Duque referido prova-o a situação de cada uma e a sua própria estrutura, principalmente a do *Passo da Praça*, encostado à Igreja do Espírito Santo e denunciando por isso mesmo uma origem posterior.

Estes Passos conservavam-se abertos nas sextas-feiras de Quaresma, como ainda hoje nalgumas terras, para serem visitados pelos penitentes que adoptavam essa devoção. O Duque D. Teodósio II fazia-o e até descalço, como adiante veremos. E é por isso que eu calculo terem sido fundadas estas Capelas cerca do fim do século XVI ou do tempo da formação da célebre Cruz do Santo Lenho quando os Jesuítas vieram estabelecer-se entre nós.

IV

Outra obra importante que D. Teodósio II planeou, e, já lembrara também seu pai, foi a reedificação do cruzeiro e Capela-mor da Igreja de Santo Agostinho, tantas vezes já reformada, para ser o panteão dos Duques e seus irmãos, construindo ali mausoléus soberbos para seu jazigo.

Era já tarde quando pensou nisto. Encomendou tal empresa a seu filho e sucessor e, por não estarem ali entretanto os seus ossos confundidos sob entulhos de uma grandiosa obra, ordenou num codicilo que o sepultassem interinamente na Capela-mor do Convento de S. Paulo.

Seu filho, porém, fez mais: começou a reedificar aquela Igreja desde a primeira pedra para que a obra ficasse com unidade e perfeição de arquitectura, como veremos adiante.

Como as Notas remontam ao tempo deste Duque, pude verificar que ele e seu filho o Duque D. João II tiveram sempre lavoura. Aparecem fianças de vários para servirem os cargos de maiorais de ovelhas, de touros, etc., assim como vendas de gados e leite de cabras e ovelhas. Até D. João II, sendo ainda simplesmente Duque (em 1638), mandou para Lisboa uma grande porção de carneiros (1.100) para lá se venderem nos talhos. Este vendeu a António Cordeiro e outro, em 1633, 1.460 ovelhas a 630 r. cada uma (escritura de 2 de Setembro). Em 1636 vendeu a Manuel Pereira e outro 2.629 velos de carneiros e ovelhas a 140 réis, do que se lavrou escritura por não serem pagos à vista. Em 1638 vendeu 55 vacas ao obrigado Manuel Roiz. Quem figurava nestes negócios era o Couteiro-mor.

V

Visto sermos já chegados ao fim da biografia de D. Teodósio II, é tempo de darmos conhecimento do seu carácter moral e religioso, conforme o descreve o autor da *História Genealógica*.

Tinha por costume jejuar todas as sextas-feiras e sábados; comungava amiúdo ou pelo menos de quinze em quinze dias; e não se aproveitava do indulto Apostólico outorgado à sua Casa para uso de ovos e lacticínios em dias de jejum e de simples abstinência, nos quais nem vinho bebia. Acom-

panhava sempre o Sagrado Viático, ainda que fosse de noite; e rezava todos os dias o Ofício Divino, o do Santíssimo Nome de Jesus e o Psalterio de S. Boaventura para obter a graça de uma boa morte. Todas as quintas-feiras de Endoenças vestia de ponto em branco doze pobres no lava-pés da sua Capela; e no dia da festa da Rainha Santa Isabel, canonizada em 1625, dava um grande jantar a outros doze e a uma menina de cinco anos, fazendo-os sentar à mesa em companhia de seus irmãos e filhos e servindo-os ele mesmo com religiosa humildade. Como o seu Paço era uma casa de muito bulício, retirava-se frequentemente à casa de três janelas e arcos redondos que fabricou no segundo andar alto, para ali recitar as suas devoções com recolhimento, o que também fazia na Ermida de Santo Eustáquio, achando-se em diversão campestre na Tapada. Foi casado, como vimos, só pouco mais de quatro anos e todavia Calado, Cadornega e outros que o conheceram de perto afirmam que só com a dita sua mulher tivera relações maritais.

Ouçamos o dito Calado. "Tinha o Duque de costume cavalgar e correr em público com toda a Fidalguia da sua Casa quatro vezes no ano. A primeira em dia de Santo António, a quem fazia assinaladas festas. A segunda em dia de S. Tiago. "Neste dia" mandava arvorar no seu Castelo muitas bandeiras e estandartes de guerra; e numa grande oliveira que está[1] junto da porta principal da Igreja, mandava pôr a sua bandeira com as Armas Reais de Portugal e ali, depois de fazer oração ao Santo Apóstolo, subia a cavalo e com todos os Fidalgos da sua Casa corria e mandava fazer sua festa de cavalo. A terceira vez era em dia de S. João Baptista, que se venera no Carrascal, largo pegado às casas da vila, ficando a Igreja em distância de um tiro de espingarda... Neste dia saía o Duque a cavalo por a manhã ao romper d'alva e ia ouvir Missa na Igreja de S. João, cantada com grande solenidade; e depois de a ouvir, corria uma carreira à porta da Igreja do Santo Baptista e todos os seus Fidalgos com ele adornados de curiosas librés e ricas vestiduras, e se tornava para os seus Paços; e pela tarde mandava correr jogo de canas com grande aparato no seu Terreiro do Paço." Adiante diz que a quarta vez em que o Duque fazia cavalhadas era em dia de Nossa Senhora da Conceição. Depois continua:

"Morta a Senhora Duquesa D. Ana de Velasco, não tornou o Duque D. Teodósio a casar porquanto era tão amigo da castidade que, segundo afirmam

---

(1) Estava.

seus criados antigos e modernos e as pessoas eclesiásticas que mais sabiam da sua vida e costumes, em toda a sua vida não conheceu outra mulher senão aquela com que foi casado. Tratou de criar os seus três filhos na pureza da Santa Fé Católica e bons e louváveis costumes, dando-lhes por Mestre o Doutor Jerónimo Soares, varão de grande prudência, letras e virtudes, o qual se desvelou muito para que aqueles príncipes saíssem consumados em todos os bons costumes. Também os mandou ensinar em algumas artes mecânicas, segundo a inclinação de cada um, porque para Príncipes tudo isto é necessário para sair ao encontro às adversidades que as mudanças dos tempos costumam trazer consigo. Foi o Duque D. Teodósio varão de santos e louváveis costumes e sua vida mais parecia de um perfeito Religioso que de Duque e Príncipe secular. Todos os dias rezava o Ofício Divino das Sete Horas canónicas; humildade nele era natural e tanto que, se não era em um dia de festa e ostentação, sempre andava vestido de um traje ordinário. Suas palavras eram cheias de benignidade; seu semblante majestativo, porém muito alegre; mentira nunca jamais se ouviu de sua boca. Gostava muito de tratar com pessoas consumadas em letras e virtude; grande aborrecedor das vaidades do mundo; inclinado a ler livros santos e honestos.

Quando saía por a Quaresma a correr os Santos Passos, ia descalço e vestido todo de luto com opa de rabo, o qual levavam três ou quatro Moços da Câmara. Na Semana Santa, desde que se encerrava o Santíssimo Sacramento na Quinta-feira até ao dia de Páscoa que se cantava a Aleluia, não saía do coro de sua Capela nem se deitava em cama, antes ali estava em oração acompanhando o Santíssimo Sacramento, o qual até ao dia de Páscoa estava encerrado com grande perfeição. No dia de Quinta-feira da Ceia, depois da pregação do Mandato, mandava mostrar ao povo o Santo Sudário que é o verdadeiro lençol em que foi amortalhado e posto no sepulcro o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo e este é o maior morgado da Casa de Bragança. E o modo com que se mostrava ao grande número de gentes que naquele dia se ajuntavam ali de todas as vilas circunvizinhas era este. Vestia-se o Duque de luto e descalços os pés, e seus irmãos e filhos, e cada um com sua tocha acesa nas mãos iam ao Oratório secreto da Casa, no qual estão muitas santas relíquias, e por um sacerdote, o qual ordinariamente era o Padre Jerónimo Dias, seu esmoler, varão de grande virtude, mandava abrir um cofre forrado por fora e por dentro de veludo negro matizado com pregaria e fer

ramenta de prata, no qual estava outro cofrezinho mais pequeno, de altura de um palmo e quatro de comprido, também forrado de veludo negro e com pregaria e ferramenta de ouro. Dali tirava o Padre o Santo Sudário, não com poucas lágrimas derramadas por os olhos do santo Duque. E com grande veneração e silêncio vinham sair a uma janela que cai sobre o Terreiro da Porta dos Nós,(1) a qual estava toda armada de panos de damasco negro; e dali o mostrava o sacerdote ao povo. E eram tantas as lágrimas, soluços e gemidos de todo o povo vendo a própria figura de Cristo Nosso Redentor ali estampada que eu me não atrevo a escrevê-lo com a pena.(2)

Na Quinta-feira da Ceia do Senhor lavava o Duque os pés a doze pobres e lhes dava de comer, servindo-os à mesa e os vestia com vestidos honestos; e com tanta humildade fazia este acto que em todos os circunstantes causava devoção e lágrimas originadas de compunção. No dia de Páscoa da Ressurreição fazia o Duque uma grandiosa festa e assoalhava todos os ornamentos eclesiásticos que tinha no tesouro da sua Capela e mandava armar suas mais bizarras tapeçarias pelos lugares por onde havia de passar a procissão do Santíssimo. E não somente os seus Capelães iam com capas de Asperges de brocado e tela fina, mas também era lícito e permitido a todos os sacerdotes daquela vila, os quais são muitos, o entrar na sacristia da sua Capela com suas sobrepelizes, onde o Tesoureiro-mor os revestia a todos com capas.

Acompanhavam esta procissão todos os Cavaleiros das quatro Ordens Militares que serviam a Casa de Bragança assistentes em Vila Viçosa, todos com os seus Mantos e Insígnias Militares de Cristo, de S. Tiago, de S. Bento de Aviz e de S. João de Malta. A música era a melhor que em Portugal havia porque se prezava o Duque de ter na sua Capela os melhores músicos do Reino e lhes dava grandes partidos e, se eram sacerdotes, pensões nos benefícios que vagavam em suas terras. Os estrondos dos atabales, charamelas e trombetas, as folias e chacotas atroavam os ares com suave melodia. E o Duque com seus irmãos, enquanto os teve, e depois com seus filhos e com alguns Fidalgos da primeira classe, parentes da Casa, levava as varas do pálio debaixo do qual ia o Santíssimo.

---

(1) Queria dizer da Ilha, cerca do tesouro da Capela.

(2) Deste sudário não há hoje memória em Vila Viçosa. Provavelmente foi daqui levado por El-Rei D.João IV com as muitas relíquias guardadas no Oratório particular da Casa, cuja relação pode ver-se no Tomo 4 das Provas da História Genealógica.

Os entretenimentos do Duque eram ir a ver fazer várias curiosidades de vidro em dois fornos que ali tinha dos muros do seu Paço para dentro com oficiais estrangeiros, Mestres na arte deste ministério. Muitas vezes ia à sua Tapada que é a melhor coisa que tem Espanha pela abundância de diferentes castas de animais que nela tem e se criam depois de trazidos de longes terras e outras vezes se ia à caça de porcos monteses, coisa a que era inclinado."(1)

VI

Depois de vermos este quadro da vida particular de D. Teodósio II, traçado por uma testemunha ocular dela se bem que protegido seu, vejamos, como foram os seus últimos momentos. É a primeira notícia desta natureza que se encontra na *História Genealógica*.

Adoecendo por efeito de um cirro no baço, deu na morte os sinais de bom cristão que já tão manifestamente dera em vida para verificar a bela sentença atribuída a S. Bernardo: *Talis vita, finis ita*.

Fora ele bem morigerado; até desde menino mostrara repugnância quando nos jogos infantis ouvia a seus companheiros alguma palavra menos decente e as pessoas que viviam com impureza nunca puderam conseguir que delas fizesse cabedal.

Em Janeiro de 1628 achara-se já gravemente enfermo e por isso fez testamento no qual recomendou a seu filho D. João que protegesse os Mosteiros de Vila Viçosa; deixou dois mil cruzados ao de S. Paulo, naturalmente para se acabarem algumas obras necessárias que faltavam; e aos Capuchinhos e Freiras, grossas esmolas; dotou largamente o Colégio dos Reis, por ele mesmo fundado; mandou que seu filho continuasse as obras da Casa Professa (Colégio da Companhia) sem alteração alguma da traça dela; e aumentasse a grandeza, já esplendorosa, da Capela Ducal.

Atalhou-se a enfermidade por então, prolongando-se-lhe a vida por mais dois anos, ainda que sempre num estado achacoso que só terminou com a sua morte sucedida a 29 de Novembro de 1630, de seis para sete horas da manhã, contando ele 62 anos, 6 meses e um dia de idade.

---

(1) Descrição de Vila Viçosa no Valeroso Lucideno, págs. 94 e seg.

Como a doença foi longa, recebeu por duas vezes o Sagrado Viático e a Extrema Unção na casa chamada *Camarinha* onde costumava dormir e onde faleceu. Ao seu passamento assistiram os Superiores dos Conventos de Vila Viçosa e os do Bosque de Borba, Montes Claros e Serra d'Ossa com outros Padres seculares e regulares que lhe rezaram constantemente o ofício da agonia nas vinte e quatro horas que ela durou. Dizendo o salmo *In te Domine speravi* e repetindo as palavras *et in domum refugii, ut salvum me facias*, expirou... Mas antes disso tinha pedido ao Guardião dos Capuchos, pelo amor de Deus, um hábito para a sua mortalha.(1)

Amortalhado, pois, assim o cadáver, foi logo depositado numa sala onde se armaram quatro altares para se dizerem Missas por sua alma, achando-se o féretro circundado por grande número de tochas acesas que o alumiavam. E isto o que hoje chamam *câmara ardente*.

A tarde, assim que se rezaram Vésperas na Capela Ducal, deu-se princípio a um ofício fúnebre na câmara ardente. Entraram nela primeiramente os Frades Capuchos e cantaram o primeiro Nocturno, concluindo o seu superior com a oração pela alma do Duque. Após eles, chegou a vez aos Paulistas, que cantaram o segundo. E assim coube o terceiro aos Agostinhos, seguindo-se nisto a ordem da antiguidade de suas Casas nesta vila. As Laudes foram cantadas pelo Cabido da Capela, sendo os três primeiros salmos de fá-bordão, os outros dois de canto-chão e o Benedictus igualmente de fá-bordão.

Depois disto ordenou-se o préstito fúnebre que devia acompanhar o cadáver pela rua dos Fidalgos, Terreiro dos Padres da Companhia, rua de António Homem e Rossio até à Igreja de S. Paulo, em cuja Capela-mor havia de ter sepultura provisória até se construirem os novos túmulos em Santo Agostinho. Adiante de tudo ia a bandeira e campainha da Santa Casa da Misericórdia; logo atrás caminhavam os Meninos Órfãos guiados pela sua Cruz; depois um cento de pobres com tochas de quatro pavios; em terceiro lugar a Irmandade do Santíssimo da Matriz; em quarto a Irmandade da Misericórdia; em quinto a Comunidade dos Capuchos com quarenta e sete Frades; em sexto a dos Paulistas com quarenta e cinco; em sétimo a dos Gracianos com trinta; em oitavo os Clérigos das duas Freguesias da vila - os da Matriz de Borba e a Capela Ducal, todos com as suas Cruzes e esta diferença: os

(1) *Isto de mortalhas em hábitos de Capucho ou de Clarissas quanto a fêmeas, era usança geral que durou até à extinção das Ordens Religiosas.*

Capelães da Casa iam na ala direita e o Clero das Paróquias na esquerda em número de quarenta e seis Clérigos, não constando qual fosse o dos Capelães do Duque e mais ministros daquele Cabido. Em último lugar ia o Prior de Santa Maria do Castelo (Matriz) com pluvial negro e detrás dele a tumba da Misericórdia com o cadáver.

Junte-se agora no fim o séquito dos Oficiais maiores e menores da Corte do Duque, a sua Guarda e criados e imenso povo e far-se-á uma ideia deste enterro que atravessou a nossa vila de norte a sul.

No dia 30 continuou a celebração de Missas rezadas nos quatro altares da câmara ardente; e por ser impedido com a festa do Apóstolo Santo André, ficaram as exéquias solenes adiadas para o dia primeiro de Dezembro. Às três horas da tarde começou-se em S. Paulo o Ofício de Vésperas, Matinas e Laudes, achando-se a salmear 33 Capuchos, 46 Paulistas, 24 Agostinhos, 24 Clérigos da vila e outros tantos Capelães da Capela Ducal, em duas bancadas que desde a Capela-mor se estendiam até ao alpendre. No dia primeiro de Dezembro foi a Missa cantada de Pontifical pelo Bispo de Portalegre.

As Comunidades Religiosas de Vila Viçosa celebraram ofícios fúnebres por espaço de trinta dias consecutivos.

VII

D. Teodósio II era de pequena estatura, como nos diz Cadornega, seu contemporâneo, acrescentando logo que não tinha pequeno espírito. A sua presença era gentil, louros os cabelos e os olhos azuis, a tez do rosto alva mas com boa mistura de vermelho.

Era grande aborrecedor de modas extravagantes. Tinha paixão pela música e por isso atraíu para o coreto da sua Capela os melhores cultores desta arte que havia em Espanha. Observarei de passagem que já então havia órgãos entre nós, deixando os cantos de ser executados somente a vozes solas ou quando muito acompanhadas por um só baixo de instrumental. Porém, o ofício e Missa de Requiem das suas exéquias, tudo foi executado a canto-chão.

Também se começou a usar nesta época a pompa das orações fúnebres no púlpito (panegíricos do finado), ainda que nesta ocasião não foi posta em

prática, mas pôs-se no ofício bi-aniversário de 1632 sendo impresso o seu elogio fúnebre.(1)

VIII

Teve D. Teodósio II três filhos e uma filha que se chamou Catarina e morreu pequena.

Os varões foram: D. João II, que lhe sucedeu na Casa Ducal e veio a ser Rei deste Reino; D. Alexandre, que seguiu a vida eclesiástica e, falecendo em 1637, foi também sepultado em S. Paulo junto de seu pai donde a seu tempo foram trasladados os seus ossos para o Cruzeiro de Santo Agostinho junto à porta do Sol ou da Graça, da parte de baixo, ficando seu tio do mesmo nome da parte de cima; e D. Duarte, que morreu solteiro no Castelo de Milão, como direi a seu tempo.

Só o primogénito deixou descendência.

---

(1) Encontra-se numa grande colecção da Biblioteca de Évora. Creio ser a primeira oração fúnebre recitada em Vila Viçosa.

CAPITULO LII

Primeiros traços da biografia de D. João II, 7º Marquês de Vila Viçosa, 8º Duque de Bragança e 3º de Barcelos e depois Rei de Portugal. Solenidade do seu baptismo. Sua educação. Seu casamento. Quartos no relógio do Concelho.

I

A D. Teodósio II sucedeu seu filho primogénito D. João, II também do nome, nascido nesta vila em 18 de Março de 1604 e baptizado na Capela Ducal a 25 do referido mês por seu tio D. Alexandre, Arcebispo de Évora.

A cerimónia do baptismo foi feita com uma grande pompa, como se usava já na Casa de Bragança, e por isso vou descrevê-la para os leitores ficarem sabendo como D. Teodósio II, seus irmãos, filhos e netos eram levados à pia baptismal, pois este exemplo servirá pelos casos idênticos.

Achando-se preparada a Capela Ducal com opulentas armações, depois de terem os Capelães rezado Completas no Coro, o Deão subiu ao andar nobre do Paço para dizer ao Duque D. Teodósio que tudo estava pronto para a celebração do baptismo. Então saíu o baptizando da câmara da Duquesa sua mãe D. Ana de Velasco, nos braços de Luís Gonçalves de Menezes, Veador, e com ele Sua Alteza a Senhora D. Catarina, sua avó, o Duque seu pai, o Senhor D. Duarte e o Senhor D. Filipe, seus tios, com todos os Fidalgos, Donas, Damas e Oficiais da sua Corte. As insígnias e utensílios para o baptismo eram levadas pelos seguintes: Cristóvão de Brito Pereira levava o prato da fogaça e a vela; António de Sousa de Abreu o prato e o gomil; e Rui de Sousa Pereira o saleiro. Esta comitiva era precedida pelos Ministros, atabaleiros, trombetas, charamelas, Arautos com Armas, Porteiros da Cana e Porteiros da Maça e todos os mais Oficiais da Casa. Também concorreu o Veador da Senhora D. Catarina, a qual era levada pelo braço por seu filho D. Duarte, tomando-lhe a cauda a Dama D. Francisca de Noronha.

Passando à sala grande ou dos Tudescos, desceram ao Terreiro do Paço e

pelos passadiços e rua da varanda,[1] que se achavam armados com panos de Arrás, entraram na Capela.

A este tempo já estava na dita Capela o Arcebispo de Évora D. Alexandre revestido em Pontifical com capa e mitra e sentado numa cadeira encostada ao altar da parte da Epístola; e da outra do Evangelho estava a Cruz Metropolitana, o Bago e todos os Capelães da Casa com muitos Religiosos que voluntariamente haviam concorrido a este acto.

Assim que o acompanhamento chegou à porta da Capela levantou-se o Arcebispo e com a Cruz diante e o Bago foi em procissão com os Capelães e Religiosos até à porta da dita Capela. Aí mesmo, no meio da portada, estando chegados ao Arcebispo o Duque de Barcelos nos braços de Luís Gonçalves, o Duque de Bragança e D. Catarina, o Deão tirou a mitra da cabeça do Arcebispo e este começou o ofício na forma do ritual. Depois de administrado o baptismo, tocaram em acção de graças os atabales, charamelas e mais ministréis enquanto o Arcebispo subia ao Altar para se despir dos ornamentos e insígnias Pontificais e acompanhar a sua mãe, irmãos e sobrinho para o Paço.

Voltaram pelo mesmo caminho por onde tinham ido e foram à Câmara da Duquesa entregar-lhe o baptizado e dar-lhe os parabéns de ter seu filho feito cristão.

Foram padrinhos do Duque de Barcelos D. João II, seu tio D. Duarte, Marquês de Freichila e sua avó a Senhora D. Catarina, os quais lhe puseram o nome de João em memória de seu avô paterno.

Do mais tocante a este acto, só me resta dizer que o Duque de Barcelos foi acompanhado propriamente por doze Moços da Câmara com tochas na mão, salva a diferença de as levarem apagadas quando foram para o baptizado e de voltarem com elas acesas depois daquele acto por motivo de só agora ser alma cristã e digna de veneração como filha de Deus e representante de uma ilustre dinastia na sociedade civil.[2]

Por esta forma pouco mais ou menos era o cerimonial do baptismo de todos os Senhores da Casa de Bragança.

---

(1) São formais palavras da Hist. Geneal. e designam o corredor do Arco da Porta de Ferro e o outro à mão direita que conduz à claustra da Capela.

(2) Hist. Geneal., Tomo 7, págs. 2 e 3. - No Registo Paroquial da Matriz encontra-se o assento deste baptismo lavrado pelo Prior Fr. Francisco Cubelos de Florença.

II

Era D.João, terceiro Duque de Barcelos desde o seu nascimento conforme a outorga de El-Rei D. João III feita a seu avô do mesmo nome; e sucedendo como sucedeu a seu pai na Casa de Bragança, devia ser sétimo Marquês de Vila Viçosa, oitavo Duque de Bragança, Conde de Ourém e Arraiolos, etc. e Rei de Portugal de direito como representante de sua avó D. Catarina.

Por todas estas razões devia também o Príncipe D. João ter uma educação esmerada; e assim deu-lhe seu pai por aio a D. Diogo de Melo, Fidalgo autorizado pelo sangue, pelo proceder e pelos anos e por mestre ao Doutor Jerónimo Soares Homem, de muita reputação literária e moral.

Soube o Príncipe com perfeição a língua latina e a História Sagrada; mas o seu estudo mais profundo e mais conforme ao seu génio foi o da música na qual teve por mestre a Roberto Tornar, Inglês de nação e católico refugiado entre nós para fugir à perseguição dos Anglicanos. Este Roberto era discípulo de Gui de Gressen que em Madrid recebera lições do célebre Capitan e tinha vindo para Vila Viçosa contratado Mestre Director do coreto da Capela Ducal.

Como se sabe, o Duque D. João dedicou-se à bela arte da música por modo que chegou a ser um notável compositor.

Quanto ao mais da sua educação literária, nada posso acrescentar senão que há quem culpe a D. Teodósio II por não promover a seu filho mais funda e variada instrução; eu, porém, não o faço porque a educação literária dos filhos nem sempre corresponde aos desejos e esforços dos pais. Se pois D. João II não era um Príncipe verdadeiramente instruído, possuia muito bom senso e tanto lhe bastou para ser um dos melhores Soberanos que se têm sentado no Trono de Portugal.

A educação moral e religiosa, sim, essa foi óptima: seu pai ensinou-lha com palavras e com o exemplo; e visto que *o temor de Deus é o princípio da sabedoria*, como dizem os Livros Santos, eis o principal da educação de todo o homem e o que radicou no coração deste Duque, já Rei, os princípios imutáveis da verdade e da justiça - princípios que o resolveram a não entregar os Príncipes Palatinos à República Inglesa de que aliás dependia, etc.

III

Achando-se D. João II ainda no estado celibatário e já com vinte e seis anos de idade quase completos quando seu pai faleceu, cuidou logo em contrair o estado matrimonial a fim de dar sucessores à sua opulenta e nobilíssima Casa. O casamento que se lhe propôs de mais vantagem foi o de D. Luísa Francisca de Gusmão, La Buena, Espanhola, e filha de D. Manuel Afonso Peres de Gusmão, Duque de Medina Sidónia e parente da primeira mulher de D. Jaime. E por isso despediu para Madrid o seu Estribeiro-mor, D. António de Melo, como seu Enviado extraordinário para ajustar este enlace matrimonial.

A primeira notícia de tal ajuste foi recebida pelo Duque de Bragança em 25 de Janeiro de 1632. E portanto às duas horas da tarde do mesmo dia saiu da sua câmara acompanhado por seus irmãos D. Duarte e D. Alexandre para receber a sua Corte convocada extraordinariamente para lhe participar achar-se contratado o seu consórcio com a referida filha de D. Manuel Afonso Peres de Gusmão. Imediatamente lhe beijaram a mão todos os Fidalgos presentes e o felicitaram augurando-lhe um feliz enlace. E baixando à Capela, onde estavam já preparados todos os Capelães e Cantores e o Deão e Dignidades revestidos com capas de tela e chaparia de ouro, procedeu-se a dar graças a Deus por este benefício, entoando o Deão António de Sousa de Brito o Hino Ambrosiano que o Coreto prosseguiu por música a três coros ou a doze vozes. A noite esteve o Paço iluminado com duzentas tochas e a nossa vila pôs também luminárias por este motivo.

O contrato ante-nupcial passou a tratado público, celebrado em Madrid a 17 de Novembro do referido ano de 1632 e foi confirmado por El-Rei D. Filipe IV num Alvará seu, ampliando as vantagens deste casamento com a mercê dos Concelhos de Moz, Rebordãos, Gustér, Castanheira, Verborada e Vale de Prado e a da apresentação de quatro Hábitos da Ordem de S. Bento de Aviz e outros tantos da de Santiago para a Casa de Bragança ficar sendo servida por Cavaleiros de todas as três Ordens Militares Portuguesas que havia nesse tempo, etc.

As concessões feitas pelo pai da noiva foram as seguintes. Obrigou-se a dar a sua filha em dote cento e vinte mil ducados e mais vinte mil em

jóias e coisas pertencentes ao seu enxoval; a pô-la à sua custa na ribeira de Caia; e a aumentar-lhe o dote por sua morte com mais vinte e três mil ducados se o Duque de Bragança não quisesse entrar nas suas partilhas com o Duque de Niebla, seu filho, com a condição porém de que, ainda que o dote ajustado não coubesse nas legítimas de pai e mãe, sempre se lhe havia de fazer certo.

Negociado assim o casamento e confirmado por El-Rei, seguiu-se conduzir a noiva à fronteira de Portugal no princípio de Janeiro de 1633; e porque a história desse casamento e seus festejos públicos merece lugar distinto, dar-lho-ei no seguinte capítulo.

IV

Entretanto se negociava o consórcio do jovem Duque, melhorava-se o maquinismo do relógio do Concelho acrescentando-se-lhe o sinal de quartos entre as horas e por esta causa mandou o mesmo Duque por uma Provisão de 10 de Abril de 1632 que a Câmara Municipal desse anualmente ao serralheiro Bento da Silva dois mil réis por trazer concertado o engenho dos ditos quartos. Era aquele mesmo Bento da Silva que servia de relojoeiro.

CAPITULO LIII

Descrição dos festejos do casamento do Duque D. João II.

I

Ao terminar a descrição dos festejos nupciais, de que vou também ocupar-me agora, diz o autor da *História Genealógica*: "Relatámos estas festas com alguma individuação para que se não perca de todo a memória do antigo tão estimado no bom gosto dos curiosos. Delas se imprimiu um livro em Évora no ano de 1633, feito por Diogo Ferreira, com o título: *Epítome das festas que se fizeram no casamento do Duque D. João, deste nome segundo, e oitavo Duque de Bragança.* Em Sevilha se imprimiu também uma Relação desta festa. Manuel de Galhegos, um dos cientes Poetas daquele tempo, celebrou estas bodas num admirável Poema que se imprimiu em Lisboa no ano de 1635 com o título: *Templo da Memória, Poema Epitalâmico nas felicíssimas bodas do Excelentíssimo Senhor Duque de Bragança e de Barcelos.*"(1)

Acrescentarei a isto que o nosso patrício António de Oliveira Cadornega, testemunha ocular destes festejos, deixou também uma relação e não abreviada dos mesmos festejos na sua *Descrição de Vila Viçosa*, acabada por ele em 1683 e ainda inédita.(2)

Nenhum deles, porém, diz mais que a citada *História Genealógica*,(3) na qual se acham refundidas as notícias de todos e ampliadas com as particulares de memoriais guardados no arquivo da Casa de Bragança. Portanto agora também serei mero reprodutor dela ou quase.

II

No primeiro de Janeiro de 1633 recebeu o Duque D. João II por um Correio expresso a notícia de que a Duquesa noiva D. Luísa partiria da cidade de San Lucar a três do referido mês e a seis chegou-lhe outro expresso com a certe

---

(1) Tomo 7, pág. 40.
(2) Está uma cópia na Biblioteca de Évora.
(3) Ibid. págs. 12 a 40.

za de haver partido efectivamente naquele dia, em vista do que determinou o Duque ir buscar sua esposa à raia partindo para Elvas em onze de Janeiro.

Vestiu-se nesse dia com fato de campo de cor parda, calções e roupeta de damasco frizado cor de amêndoa, alamares largos bordados em ramos de ouro; farragoulo de chamalote de águas com alamares na mesma forma, forrado de tafetá dobrado bordado de laçaria de ouro;(1) chapéu negro, centilho de diamantes, plumas pardas; espada, cinto e adaga dourados com os talabartes de recamado bordado; meias, ligas e rosas pardas com pontilha de ouro; colar grosso de peças de ouro; e as mangas do jubão todas bordadas de ouro.

Os Senhores D. Duarte e D. Alexandre, seus irmãos, vestiram também da mesma cor parda, calções e roupetas de damasco ondeado golpeados sobre tela encarnada; farragoulo de chamalote sem águas, forrados de tela de flores encarnada, alamares de seis voltas de caracolilho de ouro; centilho e jóias de diamantes; plumas pardas; espadas, cintos e adagas douradas; meias, ligas e rosas com pontilha de ouro; colares grossos de peças e mangas bordadas.

Assim vestidos, baixou o Duque D. João com seus irmãos, acompanhando-o todos os Oficiais, Fidalgos e mais Criados Acrescentados da sua Casa; e depois de entrar com os ditos seus irmãos no coche que era de veludo encarnado e ouro com pregaria de prata, as ferragens douradas todas, e tirado por seis mulas, seguiram o caminho de Elvas.

Mas ainda antes de lá os fazermos chegados, irei dizendo como trajava a comitiva em jornada. Os cocheiros tinham vasqueiros de veludo verde com quatro mangas, gorras do mesmo veludo guarnecidas de passamanes de prata e levavam à mão três cavalos: um castanho com sela e porta-montéu de tela encarnada com passamanes e laços de caracolilho de ouro, para o Duque; outro ruço-pombo, para o Senhor D. Duarte, sem outra diferença mais nos jaezes do que ser a tela cor de rosa; e outro melado rodado de branco, para o Senhor D. Alexandre, com jaezes verdes e guarnições de laçaria de prata e verde.

Para a Duquesa iam também dois cavalos. Um deles sobre gualdrapa de veludo negro trazia um silhão de ouro lavrado ao buril e meio relevo com diversas figuras, folhagens e outros desenhos feitos com toda a delicadeza e primor, sendo a gualdrapa toda de bordadura de ouro de diversos lavores

---

(1) O uso dos ferragoulos ou garnachas de pano era por ser tempo frio.

atravessados com chaparia de ouro da mesma largura, de laços travados e meios sátiros e figuras. As cabeçadas, que desciam cobrindo o pescoço desde o arção até aos copos do freio, eram embocadas da mesma chaparia com outra ordem de peças mais pequenas como por guarnição sobre os olhos, que mal se divisavam, tendo um quadro de quatro figuras em círculos presos por um meio globo vazado como rede; as fivelas, ferragens e o estribo, de voltas, de ouro; cobria-se com um teliz de veludo negro com borlas e franjas de ouro e negro. Levava o outro cavalo um silhão de prata com pouca diferença no feitio, guarnições e chaparia também sobre gualdrapa de veludo negro. Ia além disto uma cadeira de mãos e uma liteira de veludo carmesim com pregaria dourada sobre passamanes de ouro. Os Cadeireiros vestiam vasqueiros de veludo encarnado guarnecidos de passamanes de ouro e os Liteireiros na mesma forma.

No dia precedente já tinha ido para Elvas uma bela carroça, feita em Roma, lavrada com grande primor assim nas talhas como nos bronzes dourados, com o tecto de veludo negro forrado de raso encarnado com seis ramalhetes de flores de ouro estofadas, cercada de muitas borlas de ouro e negro e cordões, com as almofadas e encostos de veludo encarnado bordado com laços e flores de ouro; cortinas de damasco franjadas de ouro e as ferragens de ouro de Milão defumadas de ouro fino com diversas formas, tendo em algumas partes as Armas do Duque, principalmente nas cabeçadas donde pendiam quatro borlas de ouro e seda. Os cavalos, que deviam tirar esta carruagem, foram levados à mão até Elvas indo puxando mulas em seu lugar.

Marchavam diante deste vistoso aparato um Trombeta com libré como os Moços da Estribeira e os Timbaleiros e Trombetas montados em cavalos acobertados de verde; várias danças; duzentos soldados de fardamento verde com ligas e bandas da mesma cor, plumas verdes e aleonadas, os quais acompanharam o Duque até regressar a Vila Viçosa. Seguiam-nos vinte e quatro Moços da Câmara vestidos de veludo verde, calções e roupetas golpeadas sobre tafetá branco; os golpes rematados em moscas de prata; mangas de raso azul largueadas de morenilho de prata; farragoulos de pano fino de Segóvia com oito bandas de veludo acaireladas de prata; chapéu e o mais como os Moços da Guarda-roupa que eram oito.

Estes vestiam calções e roupetas de veludo raso verde, golpeados sobre tela branca; botões de prata; os calções com almenilhas; mangas de raso azul agaloado a três galões de prata; e no espaço que havia de uns a outros ga-

lões estavam golpes sobre tela branca; chapéus negros com tranças pequenas; rosas azuis encrespadas de pontilha de prata com muitas plumas brancas e azuis; cintos, espadas e adagas prateadas; farragoulos de racha de Florença verde forrados de espolim azul com altos de flores brancas; meias, ligas e rosas azuis cobertas com pontilha de prata.

Oito Moços Fidalgos iam com vestidos de taby de prata e verde com flores de ouro; roupetas guarnecidas de morenilhos de prata sobre soguilhas de cetim azul; os calções de seis partidos com almenilhas e botões de prata até à liga; os farragoulos de oito forrados de chamalotes de águas, azuis com flores amarelas tostadas; mangas dos jubões do mesmo chamalote em ondas bordadas como de caracolilho de prata; chapéus negros com centilhos de ouro e plumas verdes, brancas e azuis; cintos prateados; meias, ligas e rosas azuis cobertas de pontilha de prata.

Os Porteiros da Câmara do Duque e da Duquesa vestiram-se com calções e roupetas de cetim aveludado negro; chapéus, meias e ligas negras; farragoulos de pano vintedozeno de Segóvia.

Seis Músicos da Câmara iam vestidos quase da mesma sorte.

Seis Porteiros da Cana tinham vestidos calções, roupetas e farragoulos de pano vintedozeno preto.

Vinte e quatro Moços da Estribeira trajavam de veludo verde; farragoulos, calções e roupetas com presilhas de prata; cintos, espadas e adagas prateadas; chapéus negros, tranças torcidas de tafetá branco e azul; ligas do mesmo com as meias azuis; plumas brancas e verdes.

Vinte e quatro homens da Guarda do Duque traziam calções e roupetas atravessados de fachas de veludo azul com vivos brancos; mangas de veludo azul com morenilhos e botões de prata; capas rodeadas de uma facha do mesmo veludo com vivos e os capelos delas com duas fachas; chapéus negros; tranças torcidas de tafetá branco; plumas verdes e brancas; meias azuis e brancas; cintos, espadas e adagas douradas. O seu Tambor ia vestido de tafetá negro, todo coberto de passamanes de prata, com ligas brancas, meias e chapéu negro com trança e plumas brancas. O Capitão da Guarda Francisco Serrão da Veiga vestia capa, roupeta e calções de risso anogueirado; o farragoulo forrado de tela de ouro encarnada com trinta alamares de ouro de seis laçadas e doze furtados atrás de caracolilho de ouro; a roupeta e calções com os mesmos alamares golpeados sobre igual tela de ouro encarnada; chapéu negro e jóia de diamantes; plumas anogueiradas; meias, ligas e ro-

sas da mesma cor com pontilha de ouro; colar de peças; as mangas do jubão de tela encarnada quase coberta com laços e caracóis de caracolilho de ouro; cinto, espada e adaga douradas; ia montado num cavalo com os jaezes de verde e ouro.

Tudo isto marchava em ordem, sendo o último o Capitão da Guarda que com ela cobria o coche em que ia o Duque. No seu alcance iam quarenta criados em coches, liteiras ou a cavalo e mais de duzentos homens, pessoas da sua família o acompanhavam a cavalo.

Nesta parte é mais explícito o nosso Cadornega referindo-nos os Fidalgos que em coche ou a cavalo acompanhavam o Duque, assim como os nomes dos subalternos que iam nesta comitiva. Nomeia dos Moços da Guarda-roupa a Manuel Caldeira de Castro; André Mendes de Almeida e seu filho Lopo Vaz de Almeida; André Mendes Lobo; Jerónimo Valejo de Màris; António de Andrade de Arruda; Gonçalo Mendes Mergulhão e seu sobrinho Francisco Aires de Abreu; Baltazar da Costa de Abreu, o Birlo; Estevão Mendes da Silveira; Pero Mendes da Silveira; seu filho, Jerónimo Garcia Caldeira, o Colaço; Manuel da Rocha Peixoto com seus dois filhos Bernardo de Carvalho e outro que pelo nome não perca;(1) João da Mota, irmão do Capitão da Guarda; seu cunhado António da Cadornega e Oliveira(2) e António Galvão, Estribeiro-menor. Seguiam-se os Fidalgos: D. António de Melo, Estribeiro-mor, com seu sobrinho D. Luís de Noronha; D. Mécia Pereira de Berrêdo e D. Violante com suas criadas; Fernão Rodrigues Pereira com sua mulher e filha D. Luísa e seu filho Cristóvão de Brito Pereira; Salvador de Brito Pereira com sua mãe D. Luísa Pereira; Rui de Sousa, Copeiro-mor; Francisco de Lucena com sua mulher D. Francisca de Castro, Fidalga muito ilustre, sem embargo de estar retirado em Peixinhos(3) e seu filho Afonso de Lucena já casado com D. Maior, senhora de Cheles; D. Gomes de Melo com seus três filhos Moços Fidalgos - D. Francisco Manuel, D. Jerónimo Manuel e outro; Francisco de Sousa Coutinho, Aposentador-mor, a cavalo e sua mulher em coche; Rui Lopes de Sousa em bom ginete com sua mulher D. Paula em coche assistida por seu cunhado Fradique Lopes de Sousa, senhor de Bouzela que não pôde trazer a sua mulher D. Filipa por se achar ausente; o Couteiro-mor Teodósio Pereira Cabral; Gabriel de Brito; Manuel de Andrade; Sebastião de Sá; Rui de Sousa,

---

(1) Isto é de Cadornega.
(2) Pai do autor da "Descrição de Vila Viçosa".
(3) Cadornega o diz.

do Rossio; o Mantieiro-mor António Cabide; António Correira Pereira de Lacerda; Mamede Pereira de Lacerda; o Dr. André António de Castro com sua mulher D. Leonor e seu sobrinho o Licenciado António de Castro, o Maltês; Brás Soares de Sousa; Pedro Garcia Caldeira, de Borba; o Licenciado Francisco Morato Roma; e outros muitos de que o citado Cadornega se não lembrava já quando redigiu a sua *Descrição*. Iam, por último, Pedro de Melo de Castro, Mordomo-mor, com sua mulher D. Isabel de Sá e seu filho morgado Jerónimo de Melo de Castro, Alcaide-mor de Borba, levando este consigo a sua mulher D. Maria de Castro e seus três filhos Moços Fidalgos - Dinis, Manuel de Castro e João de Melo; Pedro Mascarenhas, Fidalgo de grande morgado; João Mexia com sua mulher Isabel Castanha, etc.

III

Chegou o Duque já tarde a Elvas com uma comitiva de mais de oitocentas pessoas a cavalo, porquanto no caminho foram-se-lhe agregando ainda alguns Vassalos e obrigados seus que apareciam de curtos a curtos intervalos. Pouco menos de uma légua aquém da cidade, tendo já o Duque montado a cavalo com seus irmãos, vieram os Magistrados e Ministros de Justiça de Elvas a recebê-lo com grande aparato, acompanhando-os quase trezentos homens de cavalo em que entravam Fidalgos e gente nobre, muito luzidos, trazendo coches, cavalos à destra e grande número de danças e outros festins com que celebravam o gosto daquelas bodas. O Duque tratou-os com tanto agrado que todos aqueles Fidalgos ficaram satisfeitos. A pouco espaço chegou com seus sobrinhos o Bispo da mesma cidade, D. Sebastião de Matos Noronha trazendo luzido acompanhamento. E depois dos devidos cumprimentos, entraram na cidade. Aposentou-se o Duque no palácio do Bispo e despediu para Badajoz o seu Estribeiro-mor D. António de Melo a cumprimentar a Duquesa e saber como havia passado na jornada.

Ainda naquele mesmo dia com três coches de criados partiu o Senhor D. Duarte pela posta para Badajoz a visitar a Duquesa. E sabendo o Conde de Niebla, que a acompanhava, da próxima chegada de D. Duarte, saíu fora da cidade a encontrar-se com ele a grande distância. Então, metidos ambos no coche, entraram em Badajoz onde a visita duraria meia hora. Depois tornou D. Duarte para Elvas.

IV

No dia seguinte, 12 de Janeiro, veio a Duquesa de Badajoz para Elvas e daí para Vila Viçosa onde chegou já alta noite. Por não interromper depois essa narração, direi já, que nesse mesmo dia de tarde chegou à nossa vila e entrou pela Corredoura no Terreiro do Paço o Arcebispo de Evora D. José de Melo trazendo três coches e duas liteiras, numa das quais vinha ele sentado. Acompanhavam-no cento e vinte criados e Capelães e seu sobrinho D. Fernando de Melo, Deão da Sé de Evora.(1)

No mesmo dia de manhã partiu a Duquesa de Badajoz na carroça feita em Roma que o Duque lhe mandara, assistindo-lhe todos os Fidalgos e nobres daquela cidade e outros que desde San Lucar a vinham acompanhando. Entre Fidalgos e pessoas particulares seriam pouco menos de quatrocentos, vestidos lustrosamente e com tanta riqueza e bizarria que mostravam bem claro a grandeza do Duque de Medina Sidónia. Trazia a Duquesa seis coches de Damas e Fidalgos; sessenta e duas cargas com reposteiros e penachos e peitorais de cascavéis; e dez, que eram da sua recâmara, com reposteiros de veludo encarnado com bordados de cortado com as Armas do Duque seu pai; as azêmolas com peitorais de franjas, cabeçadas de seda; os cascavéis, arrôchos, ferragens, antolheiras e lâminas com as Armas sobreditas e tudo de prata.

Haviam dado nove horas quando o Duque entrou no coche para sair de Elvas com toda a comitiva e dirigir-se à ponte do Caia como já fizera seu pai trinta anos antes. Passando além da ponte, a curta distância encontrou a luzida comitiva Castelhana e, emparelhando com a carroça da Duquesa, apeou-se com seus irmãos para entrarem para a mesma carroça e tomarem assento os noivos ao fundo, o Senhor D. Duarte e o Conde de Niebla na dianteira e o Senhor D. Alexandre na estribeira direita.

Assim chegaram a Elvas entre as três e as quatro horas da tarde entre muita água que choveu e que, não obstante dizer-se o contrário, devia tornar o aparato menos vistoso e aprazível do que nas bodas do Duque D. Teodósio II celebradas nos grandes e serenos dias de Junho. Agora corria o frio Janeiro e em cima de frio, molhado...

Apearam-se os noivos no adro da Sé e daí foi a Duquesa levada para den-

---

(1) Epítome das festas, etc. de Diogo Ferreira Figueirôa.

tro na cadeira que lhe estava prevenida, sustendo-a nos braços quatro Moços da Câmara do Duque. Ali, à porta principal onde o Bispo de Elvas aguardava os noivos, desceu da cadeira a Duquesa, em corpo, deixando o boémio que levava; recebeu a água benta da mão do Bispo; e entrou com o Duque e mais Senhores levando-a pelo braço o Senhor D. Duarte e tomando-lhe a Camareira-mor a cauda da cota. Tocaram os órgãos, charamelas e outros alegres instrumentos até chegarem ao lugar que lhes estava preparado na Capela-mor. Depois de feita oração, comungaram os Duques pela mão do Deão da sua Capela, o Bispo ratificou o matrimónio sobre palavras de presente que os noivos repetiram e lançou-lhes a benção nupcial soando entretanto uma suave composição musical feita adrede para aplaudir aquelas régias bodas.

V

Vejamos agora como eram os seus trajes. O Duque ia vestido de taby anogueirado raso, guarnecido de passamanes de ouro e bordados de grande altura; dos passamanes saíam uns ramos largos volteados bordados de ouro e pérolas; e todo o mais campo do vestido era de enlaçados SS com pérolas nos meios e extremos; no espaço que ficava de um a outro, de ramos quase como de flores de lis de chaparia de ouro. O farragoulo era forrado igualmente de taby, mas de flores; e cento e vinte botões que tinha o vestido eram de ouro, achando-se neles engastados grossos rubis e diamantes entressachados: um diamante e um rubi; e todos se acompanhavam de quatro pérolas, arrematando no extremo do meio com um S. No vestido havia dezoito mil pérolas, muitas das quais valiam mais de vinte cruzados, outras muitas quinze e menos de dois nenhuma. As mangas do jubão eram de um tão espesso bordado que parecia ouro de martelo. A espada, cinto e adaga eram tauchiadas de prata e ouro. Levava também um colar de grossas pérolas e rubis estimado em oitenta mil escudos de ouro e que fora dado por El-Rei D. Manuel a seu sobrinho D. Jaime no dia em que este foi por ele declarado Príncipe herdeiro de Portugal. Era o chapéu negro; o centilho obra igual à do colar; a jóia uma pluma de quase palmo e meio de rubis saindo-lhe no reverso a pouca distância diversas plumas brancas; meias, ligas e rosas brancas cobertas de pontilha de ouro, e sapatos negros.

A Duquesa ia vestida de uma cota inteira de quatro mangas: as caídas, de pontas cortadas quase a triângulo, abertas e forradas de taby de prata de flores, tomadas em lugares com uma jóia de diamantes. Era a cota verde, bordada de uma nova invenção de laços de flores e ramos de prata e ouro, tão tecidos que apenas se deixava divisar a côr verde. Do pescoço descia uma banda igualmente verde tecida de ouro e prata com uma grande jóia de diamantes de subido valor; volta e alça-cuelo à Castelhana; os cabelos toucados de rosas verdes com pontilhas de ouro e prata; ao ombro um boémio como a cota; chapéu branco revestido de largas pontas de rendas de ouro e plumas brancas.

O Senhor D. Duarte ia vestido de lhama anogueirada guarnecida de passamanes de ouro bordados e por entre eles lantejoulas de prata e o campo bordado de SS de ouro com chaparia de prata. O farragoulo era forrado de taby de flores de ouro anogueirado; espada, cinto e adaga como o Duque; meias, ligas e rosas anogueiradas com pontilha de prata; chapéu negro com plumas anogueiradas; jóia e centilho de rubis e um colar de diamantes de grande valor que a Princesa D. Joana mandara à Duquesa D. Catarina quando esta se desposou com o Duque D. João I, seu avô.

O Senhor D. Alexandre ia vestido de risso verde com guarnição de passamanes bordados de meia tranca e briscada com entremeios de casquilho e meias pérolas de prata: o mais campo era de trocados SS bordados de prata e chaparia de prata. O farragoulo tinha forro de lhama branca imprensada; meias, ligas e rosas verdes com pontilha de prata; chapéu negro, plumas brancas, centilho e jóia de diamantes; colar de ouro de peças debaixo de outro em que trazia a venera da Ordem de Cristo guarnecida de diamantes com a qual fora armado Cavaleiro o Infante D. Duarte, seu bisavô, no dia em que recebeu a Ordem da Cavalaria de Cristo; e um punhal também rico.

O Conde de Niebla saíu nesta ocasião assim como nos mais dias que se deteve em Vila Viçosa com ricos vestidos, jóias e colares. Não só ele mas também os seus criados e os do Duque apareceram com excelentes galas e colares, fazendo na multidão e na riqueza uma Corte agradável e magnífica.

VI

Concluídas as cerimónias do recebimento dos noivos na Sé de Elvas e feitas as congratulações aos mesmos por todos os Fidalgos presentes, dirigiu-se a comitiva ao Paço Episcopal, tomando o Duque a Duquesa pela mão até à cadeira que ficara à porta para outra vez ser levada pelos Cadeireiros, mas assistindo-lhe sempre o Duque à vidraça.

Chegando ao Paço, encontraram magnífica a hospedagem e esquisita a pompa que lhes prevenira o altivo e generoso Bispo. Não se detiveram os Duques muito à mesa ainda que as iguarias eram abundantes. E assim despediram-se em breve do Prelado que por indisposição de saúde se dispensou de os acompanhar.

A razão principal de se não querer demorar o Duque à mesa do Bispo era por se achar o dia muito adiantado e não lhe convir pousar senão já em sua casa. Parece que o mesmo Bispo na ocasião de receber os Duques se embaraçara nas suas próprias vestes e caíra ficando maltratado e é certo que não gostou de não se demorarem mais tempo no seu Paço os recém-casados. Outra coisa se conta da qual o Bispo não gostou igualmente e foi oferecer-lhe o Duque em paga da hospedagem um colar de muitos mil cruzados de valor. Todas estas ponderações de diversos escritores caminham a pretenderem explicar a razão de ser ao depois o Bispo D. Sebastião de Matos Noronha tão desafecto ao Duque já aclamado Rei.

Não sei apreciar estas ponderações. Cadornega deixou escrito que D.João II muito cortesmente se dirigira ao seu hospedeiro, dizendo-lhe: *que receava que lhe saíssem os ladrões ao caminho e lhe roubassem aquele colar e que portanto pedia lho quisesse guardar*. Ao que tornou o Bispo com igual generosidade: *que se os ladrões o roubassem ao Duque de Bragança, mais facilmente o roubariam a ele, Bispo*.

Acrescenta em seguida o mesmo Cadornega que se D. Sebastião de Matos não foi gratificado com o colar de pérolas, foi-o com a promoção a Arcebispo de Braga que o Duque lhe arranjou por meio de uma carta de empenho a Filipe IV. Mas deixemos isto já e continuemos a nossa história.

VII

Pouco antes da noite entraram os Duques no coche e partiram de Elvas onde os moradores daquela cidade lhes fizeram as maiores festas que em todo o tempo ali foram feitas. Marcharam na ordem que permitia o tempo de uma fria e húmida noite de Janeiro, indo uns no alcance dos outros e assim chegaram a Vila Viçosa depois das duas horas da noite.

Como a noite era escura, preveniu-se aqui um grande número de tochas acesas e vinte e quatro lanternões grandes de campo que rodeavam o coche e fizeram que os Duques não padecessem grave incómodo.

A vila estava toda guarnecida com dois mil arcabuzeiros das Ordenanças dela e de Borba comandados pelos Capitães António Rodrigues Robles, Francisco Pais e Bartolomeu Rodrigues que haviam militado muitos anos em Flandres, e ao mesmo tempo iluminada. Repicavam os sinos. As descargas de artilharia do Castelo e dos mosqueteiros, os clamores das trombetas, atabales e clarins, os rufos dos tambores, as aclamações do povo que apresentava diversas danças e festins, tudo isto produzia uma alegre confusão e tornou a entrada majestosa.

Cadornega explica-nos que a comitiva nupcial veio pelo Porto de Elvas e não por Borba, a fim de encurtar a jornada; entrou pela porta da Esperança, penetrou no Rossio e pela Corredoura é que deu entrada no Terreiro do Paço. A canção popular que mais se entoava era esta:

Viva, viva o nosso Duque!
Viva ele muitos anos
Que nos tirou a Duquesa
Do poder dos Castelhanos!

O Senado da Câmara com o Ouvidor Gaspar Fernandes de Torres, o Juiz de Fora, escrivães, meirinhos e alcaides, afora os nobres que não tinham ido a Elvas esperavam todos aos Duques à porta da Esperança, conforme se infere das palavras do mesmo Cadornega que, para nos dar uma ideia do numerosíssimo acompanhamento que então entrou na nossa vila, diz que esse acompanhamento era da extensão de uma légua.(1)

---

(1) Descrição de Vila Viçosa.

As ruas por onde passaram os noivos estavam ornadas com verdura e colchas de damasco e as Damas das janelas faziam cair flores e aromas sobre o coche ducal com vivas e aclamações demonstradoras do regozijo público.

O Paço estava iluminado com duzentas tochas. Os Duques desceram do coche, mas D. João II apeando-se primeiro ajudou ele mesmo a descer a Duquesa e em seguida a levou para as escadas tomando-lhe a mão de uma parte e D. Duarte o braceiro da outra. O Bispo da Guarda, D. Fr. Lopo de Sequeira, descendo com sua mãe D. Isabel Pereira de Vasconcelos e com D. Filipa de Brito, beijaram a mão à Duquesa; tomou-lhe a segunda a cauda da cota; e depois das devidas cortesias, começaram a subir. Querendo o Senhor D. Alexandre mostrar quanto estimava aquelas bodas abaixava-se a cada degrau que subia a Duquesa tomando a cota para que lhe não servisse de embaraço. Na sala dos Tudescos logo à entrada estava a Cruz Metropolitana e o Arcebispo de Evora D. José de Melo, filho do Marquês de Ferreira, o qual depois de feitas as cortesias que permitiam os seus muitos anos e alta dignidade os foi acompanhando até à câmara da Duquesa onde, fazendo a esta e ao Duque uma curta visita, se despediu por ser muito adiantada a noite. Outro tanto praticaram os Senhores D. Duarte e D. Alexandre.

VIII

No dia seguinte (13) comeu o Duque em público. Saindo com os Senhores, seus irmãos, da sua antecâmara, atravessou a sala dos Tudescos para ir buscar no quarteirão do sul o Conde de Niebla, seu cunhado, que logo saíu com ele e voltaram todos para a dita sala que estava bem armada e com a mesa posta no meio sobre um grande estrado de dois degraus coberto com excelentes alcatifas e sob um dossel de veludo carmesim, tendo junto dela quatro cadeiras. Defronte dela estavam dois dosséis de tela amarela com as Armas Ducais bordadas, os quais tinham debaixo dois grandes aparadores com seis degraus cobertos de veludo. Num estavam cento e cinquenta peças de prata dourada de excelente feitio e esquisito gosto; o outro continha prata branca lisa para o serviço; em ambos, porém, havia muitas peças de prata grandes que figuravam ali somente para ornato.

Sentaram-se à mesa: o Duque na cadeira do meio, à sua mão direita o Conde de Niebla e logo o Senhor D. Duarte e à esquerda o Senhor D. Alexan

dre, ficando todos quatro debaixo do dossel. Depois de estarem assentados, veio sentar-se o Bispo da Guarda e D. Fernando de Melo do lado de D. Duarte, mas na volta da mesa. Benzeu-se esta na forma costumada; da parte direita ficaram os Fidalgos da Casa do Duque e os Gentis-homens que acompanharam a Duquesa, todos descobertos. Entraram os Porteiros da Cana e os da Maça com elas ao ombro; seguiram-se os Arautos e Passavantes com cotas de raso encarnado e branco e nelas os Castelos e Quinas de Portugal; logo apareceu o Veador do Duque e o Mantieiro com a toalha, o gomil e o prato de bastiões dourado, trazendo mais dois um criado acrescentado da Casa do Duque e um Moço da Câmara. Depois de feitas as devidas cortesias o Mantieiro lançando água no prato o beijou e entregou ao Trinchante que com a mesma cerimónia o pôs diante do Duque e lhe deu água às suas mãos; o que igualmente fez ao Conde e aos Senhores. Depois o criado acrescentado a deu ao Bispo e o Moço da Câmara a D. Fernando de Melo, Deão de Evora e sobrinho do Arcebispo. Tirando o Mantieiro a toalha se foi com os mais tardando pouco ele mesmo em voltar com as iguarias acompanhadas pelos soldados da Guarda do Duque. Assim que se começaram a servir as iguarias, deu o Castelo uma salva com toda a sua artilharia e começaram a soar as trombetas, charamelas, atabales e ministréis. Foram muitas as iguarias, muito delicadas e com excelentes invenções de diversos triunfos, figuras de animais, aves, peixes, coroas, etc., tudo conforme ao uso daquele tempo em que as mesas não eram menos pomposas que fartas e aprazíveis.

Assim se praticou nos mais dias em que o Conde de Niebla se demorou na Corte Ducal.

Neste mesmo dia à tarde principiaram as festas públicas com uma corrida de touros; à noite estava tudo iluminado como nos mais dias; pelas ruas e largos havia jogos, danças e mascaradas; e no Terreiro do Paço arderam duas naus artificiais de fogo, das quais saíam muitas e galantes invenções que tornaram alegre aquele serão.

IX

No dia seguinte, 14 de Janeiro, que era uma sexta-feira, mandou o Duque à Duquesa um presente de peças e jóias de rubis, diamantes e pérolas, obradas com admirável artifício e de grande valor. Adornou-se logo ela com algumas dessas jóias e foi ouvir Missa à sua tribuna levando uma cota de

taby anogueirado e acompanhando-a a sua Camareira-mor e as suas Damas. O Duque fez outro tanto assistindo na sua tribuna com o Conde de Niebla, seus irmãos, o Arcebispo de Evora e o Bispo da Guarda. Foi a Missa rezada e enquanto ela durava cantou a Capela o hino *Te Deum laudamus* e depois versos Vilhancicos feitos à vinda da Duquesa, o que se continuou com outros diferentes mas acomodados ao mesmo intento nos mais dias em que duraram as festas.

Chama-se a isto *misturar o sagrado com o profano*, coisa hoje reprovada mas que então se usava muito. Eu não me admiro porque na sacristia da Real Capela existe ainda um livro mutilado já no qual se acha uma missa a quatro vozes daquele tempo e em que um cantor de permeio entoava o nome do Rei - *Philippus, etc.* Na vigília do Natal, enquanto não chegava a meia-noite, entretinham-se ao serão com coplas ou canções em língua vulgar, conforme nos diz Cadornega por ocasião de relatar o ocorrido numa dessas noites na Igreja das Chagas.

Aqueles versos Vilhancicos e cançonetas eram provavelmente composições do Rabelinho, Mestre da Capela.

De tarde houve carreiras de cavalo em que muito se distinguiu o nosso patrício António Galvão de Andrade, um dos Estribeiros do Duque, a quem serviu no mesmo lugar sendo ele já Rei, assim como seus filhos e netos ficaram servindo aos Reis seus sucessores. António Galvão era tão destro no exercício da Cavalaria que o nosso Cadornega diz *parecer ter nascido em cima de um cavalo.*(1) Num tratado que fez imprimir no ano de 1678 repete em estampas as admiráveis gentilezas que então praticou e com efeito excedem a toda quanta destreza se pode imaginar. É verdade que para isso muito concorria o uso das selas, hoje substituídas por selins rasos, fora do exercício da picaria dos potros cerreiros. Diogo Ferreira descreveu no mesmo ano as peripécias de António Galvão e, visto que a *História Genealógica* tomou nota delas, também eu me ocuparei disso representando aos olhos dos meus leitores como o insigne Cavaleiro Calipolense fez pasmar as gentes que o viram no Terreiro do Paço como um prodígio de ciência e destreza na arte da cavalaria.

A primeira gentileza foi correr com o pé no chão pela frente do Paço e, tornando-se à sela com velocidade incrível, parou de repente o cavalo.

---

(1) Ibid.

A segunda foi soltar muitas vezes da mão um lenço e tomá-lo do chão indo sempre na maior carreira do cavalo.

A terceira vez, depois de começada a corrida, voltando-se na sela pôs-se com os pés em cima desta e correu até ao meio e tornando-se com os pés aos estribos num instante acabou a carreira.

Na quarta foi correndo e pondo os pés muitas vezes no chão para mostrar que podia montar-se e apear-se no meio da maior carreira.

A quinta deitou o cavalo a correr para a frente das janelas em que estavam os Duques e seus irmãos e ao parar fez com que o cavalo pusesse as ancas no chão enquanto ele com o chapéu fazia cortesias àqueles Senhores.

Toda a gente estava boquiaberta, não se cansando em aplaudir tão destro cavaleiro.

António Galvão chegou por fim a ser Fidalgo da Casa Real e Comendador de Santiago de Ourém e Nossa Senhora da Caridade de Monsaraz.

Seguiu-se a isto uma comédia pública em vistoso teatro fabricado perto das janelas do Paço para dali a presenciarem os Duques e seus irmãos.

No meio do Terreiro estavam também duzentos arcabuzeiros com seu Capitão, prontos para secundarem as salvas de artilharia do Castelo com descargas e fazendo exercícios militares.

Ao mesmo tempo viam-se noutro lado Borlatins com extraordinária ligeireza que entretinham e arrastavam atrás de si ondas de povo.

Junto da Ermida de S. João do Carrascal se preparou uma encamisada que pela Corredoura foi entrar no Terreiro do Paço pela esquina de Santo Agostinho. Trazia na frente uma trombeta bastarda; após ela vinham os Atabaleiros em mulas com cobertas verdes bordadas de cortado amarelo; depois caminhavam quatro trombetas, um terno de charamelas, todos bem montados e um grande número de danças e folias: entre elas dois carros triunfais -- um de charamelas e outro de música; seguiam-se vinte e quatro Moços da Estribeira e vinte e quatro Moços da Câmara descobertos com tochas acesas nas mãos (era já de noite), indo no meio dos Moços da Estribeira dois cavalos à destra cobertos com telizes de veludo carmesim bordados de cortado de flores de tela amarela. Seguia-se a primeira parelha que eram os Senhores D. Duarte e D. Alexandre, montados em soberbos cavalos: o do primeiro, castanho claro; o do segundo, baio rodado de branco; ambos com mochilas encarnadas bordadas de passamanes de ouro, charéis de ouro e seda enfeitados com várias cores, estribos, boçais e enceladas de prata. Os

seus vestidos eram de veludo negro golpeados sobre tela branca; os golpes com moscas de prata; as mangas do jubão de tela branca mosqueadas de negro; capas negras forradas da mesma tela; chapéus negros com tranças de velilho de prata e umas rosas grandes ilustradas de temblantes e argentaria de ouro e prata de que saíam plumas brancas. O Senhor D. Duarte trazia atravessada uma liga do mesmo velilho; e o Senhor D. Alexandre sobre a cadeia do hábito um talim de bordado recamado; nas mãos porteavam tochas de quatro pavios. Logo os seguiam vinte e duas parelhas de singulares cavaleiros igualmente com tochas acesas, vestidos todos ricamente e com bom gosto, de telas e tabys de cores, plumas, jóias, colares e jaezes que faziam uma agradável e pomposa vista. A esta entrada correspondeu o Castelo com uma salva de toda a sua artilharia. Os Moços da Câmara e Estribeira ficaram, conforme a sua graduação, postos em ala ao pé da janela dos Duques, fazendo o mesmo a Guarda que havia acompanhado os Senhores D. Duarte e D. Alexandre. E da outra parte do Terreiro postou-se uma companhia de Arcabuzeiros, ocupando uns e outros o espaço da carreira em frente do Paço Ducal. Acabadas as corridas de tochas na mão, saíram os cavaleiros na mesma ordem com que haviam entrado e foram passear as ruas da vila que estava toda iluminada.

X

No dia 15 houve touros. E foram Cavaleiros D. Luís de Noronha, Caçador-mor do Duque, Fernão Rodrigues de Brito, seu Camareiro-mor, Salvador de Brito Pereira, seu Trinchante (e pai do Beato João de Brito) e o celebrado Estribeiro António Galvão. Todos mostraram muita perícia que a fortuna fez sobressaír mais nas sortes matando muitos touros.

A noite houve comédia no Paço para os que ali tinham entrada.

XI

Querendo o Duque regalar em tudo a seu cunhado o Conde de Niebla, determinou irem uma tarde à sua magnífica Tapada.

Assim, pois, saíu o Duque no dia 16 com seus irmãos e o Conde e entra-

ram no coche, salvando-os nessa ocasião o Castelo com a artilharia, charamelas, pifanos e tambores. Marchavam adiante dezassete coches e os cavalos de caça atrás.

Gastou-se a tarde com satisfação porque mataram alguns gamos e javalis; e voltando ainda de dia, foi aplaudido o seu regresso com outra salva de artilharia no Castelo.

Entretanto continuaram na vila as festas com variadas invenções de danças e festins a que acudia muita gente enchendo o Terreiro do Paço. E mais acudia ainda porque os Senhores D. Duarte e D. Alexandre lançavam das janelas muitas patacas, escudos e outras moedas para se divertirem com os marulhos dos apanhantes, se bem que isso deu causa a uma tumultuosa pendência.

Nessa noite houve fogo do ar queimando-se entre outras peças uma torre magnífica de vistosos artifícios.

XII

O dia 17 de Janeiro era o destinado para um jogo de Canas Reais que se dividiu em duas quadrilhas, cada uma de dezoito cavaleiros: a primeira, do Senhor D. Duarte com o Caçador-mor D. Luís de Noronha; e a segunda, do Senhor D. Alexandre com o Camareiro-mor Fernão Rodrigues de Brito. Ajuntaram-se no Campo do Carrascal, donde entraram na vila pela porta de Santa Luzia e pela Corredoura penetraram no Terreiro do Paço. Diante ia uma trombeta bastarda e seis não bastardas, cujos tangedores vestiam vasqueiros guarnecidos de passamanes de prata, montados em mulas cobertas com gualdrapas de pano verde bordadas de cortado de amarelo. Depois caminhavam as danças e entre elas, com divisão, três ternos de charamelas e as do Duque com a sua libré. Seguiam-se duas azêmolas carregadas com as canas, cobertas com reposteiros de veludo verde em que se viam as Armas Ducais bordadas a ouro e prata com cadilhos de várias cores; as ferragens, arrôchos e testeiras com as mesmas Armas, tudo era de prata. Entraram oitenta cavalos à destra com jaezes de ouro e prata, pertencendo ao Duque os mais deles: dos últimos eram doze dos Senhores D. Duarte e D. Alexandre com jaezes de ouro, pérolas e aljôfres, boçais e enceladas iguais, cobertas as selas de ricos telizes de várias cores. Vinham presos pelos cordões das cabeçadas, levados por homens vestidos com marlotas de tafetá azul e verde.

Foram padrinhos dos dois contendores D. Cristóvão Manuel e D. António de Melo, Estribeiro-mor do Duque, os quais iam montados em soberbos cavalos.

Seguiam-se o Meirinho da Casa, doze Moços da Estribeira e doze da Guarda que levavam no meio o Senhor D. Duarte e à sua estribeira doze Moços da Câmara, um dos quais levava a adarga com a sua empresa que era um loureiro verde e quatro coroas do mesmo, dele penduradas, com esta letra: *Non dum aruit*;(1) e no estandarte ou bandeirola da lança tinha uma águia com os pés atados e a letra que dizia: *Semper éadem*.(2) Assim os desta, como os da outra quadrilha, vestiam à Mourisca com marlotas e capelares de velilho de ouro e azul, barretes vermelhos sem plumas, e suas empresas, não tendo mais diferença do Senhor D. Duarte que trazer este esporas e terçado de ouro e aljôfres e o seu cavalo, que era baio, ir guarnecido com jóias, freio encelada e boçais do mesmo ouro e aljôfres.

Os da outra quadrilha vinham com marlotas e capelares de velilho de ouro e verde. O Senhor D. Alexandre ia montado num cavalo castanho claro, igualando no mais a seu irmão, com outros tantos Moços da Câmara, Estribeira e Guarda. Levava na adarga por empresa um sol saindo de uma nuvem escura com esta letra: *Post ténebras spero lucem*,(3) e no estandarte da lança uma harpa com a letra que dizia: *Quid erit in coelo?*(4)

Marchava, por último, um esquadrão de duzentos soldados com bandeira, tambor e pifano, governado pelo Alferes-mor do Duque, soldado veterano que tinha militado em Flandres, e todos vestidos luzidamente com bandas e plumas.

Entraram por Santo Agostinho percorrendo a faceira do Palácio do Bispo até ao Convento das Chagas e tanto que chegaram à janela em que estavam os Duques, tirando com bizarria as lanças do ombro e abaixando-lhes as pontas, fizeram as cortesias do estilo e passaram a dar princípio às carreiras. Findas estas, principiaram o jogo das canas que correram com desembaraço e gentileza. Seguiu-se uma vistosa escaramuça e terminou-se a festa com a repetição das carreiras. Despediram-se finalmente saindo com a forma com que haviam entrado para irem ainda passear pelas ruas da vila.

---

(1) Ainda se não secou.
(2) Sempre a mesma.
(3) Depois das trevas espero a luz.
(4) Que será no céu?

Ao saírem do Terreiro festejou-os o Castelo com uma salva de artilharia.

A noite houve comédia no Paço.

XIII

A grande satisfação que o Conde de Niebla tivera com a passada montaria obrigou-o a pedir ao Duque a graça de tornarem de novo à Tapada. Seu cunhado fez-lhe a vontade no dia 18, sendo esta diversão de maior gosto ainda porque mataram muitos mais javalis e veados.

Nessa tarde houve comédia pública no Terreiro do Paço e à noite ardeu ali um excelente fogo do ar em que se representaram fontes e outras admiráveis invenções.

XIV

As festas continuaram. Mas no dia 20, quando o Conde de Niebla estava mais divertido e contente na companhia dos Duques de Bragança, viu-se obrigado a tornar para Espanha porque o chamara o Duque seu pai. Retirou-se, portanto, deixando em todos vivas memórias da sua amorável companhia, principalmente na Duquesa sua irmã que sentiu se ausentasse tão depressa. O Duque foi com seus irmãos acompanhá-lo até junto da sua Tapada no sítio da Porta de Ferro, segundo entendo, e foram aí os últimos despedimentos.

Assim, pouco a pouco, se ausentaram os importantes personagens que tinham vindo abrilhantar com a sua presença as bodas principescas de D. João II. O Arcebispo de Évora e o Bispo da Guarda tinham-se retirado já no dia precedente (19) com alguns Fidalgos e só se demoraram por mais tempo outros a quem prendiam relações particulares com a Casa de Bragança, como foi o Marquês de Ferreira, descendente por varonia do segundo Duque daquela Casa e particularmente estimado por D. João II.

Não houve torneio; contudo estes festejos só foram inferiores aos do casamento de D. Teodósio II pela razão de serem celebrados numa estação ingrata como é a do mês de Janeiro.

Acho nas Notas uma renúncia geral de comendas e pensões nas mesmas comendas e nova concessão das mesmas aos serventuários da Casa de Bragança. Nestas cita-se um Breve do Papa Urbano VIII, impetrado pelo Duque D. Teodósio II no dia 1 de Outubro de 1630, tanto para conceder a faculdade de dar as ditas comendas aos servidores da sua Casa como para haver 50$000 escudos de ouro das estampas (lotações?) dos frutos das comendas vagas na sua apresentação. Como, porém, falecesse pouco depois, foi o filho quem aproveitou essas faculdades pontifícias no ano de 1631.

CAPITULO LIV

Boa situação de Vila Viçosa e má do Reino. Tributos novos e em especial o do bagaço da azeitona. Protesto do Procurador do Concelho Paulo Nunes Magro. Criação do Regimento dos Misteres. Reedificação última da Igreja de Santo Agostinho. Manejos dos Castelhanos em prejuízo do Duque de Bragança e preâmbulos da Restauração da Monarquia Portuguesa. Tumultos de Vila Viçosa contra o imposto do Real de água em 1638 e outros factos. Crónica do ano de 1640. Resposta da Câmara e Misteres sobre o novo Regimento do Real de Água. Motivos que decidiram o Duque D. João a aceitar a Coroa de Rei. Mensagem de Pedro de Mendonça. Breve notícia da revolução do 1º de Dezembro.

I

Em Vila Viçosa vivia-se bem nesta época pois abundava a riqueza e a prosperidade era bem manifesta. Depois começava a reedificação da Igreja de Santo Agostinho; ao mesmo tempo erigiam-se fábricas de manufacturas novas, como adiante mostrarei, etc., de sorte que os Calipolenses mais perspicazes deviam desejar antes a continuação do solar dos Braganças entre eles que não a independência de Portugal debaixo do ceptro dos mesmos Braganças.

Mas se Vila Viçosa vivia contente com o seu estado presente das coisas civis e da política interna do Ducado Brigantino, não se julgava assim o resto do Reino Português; e também os Calipolenses, antepondo o bem comum da sua Monarquia aos interesses particulares da sua pátria viam com maus olhos o jugo de Castela. Tornara-se esta uma potência de primeira ordem e até primeira de todas na Europa, conciliando por isso mesmo os ciúmes da França, inimiga irreconciliável da Casa de Austria então reinante em Espanha. Que utilizou portanto Portugal em unir-se a esta?... Nada; pelo contrário, sendo preciso à Espanha combater os seus invejosos adversários, forçoso lhe foi lançar tributos novos para ocorrer à despesa das contínuas guerras que tinha de sustentar.

Por isso Portugal viu lançarem-lhe tributos que nunca pagara no tempo dos seus Reis próprios. Chegou primeiramente o *Real de água*, que principiara em Elvas para se construir o Aqueduto das Amoreiras, e depois se estendeu ao Reino todo pagando-se um Real por canada de vinho. Após este vieram as

Meias anatas ou *Direitos de mercê* sobre o provimento de quaisquer cargos civis e eclesiásticos, consistindo em pagar-se um meio ordenado anual.

Assim, pois, foram conhecendo os Portugueses quanto era melhor e mais barata a sua organização política independente de Espanha. Esta era uma grande Potência e podia-se-lhe aplicar o adágio antigo: *Conforme é a nau assim é a tormenta*.

Portugal tinha por isso de pagar mais tributos e sacrificar ingloriamente mais filhos seus nos campos de batalha.

II

Os dois impostos precedentes vinham já do tempo do Duque D. Teodósio II, e agora estabeleceu-se outro de novo apelidado *Benefício do bagaço da azeitona* que não sei se chegou a ser cobrado. Sei pelo 1º Livro dos Registos da nossa Câmara Municipal que esta recebeu um Regimento para a arrecadação de tal tributo, assim como sei que contra ele protestou o Procurador do Concelho Paulo Nunes Magro, e nada mais. Tem o dito Regimento a data de 28 de Julho de 1631. Mas parece que sempre teve efeito porque numa escritura do 1º de Dezembro desse ano vejo que Maria Alves Godinha, viúva de Brás de Vilalobos se obrigou sobre o seu lagar ao dito imposto perante o Dr. Francisco Ferreira de Andrade, delegado do Dr. Diogo Cardoso de Almeida, administrador do Bagaço da Comarca. Ora os povos não estavam então acostumados à ladainha de exacções do fisco sofrida hoje com leves murmurações: quaisquer cinco réis de tributo que lhes lançassem de novo doía-lhes mais do que arrancar-lhes um dente da boca e assim não se curvavam facilmente diante dos exactores da Fazenda Pública. Descendiam em mais próximo grau daqueles Portugueses que haviam dado a Coroa a El-Rei D. João I com a cláusula escrita nos assentos das Cortes de Coimbra em 1385 e jurada pelo mesmo Rei *de se não imporem tributos aos povos sem serem ouvidos e sem que, com sua decisão e conselho, se buscassem os meios mais suaves para a sua execução*. Demais: o nosso regime particular era ainda então verdadeiramente Municipal; todas as leis e regulamentos eram enviados às Câmaras para estas os mandarem pôr em execução e se não acordavam nisso o tributo não vogava.

III

Vejamos um exemplo de justa liberdade política naqueles tempos alcunhados falsamente de opressão e tirania quando então se desfrutava dez vezes mais liberdade política do que hoje. E o protesto a que atrás aludi e que vou transcrever:

"Protesto que fes pallos nunes magro, procurador do Concelho Em nome deste povo.

Aos tres dias do mes de novembro de mil e seis centos e trinta e hum annos nesta Villa Viçosa nas Casas da Camara della estando ahi presente o Ldo fr.co de mira vogado juis de fora nesta dita villa E Jeronimo valleio de maris Vreador mais(1) pellos outros vreadores Estarem doentes E sendo outrosim ahi presente pallos nunes magro procurador do Concelho logo por o dito pallos nunes foi dito a elle juis e vreador que a esta Camara mandara o doutor fr.co fr.a de andrade o Regimento sobre o bagasso de azeite que se avia de fazer pera a fazenda de sua mag.de sem querer apresentar as provisõins e poderes que pera a dita hexecução trazia. E que do Regimento constava do treslado atrás.(2) E porquanto o dito tributo que pello dito Regimento se lançava não constava estar acceito pelos povos cidades e villas deste Reino sendo cousa de muita importancia alem de ser novo tributo E impusição, que requeria a elles Juis e Vreador lhe mandace escrever este seu protesto; que protestava Em nome d'este povo E moradores delle E não serem vistos aceitar este tributo e impusição, antes a todo o tempo que ouvesse logar e ho podessem fazer, de o Reclamar E contradizer pela via modo e maneira que podesse ser; o que visto pelo dito Juis lhe mandou escrever o dito protesto E que pedindome a mim escrivão delle certidão lha pasasse. E o asinarão. Glo mds escrivão da Camara ho Escrevi. - Hr.mo Vallejo de maris. - Fr.co de mira vogado. - Paulo nunes magro."(3)

Em vista deste importantíssimo documento venham os modernos impingir-me que os tempos de então eram de absolutismo e hoje de liberdade... Venham!

Não acho memória de que fosse por diante a cobrança de tal imposto.

---

(1) Velho.

(2) Registado antes deste protesto.

(3) L. 1 dos Reg., fl. 137 v. - Paulo Nunes Magro, cantor da Capela do Duque, escrevia muito melhor do que o escrivão Gonçalo Mendes Mergulhão, como se vê da sua própria assinatura que é de boa caligrafia.

IV

D. João II que, depois de aclamado Rei de Portugal em 1640 soube aliar o poder majestático à justa liberdade política dos seus povos estendendo quanto possível esta liberdade, já enquanto Duque de Bragança e senhor de Vila Viçosa dava exuberantes provas do seu *constitucionalismo*, apesar de se não falar ainda em *constituições democráticas*... Uma claríssima prova desta verdade é a introdução dos *Misteres do Povo* na administração municipal. Havia já nalguns concelhos estes *tribunos da plebe* (do tempo dos Romanos). E por que os havia, ele Duque, verdadeiro liberal, acedeu a requerimentos que lhe fizeram e autorizou-os no princípio do ano de 1635, dando-lhes o Regimento das suas atribuições, eleição, etc. Está esse Regimento no Livro 1º dos Registos da Câmara a f. 149 verso e daí o transcrevo agora.

"Eu o Duque etc. faço saber aos que este virem, que avemdo respeito ao que me enviarão dizer o Juiz, Vereadores e Procurador do Concelho desta villa, ei por bem e me pras, que daqui em diamte haja nesta villa doze homens que sirvão de misteres della, assi como o são em muitos logares deste Reino; os quaes guardarão este Regimento na forma seguinte, emquanto eu o ouver por bem ou não mandar o contrario. - E serão nomeados pelos oficiaes da dita Camera de tres em tres annos. - E despois de elleitos se apresentarão nella para lhes averem os ditos oficiaes de dar juramento aos samtos avamgelhos para que bem E verdadeiramente sirvão de misteres de tres em tres annos, como dito he. - E os que servirem os ditos tres annos, não servirão dalli a tres annos, salvo se se achar que satisfazem bem com a obrigação que tem. - E não fazendo bem e como devem, os poderão tambem tirar amtes de acabarem seu tempo. - E tanto que forem elleitos, com o Juiz e mais oficiais da dita Camera ellegerão emtre si dous procuradores que sirvão em cada hum anno, os quaes serão privilegiados, o anno que asi servirem, de todos os encargos do Comselho. - E os ditos dous procuradores asi elleitos estarão dentro na Camera, emquanto a fizerem, para requererem as cousas do povo. E serão ouvidos nas que o Juiz e Vereadores quizerem ordenar; porem não estarão dentro na dita Camera ao ler e despachar dos feitos que nella se ouverem de despachar, de appellasõis e quaesquer outros que não pertenserem ao governo da terra. - E asi estarão presentes os dous procuradores ao lansar das fintas e no fazer dos roes e saqadores do dinheiro E à conta e receita e despesa para requererem que se dipusite o dinheiro que sobejar e se não gaste endivi-

damente nem se consuma na mão dos ofisiais que as lansão, sem estar tomado conta. - Hei por bem, por evitar alguns emconvenientes, que elles possão ter um talho separado para os prover de carnes que lhes forem necessarias, pelos pressos que as ouver. E hum dos ditos procuradores repartirá a dita carne pelo povo sem os almotacéis nem alguns outros ministros de justiça se entremeterem niso nem entenderem no dito seu talho. E emquanto asi repartirem, terá a vara vermelha que se lhe dará na dita Camera ao tempo que forem elleitos; de que se fará asemto com declaração que a não poderão ter mais que emquanto repartirem a dita carne e forem e vierem de sua casa para o asougue. E poderão pôr penas às pesoas que na dita repartisão lhe não obedeserem, até comtia de sem rs. e executadas para as obras do Comselho. E asi mando que do pescado e quaesquer outros mantimentos que vierem à terra lhe dem sempre a parte que for justo; a qual os seus procuradores repartirão na forma que fica dito. - E porquanto sou informado que as eramsas e bemfeitorias dellas serão melhor guardadas e se evitarão muitos danos e perdas que os gados e bestas nelles fazem, he necessario que estes doze mistéres tenhão escrivão, que com elles corra a terra, como adiamte se declara, hei por bem que elles com o dito Juiz e Vereadores nomeem o tal escrivão que será auto e suficiente para iso. E por huma certidão me farão a saber quem tem nomeado para lhe mandar pasar provisão com declarasão da maneira que ade ter e servir o dito cargo. - E quando asi ouverem de correr a terra, o farão sómente tres ou quatro delles com o dito escrivão; e todo o gado e bestas que acharem em logares coimeiros, o poderão trazer ao curral. E eixecutarão as penas comforme as pusturas, as quaes se pagarão logo à porta do dito curral sem averem penhor, nem outra cousa mais que pagarem a dita pena em que estiverem condenados pela dita postura; das quaes penas terá a terça parte sua magestade ou o Rendeiro que for della. E o outro terço terá a Camera; e deste se lhe dará a elles o terço com o outro, de modo que tenhão elles um terso inteiro e outro terso do terso da dita Camera que elles terão para dispemderem no que competir a seus cargos. -E porque a não consumão noutra cousa, terá o seu escrivão hum livro asinado e numerado pelo Juis de fora ou quem seu cargo servir, no qual carregarão em reseita sobre os seus procuradores o que lhes couber da coima que fizerem. - E fará delle despesa para quando eu lhe quizer mandar tomar conta diso e saber como a despemderão, o posa fazer. - E avemdo repartisão de pão nesta villa, mando ao Ouvidor e mais ofisiais que a fizerem que asista a ella hum dos do

ze misteres para o povo ser provido por elle, pelo que mando ao Ouvidor de minha casa E da correisão das minhas terras desta comarqa damtetejo e udiana E ao Juis e ofisiais da Camera E almotaceis desta villa, que ora são E pelo tempo adiamte forem, que cumprão e guardem e fasão inteiramente cumprir e guardar este Regimento aos doze do povo della asi e pelo modo que nelle se contem, sem lhe diso pôrem duvida nem embargo algum porque asi ei por bem; do qual elles husarão emquanto o eu ouver por bem ou não mandar o contrario. anto da pomte o fez em villa viçosa a dezoito de janeiro de mil e seis centos e trinta e simqo annos. Baltesar Roiz de abreu o fez escrever. = Duque = O Doutor andre Cardoso - para ver sua eixª. - Registado na chancelaria f. 306. - Baltesar Roiz de abreu. - o doutor andre Cardoso. - O qual treslado tresladei da propria provisão que fica em poder de m.el Frz. iscrivão dos misteres em villa viçosa aos vimte dias do mes de abril de seis semtos e trinta e simqo annos. - Belchior Garcia da Silveira."

Os Misteres, como indica o próprio termo, eram artistas e operários, isto é, homens da classe dos trabalhos mecânicos. Serviram com muito proveito do Município até 1834, zelando a observância das Posturas do Concelho e pugnando pelo bem do povo contra a prepotência dos poderosos, como há-de ver-se; mas não acho memórias de que chegassem a ter açougue seu como lhes facultava o Regimento da sua criação.

V

Depois de ter o Duque D. João procurado a manutenção da sua Casa tomando o estado matrimonial para lhe dar sucessores do seu mesmo sangue, passou a dar cumprimento às obrigações que seu pai lhe impusera. Como se viu atrás uma delas era a reforma do Cruzeiro e Capela-mor de Santo Agostinho, construindo ali para os Duques, depois de mortos, um jazigo em harmonia com o fausto e pompa usados por eles em vida. Mas D. João pensou, e muito bem, que a dita Igreja tinha passado já por muitas restaurações parciais e que portanto só com uma reedificação total podia ser um condigno panteão dos Braganças. Mandou por isso delinear uma Igreja nova com frente para o Terreiro do Paço e o costado esquerdo para o de Santo Agostinho onde até então era o frontispício. A 14 de Julho de 1635 pôs o Duque por suas próprias mãos a primeira pedra do novo templo com a solenidade costumada em tais casos e mandou colocar à entrada dele, já dentro e à mão direita, uma

inscrição com aquela notícia cujo texto darei na Segunda Parte.

Ao cabo, porém, de cinco anos interromperam-se estas magníficas obras com a ausência de D. João II pelo facto de passar a residir em Lisboa com o pesado cargo de Rei Restaurador da Monarquia Portuguesa (1640).

Em que ponto ficassem as obras, não sei eu explicar; e só direi que julgo terem ficado alçadas as paredes e estendidas as abóbadas, restando os ornamentos interiores de arquitectura de ordem compósita, pavimentos, etc.

Só em tempo do Infante Regente D. Pedro II puderam ultimar-se as obras e colocarem-se os restos mortais dos falecidos Duques e de alguns irmãos seus nos túmulos que hoje ali se admiram. Então veremos como foi essa trasladação de ossadas.

Depois de concluída a Igreja de Santo Agostinho devia D. João II ultimar o que faltava no Colégio da Companhia de Jesus; mas... a salvação da pátria comum privou-nos de mais esse benefício.

VI

Entretanto houve uma desinteligência no Paço, da qual resultou saírem para Peixinhos Quinta dos Lucenas, os senhores D. Duarte e D. Alexandre, levando consigo os seus respectivos criados.

Atribui-se esta desinteligência ao efeito do casamento do Duque, e consequente diminuição do afecto para com seus irmãos, repartido já pela mulher e pelos filhos.

Eu porém desconfio, de que a mola real desta discussão foi a Duquesa D. Luísa Francisca de Gusmão, essa altiva, orgulhosa e ambiciosa mulher que se impunha ao marido em todos os tempos - reteve as rédeas do Governo arbitrariamente sendo já de maior idade o Rei D. Afonso VI, e deixou cá o germe da revolução, que o depôs do Trono e o precipitou num Cárcere por toda a sua vida.

As relações de Francisco de Lucena para com a Casa Ducal achavam-se interrompidas e o refúgio dos Senhores D. Duarte e D. Alexandre na sua realenga quinta significou neles uma tenção de não tornarem mais ao Paço.

Foram fazer uma peregrinação a Nossa Senhora de Guadalupe na Estremadura Espanhola e depois disso D. Alexandre, como eclesiástico e doente, regres-

sou para o Paço de seu irmão (faleceu no seguinte ano de 1637). Mas D. Duarte marchou para a Alemanha para seguir a carreira militar no serviço do Imperador Fernando III que lhe pagou mal como direi noutro lugar. Este não tornou mais à sua pátria.

VII

Já nesta época suspeitavam os Castelhanos uma insurreição em Portugal que, sendo capitaneada pelo Duque de Bragança, poderia vingar e dar em resultado a emancipação deste Reino porquanto o povo Português agitava-se já amaldiçoando a hora em que se unira a Castela por ver que dia a dia reclamava esta novos sacrifícios de dinheiro e gente para as guerras na Flandres e na Catalunha.

Pensaram por isso os Castelhanos em tirar de Portugal D. João II fazendo-o passar ao Governo de Milão e Vicariato de Itália que então pertenciam à Espanha, mas ele escusou-se com a alegação de ser inábil para tais cargos. A razão principal, porém, era por ter uma grande Casa em que já figurava bastante e vivia feliz compondo música e caçando na sua Tapada.

Depois disto surgiram os tumultos de Evora contra o Real de água (1637). Começou a vogar a ideia de insurreição contra o domínio de Castela e portanto mais seriamente assentaram os nossos dominadores em afastar o Duque de Bragança do meio dos seus naturais.

VIII

Em Agosto de 1637 soou também nesta vila o grito de insurreição contra o domínio Castelhano e particularmente contra o tributo do Real de água. Tenho lido nalgumas histórias que na ocasião de se levantarem os tumultos na nossa pátria e aclamarem alguns sob a capa da noite o Duque de Bragança como Rei de Portugal se achava este em diversão campestre na Tapada e algum tanto doente, acrescentando que por isso mandara à vila seu filho D. Teodó

sio acompanhado por alguns Fidalgos a fim de fazer cessar os distúrbios e revoltas.(1) E isto somente o que consta das histórias gerais deste Reino; porém, o nosso Cadornega, testemunha ocular do motim, deixou-nos dele uma ideia circunstanciada na sua *Descrição de Vila Viçosa*. Vou, portanto, reproduzi-la conforme os apontamentos que tomei deste manuscrito.

Em Vila Viçosa não se queria aumento de tributos, nem tributos novos, como se viu já pelo documento publicado atrás e ver-se-á por outro que tenciono publicar adiante. Os tumultos de Évora em 1637 fizeram criar ciúmes nalguns plebeus nossos que não se tinham por menos briosos e patrióticos e assim um dia de repente ouviu-se estalar o trovão.

Foi na primavera talvez visto a circunstância de achar-se o Duque estabelecido por algum tempo na Tapada (Cadornega não nos explicou esta circunstância do tempo). Um rapaz, criado ou pajem de Jerónimo Garcia Caldeira, que era esperto e turbulento, ou por iniciativa sua ou por instigações de outrém pôs-se uma tarde na praça (velha) a vociferar contra o Real de água e quem o havia posto. Depois de agregar a si uma boa porção de rapazes turbulentos como ele, invadiram o açougue onde estavam pesos e balanças da fiscalização do Real aplicado já ao consumo da carne vendida a retalho e com o concurso de alguns homens do povo que logo aderiram à insurreição quebraram ou queimaram todos os pesos e medidas que serviam para a cobrança do Real, pondo-os no meio da praça. Isto foi o prólogo.

Como os gritos sediciosos de *Abaixo o Real de água! Fora os Castelhanos!* continuassem, corria o povo à praça e mais se aumentava o tumulto. Houve um que propôs irem demandar a casa de um advogado que era o Fiscal do tributo em questão e morava na Travessa da Misericórdia.(2) E tanto bastou para os revoltosos se dirigirem ali e saciarem a sua cólera no dito advogado. Aos gritos sediciosos de *morras*, tremeu a sua família mas não um filho já homem que teve a imprudência de assomar à janela com uma espingarda engatilhada para amedrontar a turba. Tanto pior! Uma escrava (preta) de Gaspar Fernandes de Torres, já falecido, e que padecera incómodos por causa do Le

---

(1) Hist. Geneal., Tomo 7, pág. 49. - Hist. de Portugal de Rebelo da Silva, Tomo 3, pág. 438, etc.

(2) Talvez fosse o mesmo Dr. F.Ferreira de Andrade referido atrás, pois Cadornega não o nomeia. Quanto à travessa da Misericórdia, não sei dizer qual fosse e desde já previno os leitores de que Cadornega escreveu em Luanda a sua Descrição havendo já 44 anos que se ausentara da sua pátria. Eram-lhe por isso fáceis quaisquer equívocos de nomes.
A travessa a que alude é a rua do Espírito Santo, se me não engano.

trado indicou-lhes onde estavam feixes de vides que arrimassem à porta para lhes pegarem fogo e poderem assim entrar-lhe em casa. Dito e feito. Lançou-se o fogo à porta e porque havia perto um palheiro mais se ateou o incêndio, morrendo queimado o rocim em que montava o doutor e fugindo este com a sua família por um eirado ou varanda para casa de um vizinho da rua da Cera.(1)

Queimada a porta, entraram os revoltosos a saquear a casa lançando pela janela fora mobília, papéis, livros e dinheiro que os de baixo apanhavam *às rebatinhas*, diz Cadornega.

A multidão engrossava e tornava-se cada vez mais imponente; os magistrados intervieram com prudência para não arriscarem as suas vidas, porém debalde porque os sediciosos não se aquietavam. Vieram também do Colégio dois Jesuítas com um Crucifixo nas mãos a pedirem ao povo que se apaziguasse e não foram atendidos.

Entretanto Manuel Caldeira de Castro e Jerónimo Valejo de Màris, Moços Fidalgos do Duque, intentando salvar algumas jóias e roupas do advogado, meteram-se entre os revoltosos fingindo-se tais como eles e atiravam com trouxas e o mais que puderam por cima de uma rua travessa para o quintal de uma tendeira onde escapou muita coisa que aliás teria perecido no incêndio ou no saque da casa.

Era sol posto quando os revoltosos foram para a casa do advogado e, depois de lha saquearem e incendiarem, dispunham-se a pedir contas aos Misteres, Gente Nobre da Governação e Vereadores por terem consentido no lançamento do imposto, procurando a cada um nas suas casas. Entretanto aproximara-se a madrugada e já o Duque havia mandado ordens terminantes aos Magistrados para que fizessem dispersar os amotinados ainda empregando os extremos rigores, mas todos eles tiveram medo e nada fizeram por não porem risco nas suas próprias vidas. Foi então que o mesmo Duque resolveu mandar a seu filho D. Teodósio, de três anos de idade, acompanhado por alguns Fidalgos

---

(1) Tal rua não existe hoje com esse nome e como ela ficava junto da chamada Travessa da Misericórdia é provável que exista com outro nome. Por causa destas divergências lembrarei aos leitores que a Descrição de Vila Viçosa existente na Biblioteca de Évora é cópia e não o original de Cadornega, devendo por isso conter alguns erros de copista.
Já me tem vindo à ideia que a rua da Cera seja erro de rua de Évora ... Em todo o caso, o Letrado morava perto do local onde ainda hoje está a Misericórdia e talvez na rua do Espírito Santo chamada por Cadornega travessa da Misericórdia por lhe não lembrar já o seu nome próprio.

da sua Casa, para dizer ao povo que ele pedia que se aquietassem. Assim aconteceu: retiraram-se os revoltosos para suas casas; restabeleceu-se o sossego na vila; e o Duque na Tapada contente ficou por se desfazer uma insurreição que nenhum benefício lhe dava e pelo contrário podia trazer-lhe um pretexto para ser perseguido pelos Castelhanos.

Não diz mais o nosso Cadornega e por isso ignoro se foram instaurados alguns processos de rebelião. Não sei. Pelo menos o castigo dos criminosos não deu estrondo.

IX

No entanto em Madrid causava receios a atitude hostil que Portugal principiava a mostrar à sua dominadora. Pensou-se na eventualidade possível de uma revolução geral neste Reino para sacudir o jugo Castelhano e por isso assentou-se em tirar de Portugal o maior homem dele e a quem julgavam com direito a subir ao Trono. Até se diz que falando com El-Rei D. Filipe IV o degenerado Português Diogo Soares, seu valido e Secretário de Estado do Conselho de Portugal em Madrid lhe asseverara publicamente *que não seria Senhor de Portugal enquanto a praça de Vila Viçosa não fosse um prado sempre verde.*(1) Isto, porém, não significava que o Duque fosse conspirador contra Castela pois realmente não o era; significava simplesmente que o mesmo Duque tinha tanto poder e prestígio em Portugal que se chegasse a pôr-se à frente dos revoltosos triunfaria decerto a revolução neste Reino.

Assentando-se, pois, em Madrid que convinha tirar o Duque do meio dos seus naturais como haviam já tirado a maior parte da nossa Nobreza para lhes subtrairem a força e o apoio dos poderosos, foi ele nomeado Governador das Armas de todo o Reino em 1639. A primeira vista parece que com esta medida lhe davam a posse do exército e lhe facilitavam assim a ascensão ao Trono; mas não era esse o seu intento: esta medida encaminhava-se a puxá-lo para fora do Reino. Alguns dizem que esta nomeação era com o fim de que, tendo de visitar as torres e Armadas, ficasse um dia lá preso. Mas isto é igualmente inverosímil porquanto El-Rei D. Filipe IV não tinha sequer um pretexto para prender o Duque de Bragança que ainda estava muito longe de anuir a aceitar a oferta da Coroa Portuguesa que lhe faziam alguns Fidalgos verda-

---

(1) História Genealógica, Tomo 7, pág. 49.

deiramente patriotas.

Entretanto recebeu a nossa Câmara a Carta Régia de 2 de Junho de 1639, por via do Provedor de Evora a quem o Rei encarregava de uma leva de soldados e das fintas necessárias para o sustento deles, ficando essas fintas ao arbítrio do mesmo Provedor Simão Francisco Montarroio:(1) tudo isto efeito da nossa união ou sujeição a Castela, sendo aliás estranhos às lutas com a França na Flandres e na Catalunha se não fôramos súbditos do Rei de Castela. Assim se ia dispondo a emancipação de Portugal.

Marchou, com efeito, D. João II para Almada a tomar o comando geral das tropas deste Reino, tendo sempre muita cautela para não caír nalgum laço que porventura lhe armassem. Passou a Lisboa para falar à Duquesa de Mântua, Governadora do Reino, a quem pouco antes mandara cumprimentar em Elvas na ocasião da sua chegada a Portugal pelo seu Aposentador-mor Francisco de Sousa Coutinho, não ficando ela satisfeita com isso porque entendia que tal visita devia ser feita pessoalmente. Por esta causa assentou-se primeiro que tudo na forma por que o Duque havia de ser recebido em audiência pela Duquesa Governadora e foi que ambos tomassem assento debaixo do mesmo dossel em cadeiras iguais. Mas na ocasião da visita um Fidalgo Castelhano puxou para o meio do dossel a cadeira da Duquesa, afastando a do Duque, o que deu causa a uma pendência com os Fidalgos da comitiva do Duque Generalíssimo. Tomé de Sousa Coutinho, filho de Fernão de Sousa, tornou a empurrar a cadeira de D. João II para o meio, batendo-se galhardamente com o altivo Castelhano... Os dois altos personagens fizeram-se desentendidos desta contenda. Verificou-se a visita, que não foi longa, e o Duque retirou-se de Lisboa para tornar a Vila Viçosa. Foi isto no Outono e apenas posso afirmar que há no Cartório da Misericórdia uma carta sua datada de Almada em 2 de Setembro.

X

Somos, portanto, chegados já ao ano de 1640, último deste período esplendoroso da nossa vila mas o primeiro a que remontam as actas das Vereações da nossa Câmara Municipal. Isto, pois, me habilita a dar mais circunstanciadas notícias da nossa política municipal ou interna do Concelho.

---

(1) Livro 1 dos Reg., f. 158.

Nesse ano era Juiz de Fora Pedro Fernandes Monteiro; Vereadores, Jerónimo Valejo de Màris, Salvador de Brito Pereira e Mateus Serradas de Figueiredo; Procurador do Concelho, Lourenço Fernandes; Tesoureiro, António Rodrigues Cabeça de Vaca; e Advogado da Câmara, o Licenciado Afonso Nobre, conforme a pauta assinada pelo Duque ratificando as eleições feitas em conformidade com a Ordenação do Reino e os usos particulares do Ducado Brigantino.

Logo no primeiro dia do ano em que tomaram posse de seus cargos tiveram os Oficiais da nossa Câmara de dar resposta a uma nova Instrução e regimento da cobrança do Real de água. O caso era que a Câmara tinha em tempo aceitado a imposição do Real com mais uma quarta parte de aumento no tributo do Cabeção, que era antigo e onerava os chefes de família (tributo de capitação), para vigorar pelo espaço de seis anos somente; e agora o Governo Castelhano pretendia: 1º - que o Real sobre vinho e carne não se restringisse às vendas a retalho mas compreendesse igualmente as vendas por grosso e até para consumo de casas particulares; 2º - que para as quantidades de vinho inferiores a canada ficarem pagando *pro rata* do real por canada, já em vigor, fossem as medidas cerceadas para o taverneiro responder por esses reais. Ora a resposta da Câmara foi negativa. Disse em muito modestas palavras que cumpriria o que estava aceite por ela e regulado pela primeira e mais antiga Instrução, mas não o que a segunda e moderna ordenava. Veja-se o seguinte documento para que tirem as teias de aranha dos olhos aqueles que porventura ainda creiam que os tempos de agora são *de liberdade* e os antigos só *de tirania e opressão*. A têmpera daqueles Portugueses era outra.

"Sobre o real dagua.

Ao primeiro dia do mes de Janeiro de mil e seiscentos e qorenta annos, estando em Camera o Juiz E Vereadores E procurador do comselho E mesteres do povo por ser requerido e pedido resposta pello Doutor Jeronimo Ribeiro, Corregedor da Sidade d'evora, do Desembargo de Sua magestade, da decraração do Regimento E emstrução, que nesta Camera tinha appresentado sobre o real dagoa e quarta parte do Cabesão. E pellos sobreditos foi dado em resposta que nesta Camera se aseitarão os dous meios da quarta parte do cabesão e real dagoa na carne e vinho na forma da primeira emstrução, E que conforme a ella se usou até o presente, E elles na mesma forma que se usava e pagava até hoje, E erão comtemtes de pagar o dito Real d'agoa durante o tempo dos seis

annos por que fora aseito E a quarta parte. E que na primeira emstrução E ordem de sua magestade que esta Camera aseitou se declarava que não se pagaria Real d'agoa do vinho que se vendesse por jumto almudado nem das rezes que vemdessem os criadores em pé, E que asi parecia tambem o declarava o paragrafo segundo do novo Regimento; porém que no fim do mesmo paragrafo segundo dizia que os vemdedores serão obrigados a cobrar o Real dos compradores quando logo venderem; E no paragrafo sexto do mesmo Regimento torna a repetir que os vemdedores, quando venderem as rêzes, se faria estimação dellas em pé e se cobrará logo o Real dos compradores; E no paragrafo sete diz que em caso que se vemdão as rezes para se matarem nos asougues do mesmo povo, se passarão escritos pellos officiaes do Real, como mais largamente consta dos ditos paragrafos, nos quaes se emcontra a primeira emstrução e a decrasão que esta Camera fez. E com este novo Regimento padeserão notavel dano os moradores desta villa e termo, e não resultará proveito à fazenda de sua magestade, porque os moradores desta villa se sustentão de suas vinhas e do vinho que dellas colhẽ e vemdẽ aos taverneiros desta villa e principalmente a homens que vem de fora busqal-o para lá o vemderem; E que uns e outros compradores, quando gastão o dito vinho pello meúdo, pagão o Real d'agoa. E se ao tempo que os donos dos vinhos primeiro aos vemdedores vemderem, ouverem de reseber o Real de cada canada, ficarão os compradores pagando dous Reaes, um ao tempo que o vemdem pello meúdo e outro ao tempo que o comprão em diversos logares; o que he contra a emtensão de sua magestade na primeira emstrução. E não haverá quem venha comprar vinho de fóra a esta villa, e ficarão os moradores predidos e a fazenda de sua magestade tambem com dano em se não levar vinho para delle levar Real, E abaterão as sisas. E o mesmo emconveniente se comtenderá aimda com mais forsa na vemda dos gados porque os lavradores ou vemdem a outros criadores para criarem e terem ou ós Carniseiros para os asougues; e que os primeiros não devem real, e os carniseiros o pagão quando o gastão. E asi havemdo-se de pagar o Real ao tempo que as rezes se vemdem por estimasão, ou o fica pagando o que o não deve, sendo criador, ou o paga duas, semdo mercamte. E os criadores ficarão padesendo, não havendo compradores, e tambem os compradores pagando o que não devẽ, que he comtra a emtensão de sua magestade. E que tambem resulta dano aos lavradores em virem buscar escritos dos officiaes do Real, quamdo venderem seus gados; como morão distamtes da villa e são occupados com suas lavouras, e as vemdas são muitas, não poderão vir e deixarão de vemder. E numqa se po-

de considerar dano à fazenda de sua magestade em se não passarem os escritos, pois se lhe paga o Real das carnes que se vemdem nos asougues e vinhos de atavernados em todo o Reino. E que outrosi no mesmo Regimento no paragrafo outavo nono diz que se mandarão abater as medidas e se tirará de cada hũa(1) *de modo que o que levar quartilho e meio quartilho fique pagando o que pro rata lhe cabe do Real; e como à fazenda de sua magestade não fiqa resultando dano, não se abaixando as medidas, pois sempre se lhe paga hũ real por cada canada, elles querem que se pague o dito Real de cada canada duramte o dito tempo na forma que até hoje se usa, sem alterasão nem diminuisão, ficando as medidas no mesmo estado que oje estão e até o presente estavão; e que em tudo o mais que for para a boa cobramsa dos dous meios, elles farão todas as diligencias necessarias com todo o cuidado, para que não aja descaminhos e farão todas as pusturas como até oje se tem feito que emtenderem convê para a boa arrecadasão na forma da primeira emstrução. E prosederão contra os culpados, avendo-os; E darão comta a sua magestade, quando asi acharem convem a seu serviço como leaes e obedientes vassalos; e asinarão na sobredita forma. E eu Belchior Gracia da Silveira, Escrivão da Camera, que o escrevi. P. Frz. Montrº.-Salvador de britto Prª. -Mattheus Sarradas. H^mo. Valejo de maris. - L^ço. frz. - Manuel Pazes. -De m^el. lopes."*(2)

XI

No estio do mesmo ano de 1640 chegava de Madrid ao Duque de Bragança uma ordem para fazer leva de soldados no seu Ducado e marchar em seguida para a guerra da Catalunha. Era aqui o ponto final da sua nomeação de General em chefe do exército Português e estava apanhado o Duque se não tomasse a resolução que tomou.

Primeiramente replicou a D. Filipe IV em termos brandos e respeitosos para lhe ser dispensada tal exigência, mas não admitindo ele a escusa ficou perplexo. E a colisão em que se achava era terrível na verdade porque ou havia de obedecer ou desobedecer a El-Rei. Se desobedecia, concitava as iras dos Castelhanos e dava pretexto a perseguições como rebelde; e obedecendo ia meter-se-lhes nas mãos que era o que eles queriam e decerto nunca

---

(1) Isto se fez em 1838.
(2) Vereações de 1640.

mais voltaria a Portugal mormente se os espíritos andassem por aqui revoltados como pareciam.

Eis a causa primária de se resolver o Duque a capitanear a Restauração da Monarquia Portuguesa. No Paço Ducal começava-se a discutir se D. João devia ou não aceitar a oferta da Coroa que no ano precedente lhe fizeram alguns Fidalgos em Almada. A Duquesa D. Luísa, como ambiciosa, agradava muito a afirmativa só por lhe darem um dia o tratamento de Majestade e sem espírito algum de patriotismo pois era Espanhola; mas o Duque, rico, poderoso e feliz, não queria trocar o sossego da vida privada pelos cuidados imensos de uma Restauração Monárquica em Portugal que, no sentir de D. João da Costa(1) e de muita gente mais, seria um *facto milagroso* atendendo ao grande poder de Castela e à grande fraqueza do nosso Reino - desarmado, sem Fidalguia e sem dinheiro. Mas a obrigação de deixar a sua terra, a música e a caça na Tapada para ir para a guerra da Catalunha faziam já vacilar o ânimo do Duque de Bragança. Na alternativa de ter que sacrificar o seu descanso feliz por uma lida afanosa, ele preferia o serviço de Portugal ao de Espanha. Como porém não alimentava ambições de reinar, só tomaria a resolução de consentir na sua aclamação obrigado por uma necessidade moralmente indeclinável para si.

Assim ia a Divina Providência dispondo a reorganização da Monarquia Portuguesa.

Em 1640 continuavam os Fidalgos a fazer seus conventículos secretos em Lisboa; neles ponderavam a conveniência política de restaurar o Reino para se evitarem os sacrifícios de gente e dinheiro que nos extorquia a nossa dependência de Castela; reconhecia-se no Duque de Bragança o direito de legítima sucessão ao Trono por morte do Cardeal Rei, além de ser em tudo e por tudo o primeiro cidadão Português e único em condições de ser eleito Rei quando porventura o Trono fosse julgado vago e sem legítimo herdeiro como sucedera em 1383; e concluía-se que era mister impedir a marcha de D. João II para a Catalunha porque se o Reino estava enfraquecido, mais fraco ficaria com a ausência de tão opulento e poderoso Senhor.

Acordaram, pois, os Grandes residentes em Lisboa em mandar a Vila Viçosa um deputado seu que expusesse ao Duque a resolução em que estavam de restaurar a autonomia de Portugal debaixo do seu ceptro e que, não anuindo ele a aceitar a oferta da Coroa Real, nem por isso recuariam da sua decidida em-

---

(1) Portug. Rest., Tomo 1, pág. 104.

presa estabelecendo nesse caso um governo republicano.

O deputado da Nobreza da Corte foi Pedro de Mendonça Furtado, Alcaide-mor e Senhor de Mourão. Partiu de Lisboa (no mês de Setembro, segundo creio), fez caminho por Evora onde comunicou a sua mensagem ao Marquês de (... ... ...)[1], a D. Rodrigo de Melo, seu irmão, e ao Conde de Vimioso, todos parentes da Casa de Bragança e que aprovando a empresa escreveram cartas para o Duque persuadindo-o eficazmente a que aceitasse a proposta da Nobreza.

Chegando Pedro de Mendonça a Vila Viçosa houve a notícia de achar-se o Duque estabelecido com sua família na Tapada e portanto dirigiu-se ali a tempo que D. João discorria no seu predilecto exercício da caça. Suspendeu este o seu divertimento e porque ouviu ser de gravidade a missão do Enviado extraordinário da Nobreza meteu-se com ele na horta dos Machados, segundo a tradição, para conferenciarem a sós. Pedro de Mendonça entregou-lhe as cartas e deu-lhe amplas explicações verbais. E porque D. João não se decidindo logo manifestara a intenção de ouvir alguns pareceres a este respeito, receou-se o mensageiro do Licenciado António Pais Viegas, Secretário do Duque, e pediu-lhe que não confiasse dele este segredo, ao que replicou D. João *que era capaz de saber de todos os seus segredos por quanto largas provas tinha da sua fidelidade e até já lhe tinha feito algumas instigações no mesmo sentido.*

Deixando a caça, dirigiu-se o Duque ao seu palacete para ouvir os votos do seu secretário e de sua esposa, mas nisso foi interrompido pelo Bispo de Elvas, D. Manuel da Cunha, que chegava a fazer-lhe visita e só depois dela teve lugar o conselho de família.

Lidas as cartas por António Pais e inteirado bem da resolução dos Fidalgos em formarem uma república no caso de D. João não aceitar a Coroa, logo atalhou ao Duque dizendo: - *Se acaso os Portugueses formarem a república, que partido há-de seguir Vossa Alteza? O de Portugal ou o de Castela?* - *O de Portugal*, respondeu o Duque, *pois é meu empenho seguir sempre a causa da Pátria...* - *Pois bem*, replicou o Secretário: *se Vossa Alteza se resolve a servir a pátria como vassalo, quanto mais glorioso empenho não é dirigi-la como Soberano de um reino que de mais a mais lhe pertence de justiça?!*

---

(1) Ilegível no texto manuscrito.

Retirou-se o Duque satisfeito com a resposta de António Pais e foi procurar o quarto da Duquesa para lhe expôr também o fim da comissão de Pedro de Mendonça e ouvir a sua opinião a respeito dela. Mas D. Luísa Francisca de Gusmão, em quem podiam mais os estímulos da sua própria ambição do que o patriotismo de Castelhana, respondeu logo decididamente *que, ainda que a morte fosse a consequência de aceitar a Coroa, tinha por mais acertado morrer reinando do que acabar servindo*; ou, como diz a tradição, *que antes queria ser Rainha uma hora do que Duquesa toda a vida.*

Achando, pois, o Duque inteiramente conformes os dois votos que ele mais apreciava, deu de resposta a Pedro de Mendonça *que, antepondo a salvação da Pátria ao risco particular, se resolvia a aceitar a Coroa para a fazer respeitada de seus inimigos e promover o bem comum de seus irmãos naturais.*

Satisfeito Pedro de Mendonça com esta resposta, pretendeu beijar a mão ao Duque; ele, porém, recusou-se a isso dizendo com galanteria *que não havia de faltar tempo para esta cerimónia*...

XII

Para dissimular o fim daquela jornada partiu o mensageiro Mendonça para Mourão onde tinha o cargo de Alcaide-mor e ali despedindo um correio para Lisboa dizia em carta a D. Miguel de Almeida que era um dos chefes da conspiração: *Fui à Tapada; a caça andava levantada; fizeram-se alguns tiros, errando uns e acertando outros. É grande a prudência de João Pinto Ribeiro.*

Este último era advogado e procurador da Casa de Bragança em Lisboa e no seu escritório se faziam algumas reuniões da Nobreza patriótica.

Mas a comunicação de Pedro de Mendonça era concebida em termos tão enigmáticos que D. Miguel de Almeida não a entendeu e assim ocultou o seu teor aos conjurados até que regressasse o mensageiro e desse explicações verbais e circunstanciadas. Tal era o rigor deste segredo!

Chegando enfim à Capital do Reino o Alcaide-mor de Mourão, deu conta da sua mensagem e os Fidalgos reunidos celebraram com entusiásticos aplausos a resposta do Duque de Bragança votando logo que João Pinto Ribeiro passasse a Vila Viçosa para combinar com o Duque o dia certo e a forma de se pôr em execução aquela empresa. Porém João Pinto escusou-se com a alegação de ser ele suspeito para D. João como seu agente na Corte e pessoa muito sua inte-

ressada, o que foi causa de se passarem muitos dias sem nenhuma deliberação e achar-se o Duque em receios não pequenos por ignorar em que ponto estivesse a projectada revolução. Assim, pois, constando-lhe que Pedro de Mendonça chegara a Evora, escreveu-lhe pedindo explicações do negócio que lhe encomendara, mas a resposta dele foi redigida em frases tão obscuras que o Duque permaneceu na mesma inquietação e deliberou por último chamar de Lisboa o seu agente João Pinto Ribeiro com o pretexto de lhe dar conta de uma demanda que trazia com a Casa de Odemira.

Chegou enfim o doutor João Pinto a Vila Viçosa em 15 de Novembro e D.João II ficou mais tranquilo por ver que as suas declarações verbais concordavam com os enigmas de Pedro de Mendonça. Durante esta conferência teve o Duque notícia de haverem partido para Madrid algumas pessoas que podiam ter conhecimento da conspiração e de estar já sobressaltada com os movimentos da Fidalguia a Duquesa de Mântua, Governadora do Reino. Vendo, pois, que a empresa perigava com a demora, despediu logo João Pinto Ribeiro com as instruções que julgou convenientes e eram estas: fazer-se a aclamação com a possível brevidade em Lisboa e não em Evora, como queriam os conjurados, porque podia prevenir-se a Duquesa de Mântua primeiro que os Fidalgos se declarassem ou guerrear ela depois o levantamento; e que no caso de em Lisboa lhe faltarem ao prometido ele com os povos do Alentejo buscaria fortuna saindo à campanha. Foi isto a 17 ou 18 de Novembro.

Esta resolução encheu de alegria ao doutor João Pinto por ver que o Duque estava inteiramente decidido a tomar sobre seus ombros a restauração da Monarquia Portuguesa. E partindo para Lisboa com tão alegres novas e duas cartas do seu constituinte - uma para D. Miguel de Almeida e outra para Pedro de Mendonça, foi também alegrar e entusiasmar os seus sócios. Nessas cartas dizia D. João que elas eram para todos os conjurados e não uma atenção particular para aqueles dois. A 21 do mesmo Novembro estava já de novo em Lisboa João Pinto Ribeiro.

XIII

O segredo que houve nesta empresa excede os limites da credulidade. Há, porém, uma coisa que muitos calam e é conveniente registar. O Duque não era frouxo como alguns pensam; era prudente e pesava com atenção as dificulda-

des que havia em resistir às forças de Castela, então a maior potência da Europa, se bem que acidentalmente a braços com grandes guerras na Catalunha e na Flandres.(1) O nosso exército estava fora do Reino e a Nobreza dispersa também por medidas políticas dos Castelhanos que por este modo queriam enervar a Nação Portuguesa e impedir que recuperássemos a nossa autonomia. As fortalezas estavam guarnecidas por tropas de Castela e não tínhamos esquadras nem apetrechos de guerra e menos ainda Generais capazes de tomarem a direcção do novo exército que se levantasse.

A dificuldade, pois, em emancipar o nosso Reino do jugo de Castela era gravíssima e o Duque estava bem convencido de que uma tal empresa era de um êxito milagroso quando favorável.

Nestas críticas circunstâncias, encomendou o bom sucesso da sua causa à Bem aventurada Virgem Maria, invocada no singular privilégio da sua Imaculada Conceição, cuja casa em Vila Viçosa ele e seus predecessores favoreceram sempre como filhos seus devotíssimos. Isto aconteceu pela forma que deixo expendida e se alguém duvidar da minha asserção, explique o motivo por que D. João declarou Padroeira do Reino a mesma Imaculada Virgem com um censo anual de cinquenta cruzados de ouro pagos à nossa Igreja Matriz, e bem assim o juramento, imposto aos candidatos de graus universitários em Coimbra, de defenderem aquela ainda então pia crença da Imaculada Conceição de Maria.

Eu tenho para mim (e há muitos que pensam da mesma sorte) que o sucesso da restauração da Monarquia Portuguesa foi milagroso e devido à protecção da Virgem Imaculada, pois é ser *nimiamente crédulo em acasos* para não reconhecer que nesta empresa andou o dedo de Deus.(2) Num só dia se fez a aclamação e quase não houve guerra séria no tempo de D. João IV com os inimigos da nossa independência nacional que não puderam atacar-nos com força por lhes serem distraídas as suas tropas pelas guerras da Catalunha e da Flandres. Só no fim de vinte anos é que se feriram sanguinolentas batalhas quando já estávamos bem precavidos. As alianças estrangeiras que nos não foram prejudiciais, foram-no inúteis, se exceptuarmos somente a Inglaterra nos últimos anos da campanha, pagando-lhe porém nós à custa dos nossos domínios o tal ou qual auxílio que nos prestou. Sustentámo-nos contra os Castelhanos em Por-

---

(1) Rebelo da Silva faz-lhe justiça escrevendo na sua Hist. de Portugal, Tomo 4, pág. 183: era reflectido e prudente o príncipe mais apto para reger os destinos públicos em tão aventurada crise.

(2) Digitus Dei est hic. - Exod. VII, 19.

tugal e expulsámos os Holandeses dos domínios da África e da América. Por último foram os nossos próprios inimigos que se abaixaram a propôr-nos um tratado perpétuo de paz que pusesse termo à ensanguentada luta de mais de vinte e sete anos!

XIV

Posto que a notícia da revolução do primeiro de Dezembro de 1640 se encontre em todas as histórias gerais do Reino, julgo dever dá-la aqui em resumo por não ficar incompleto o conhecimento dela que todavia se liga estreitamente com a história particular de Vila Viçosa.

Na noite de 26 de Novembro determinaram os conjurados executar a sua heróica façanha na forma prescrita pelo Duque de Bragança e designou-se o sábado seguinte, 1º de Dezembro, pelas nove horas da manhã, para levarem a cabo tão glorioso cometimento.

Acaso teria o Duque ordenado também que fizessem a revolução num sábado por ser dia consagrado ao culto da Santíssima Virgem?... Não o posso afirmar, porém tal suposição é coerente com a devoção que o mesmo Duque lhe consagrava...

Comunicada para Vila Viçosa a última resolução dos quarenta Fidalgos conjurados, executou-se no dia referido a mudança do governo em Lisboa mais facilmente do que se pensava, parecendo até impossível a muitas pessoas daquela cidade que fosse por diante uma revolução feita de manhã por quarenta homens com seus parentes e aderentes estando já de tarde abertas as lojas de comércio como se nada houvera na ordem política!

Realizada a aclamação no incrível espaço de três horas, nomearam os mesmos Fidalgos revolucionários três Governadores em nome de El-Rei para darem as ordens mais urgentes enquanto ele não chegava à capital da Monarquia. E logo Pedro de Mendonça com Jorge de Melo correram a Vila Viçosa pela posta a fim de darem parte ao novo Rei daquele feliz princípio de seus trabalhos. Chegaram no dia 3 de manhã, em que a Igreja reza de S. Francisco Xavier, à hora em que o Duque de Bragança estava para entrar na tribuna da sua Capela e assistir ao sermão. Referiram-lhe sumariamente o ocorrido em Lisboa no primeiro de Dezembro e beijaram-lhe a mão em reconhecimento da sua soberana autoridade; mas ele, sem se desacordar, mandou aos seus Capelães que sem alteração se continuasse com a solenidade religiosa, mostran-

do nisto quanto era digno da Coroa por antepôr as coisas divinas às humanas.

A esse tempo já tinham vindo de Evora o Marquês de Ferreira e o Conde de Vimioso com as felizes notícias da aclamação ali feita em harmonia com o aviso transmitido pela Junta da Corte de Lisboa.

Não omitirei neste lugar uma notícia que alguns propagam em Vila Viçosa por tradição e é que a casa colocada hoje por cima do Chafariz d'El-Rei chamada modernamente *Casa de Lisboa*, e de que já fiz menção na biografia da Duquesa D. Catarina, tivera tal nome pelo facto de estar ali a Duquesa D. Luísa à espera dos emissários da revolução da Corte. Não o afirmo nem o nego porque me faltam razões para isso. Ela doudejava por ser Rainha, é verdade; mas por outra parte com aquela prevenção apenas adiantava dois ou três minutos em saber as desejadas notícias.

XV

Reconhecendo El-Rei D. João IV quanto convinha marchar com brevidade a tomar as rédeas do Governo geral da Nação Portuguesa, entrou num coche com os quatro Fidalgos referidos e com mais alguns Fidalgos e criados da sua Casa dirigiu-se nesse mesmo dia para a capital sem mais guarda que o acompanhasse nas vinte e quatro léguas que separam aquela da nossa vila.

Aqui houve necessariamente grande alvoroço de alegria e renovou-se decerto a aclamação popular feita já em Lisboa e em Evora, vendo os Calipolenses restaurada a Nação e elevado às alturas do Trono um irmão seu; mas a aclamação oficial só se fez no dia sete.

CAPITULO LV

Reflexões acerca do estado material, civil e religioso da nossa vila em 1640. Fonte do Carrascal. Ermida de Santo Ildefonso. Desenvolvimento da indústria fabril. Organização dos ofícios em corporações de carácter civil, político e religioso. Preço dos cereais. População. Preço de alguns comestíveis, etc., e taxas de courama e calçado. Pesagens públicas, zeladores, etc.

I

O estado material da nossa vila em 1640 não podia ser melhor porquanto era bom e com tendências a tornar-se cada vez melhor. Durante o período esplendoroso do tempo dos Duques de Bragança alongara-se para o norte desde a rua das Cortes e travessa do Valderrama até aos Terreiros do Paço e de Santo Agostinho e desde a Corredoura, Adro de S. Bartolomeu e rua de Cambaia até ao poente da povoação actual, pois é certo existirem já então as ruas extremas de Fr. Manuel, de Fora e de Santa Luzia, como se prova com os testemunhos de Cadornega e várias notícias do cartório municipal. Essas ruas, já bem direitas e largas com sumptuosos edifícios no gosto daquela época, eram tão modernas que Morais afirmava em 1618 serem casarias fabricadas de *há cinquenta anos a esta parte*,(1) isto é, no século XVI. O campo do Carrascal começava a ser alindado e frequentado desde que se edificaram as Ermidas ali existentes em número de duas e mormente agora que o Duque D. João II fabricara a formosa fonte de mármore e o chafariz de bestas, como testifica o nosso Cadornega. Essa fonte, porém, não tinha ainda os anteparos ou guardas de alvenaria que ali se vêem, como consta de uma Postura de 2 de Junho do mesmo ano de 1640. Quanto às outras fontes, já dei suficiente notícia dos seus melhoramentos.

O estado civil era excelente, pois cultivavam-se as ciências e as letras, como explanarei na Segunda Parte, bastando recordar aqui a instituição das aulas de Santo Agostinho e do Colégio dos Reis. Colhiam-se bastantes cereais, legumes e hortaliças, muito azeite e muito mais vinho para consumo e exportação, como se viu no documento publicado atrás sobre o Real

(1) *Parnaso de Vila Viçosa, Livro 2, cap. 15.*

de água.

No lado religioso patenteiam-se bem os progressos realizados neste período. Os dois conventos de Religiosos (Gracianos e Paulistas) são aumentados com outros dois (Capuchos e Jesuítas) e criam-se de novo os três de Freiras. Surgem os dois Colégios dos Meninos Orfãos e dos Reis; organiza-se o Cabido da Capela Ducal; reedificam-se ou melhoram-se as Igrejas antigas e fundam-se outras de novo; aparecem todas essas Ermidas que hoje adornam os nossos subúrbios, exceptuando unicamente a Igreja de Nossa Senhora da Lapa por moderna e poucas mais por antigas.

Só duma dessas Ermidas não dei por ora notícia: é da de Santo Ildefonso, Arcebispo de Toledo. Fundou-a Afonso de Lucena, Secretário da Duquesa D. Catarina, falecido em 1619, e que em 1611 instituíu o morgado da casa dos Lucenas, o que quer dizer que esta Ermida teve a sua origem no princípio do século XVII. Fica no pátio da Quinta de Peixinhos e torna-se notável pela sua elevada cúpula com janelas.

II

O desenvolvimento da indústria fabril foi muito grande nesta época e maior do que geralmente imaginam os meus patrícios.

Além das oficinas de tecidos de pano de linho e de côr que duraram até ao século actual e outras de artes mais necessárias, mencionarei os ourives e prateiros a quem a Casa Ducal dava não pouco trabalho, mormente nas ocasiões de festas nupciais; os canteiros, caldeireiros, fundidores, seleiros, entalhadores, etc.

Não deixarei, porém, de fazer especial menção de cinco indústrias importantes e que se extinguiram logo depois da ausência dos Duques de Bragança: falo da fábrica de ferro, da fábrica de vidros, da tipografia e da fábrica de papel e textura de veludos.

1. - Pouco abaixo da Azenha do Paraíso existem ainda restos da fábrica de apuramento de ferro pertencente à Casa de Bragança; e o nosso povo conserva a sua memória designando-a por Engenho do ferro.

2. - A fábrica de vidros data do tempo do Duque D. Teodósio II que mandou vir oficiais estrangeiros para a estabelecer, como já vimos em notícias dadas por Frei Manuel Calado a respeito daquele Duque, mas Cadornega foi mais explícito dizendo que a dita fábrica estava no Paço junto do tanque grande;

que pertencia a Pedro Paulo, estrangeiro, que por último a arrendara a oficiais da terra, seus aprendizes; que o Duque fornecia da Tapada a lenha precisa para o forno; e que os artefactos se fabricavam em tanta quantidade que se vendiam às cargas pelas terras circunvizinhas.

3. - A tipografia foi montada no ano de 1635 por Manuel de Carvalho; funcionava nas oficinas do Paço e aí foram impressas as obras médicas do nosso patrício Dr. André António de Castro e os "Desmaios de Maio" por Figueiroa,(1) afora o que se não sabe já.

4. - Da fábrica de papel restam ainda as paredes junto à ribeira de Borba no sítio que se ficou chamando Moinho de papel. Dela faz menção o nosso Cadornega cerca do fim da sua *Descrição de Vila Viçosa* chamando-lhe "famoso engenho de papel, fábrica que só um braço real pudera fazer aquela grandeza e edifício com rodízios, moendas, pisões, que era tal a traquinada que se ouvia que se havia de falar dentro muito alto para se ouvirem. Esta grandiosa fábrica foi mandada fazer pelo Senhor D. João quarto, nosso Rei... mandando romper grandes rochedos para trazer uma levada de água a este engenho porquanto a Ribeira de Borba lhe passava por baixo, comprando muitos moinhos a seus donos em razão da água que lhe tirava, em que gastou uma cousa e outra grande cabedal, mandando vir de Veneza mestre com outros obreiros para beneficiarem o papel."

5. - Tecelões de veludos. Encontra-se no registo paroquial menção de alguns artistas desta espécie na segunda metade do século XVI e princípio do seguinte. Depois de 1640 só ficaram tecelões de pano de linho e lã.

III

Também não devo deixar em silêncio o sistema adoptado no século XV (ou talvez antes) de organizar os ofícios em grémios ou corporações que tinham carácter civil, político e religioso. Estes ofícios mecânicos, desde os ourives até aos moleiros, almocreves e hortelões, foram classificados no tempo de El-Rei D. João I em vinte e quatro ordens, tomando por isso a sua totalidade o nome de *Casa dos vinte e quatro*, presidida por um juiz chamado *Juiz do Povo* que tinha o seu Escrivão. Existia em Lisboa desde o ano de 1384

(1) *Memórias de Literatura da Academia, Tomo 8, parte 2ª, pág. 145.*

e deixou de existir inteiramente em 1834.[1] Em Evora também havia, como em Lisboa, Juiz e Escrivão do povo, os quais se tornaram bem célebres no tumulto do Manuelinho em 1637 (Sisenando Rodrigues e André Barradas).

Mas em Vila Viçosa e outras terras de menor categoria os Misteres tinham a mesma representação política. Eram doze (todos industriais) com dois Procuradores e um Escrivão, eleitos entre os doze. D. João II, Duque de Bragança, foi quem introduziu os Misteres na nossa vila dando-lhes um Regimento que regulasse com clareza as suas atribuições, como atrás se viu.[2]

Tinham os artistas carácter civil porque nenhum podia estabelecer oficina própria sem primeiro ser examinado e aprovado e ter carta de aprovação passada pelo Escrivão e assinada pelo Juiz privativo de tal ofício.

Os que pertenciam ao colégio dos doze Misteres eleitos pela Câmara sob propesta dos Procuradores concorriam às assembleias dos Três Estados (Clero, Nobreza e Povo), votando a par dos Vereadores nas eleições de Procuradores às Cortes, alienações ou aforamentos de terras do Concelho, lançamento de impostos municipais, etc.

Tinham as corporações dos ofícios carácter religioso porque se reunia cada uma debaixo da sua bandeira em que se representava em quadro a óleo um Santo escolhido para seu patrono. Assim, entre nós a Virgem e Mártir Santa Catarina era padroeira dos alvenéus, canteiros e cabouqueiros; S. José, dos carpinteiros, marceneiros e entalhadores; S. Crispim, dos sapateiros, curtidores e surradores, etc. Em Vila Viçosa, conforme as averiguações a que tenho procedido, mais de uma corporação de artistas se agrupava debaixo da mesma bandeira.

Esta organização religiosa manifestava-se nas chamadas *procissões gerais* em que eram obrigados a concorrer todos os ofícios. Em 1640 essas procissões eram as seguintes: de S. Sebastião, do Corpo de Deus, de Santo António, da Visitação, do Anjo Custódio (criadas estas duas por El-Rei D. Manuel), Assunção e Conceição. A de S. Sebastião é do tempo de El-Rei D. João III; a de Santo António desde que se fundou a sua Igreja; e as outras são muito mais antigas. Mais tarde houve outras de novo.

Na procissão da publicação da Bula da Cruzada e nas ladaínhas de Maio não eram obrigados a concorrer os ofícios em corporação, mas sim uma pessoa de cada casa com pena de 500 réis para os omissos, conforme as Posturas do Con

---

(1) Esperança, nº 847 de 30 de Junho de 1880.
(2) Livro 1, f. 149 verso.

celho. Por isso o Zelador Municipal ou Rendeiro da Vila observava os préstitos para assentar coimas aos que não compareciam ou não se faziam representar por outrém. Durou isto até 1834.

Presentemente só os moleiros têm Juiz em Bencatel e Pardais e com o único fim de inspeccionarem as levadas públicas para as mandarem desobstruir e assear rateando essa despesa por todos os seus colegas.

Bastarão estas indicações para o pleno conhecimento do estado civil, político e religioso da época em que vamos com a nossa história. O mais ficará para a Segunda Parte.

Direi contudo ainda aos apregoadores da *liberdade presente* que nem os artistas, só pelo facto de serem artistas, nem o clero têm hoje voto nas decisões mais importantes do Município.

Só os Vereadores efectivos gozam presentemente de voto no lançamento de tributos novos, sujeito à superior aprovação da Junta geral de cada distrito (1880).

Já houve um Conselho Municipal para a discussão dos orçamentos, figurando nele os quarenta maiores contribuintes. Hoje nem isso e outrora o voto dos Misteres era indispensável para todos os negócios importantes do Concelho...

IV

Os cereais eram muito baratos neste período histórico porque não se exploravam tanto os minérios de cobre, prata e ouro e o dinheiro tinha por isso mais valor.

A taxa da Ordenança da Casa dos Duques para o pagamento de cevada aos Estribeiros era de doze réis por alqueire.(1) Por isto regulava o seu custo no princípio do século XVI em tempo de El-Rei D. Manuel e o alqueire do trigo orçava por vinte réis ou pouco mais.

Durante o mesmo século XVI quintuplicaram esses preços, de sorte que de 1600 a 1625 já custava cada alqueire de trigo cem réis e cada um de cevada sessenta. Disto possuo muitos documentos.

Em 1640 já o preço do trigo se elevava a 140 réis e a cevada a 80 ou 85.

Refere Cadornega que no tempo do Duque D. João II (1630-40) houve um ano

---

(1) Vida de Francisco Galvão por L.A. Mexia Galvão, doc. nº 1.

dos que chamam *da fome* e assim o custo do alqueire de trigo subiu logo a mais de duzentos réis. Para obviar à elevação deste preço, mandou o mesmo Duque abrir os seus celeiros e vender ao povo o alqueire por 200 réis; porém, depois que eles se esgotaram cresceu muito ainda o preço chegando a 500 réis.

Mas o regular então nos anos abundantes era de 150 ou 160 e não mais.

O pão cozido era almotaçado, como direi no seguinte período, mas o trigo não: podiam vendê-lo os criadores ou negociantes a seu arbítrio.

V

Resta dar conhecimento da população da nossa vila no apogeu do seu esplendor (1640), mas isso não é muito fácil por falta de estatísticas exactas.

Cadornega diz logo na primeira página da sua *Descrição de Vila Viçosa:* "avaliava-se o número de seus moradores e habitantes em três mil vizinhos."

Três mil vizinhos significa três mil fogos, o que me parece algum tanto exagerado. De mais: eu quereria que se desse em cifras à parte o que pertence à vila e subúrbios e o que respeita às quatro freguesias rurais do termo. Não nos deixaram essa explicação e por isso entendo que os três mil fogos da avaliação de Cadornega pertencem à vila e seu termo.

Julgo mais exacto o cálculo de Morais Sardinha no *Parnaso de Vila Viçosa* escrito em 1618. Diz ele da nossa vila: "Não é mais de dois mil vizinhos",(1) isto é, fogos ou famílias. Ainda que desde 1618 até 1640 pudesse crescer a população algum tanto, devemos concordar em que o cálculo de Morais é mais conforme à verdade.

Dois mil fogos ou pouco menos era a população de Vila Viçosa e seu termo em 1640. Isso mesmo calculou Herrera em 1580: "Es Villa Viciosa logar de dos mil vecinos"(2) e outro tanto Venturino em 1571.(3)

Hoje são os fogos 1 600, a saber: quase mil na vila e subúrbios da Matriz e seiscentos e tantos nas freguesias rurais (quatro).

Em redor do Castelo arruinaram-se com a Guerra da Restauração mais de um cento de moradas. Na Almedina têm caído por abandono e outro tanto sucede nos subúrbios onde a população hodierna é por metade ou menos. A Ilha está despovoada quando outrora ali e pelas dependências do Paço habitavam muitos

---

(1) Livro 2, cap. 15.
(2) História de Portugal, pág. 87.
(3) Panorama, vol. V, pág. 210.

criados da Casa.

A vila não tem crescido desde então, mas antes diminuído. Só é posterior a 1640 o Bairro de S. José e alguma coisa mais no alto da praça nova, o que está muito longe de compensar as casas abandonadas por falta de habitadores.

Em Bencatel há muitas crescenças de população e algumas em S. Romão. Nas outras freguesias de Pardais e Ciladas antes haverá diminuição.

Parece-me que podemos sem ultraje da verdade calcular a população da vila e coutos em 1640 na cifra de 1 600 fogos e a das freguesias do termo em 400. Total - 2 000, isto é, cerca de mais 400 do que na actualidade. Este cálculo é muito modesto e não exagerado.

A vista dos livros do registo paroquial (desse tempo) conhece-se qual avultada era a população da nossa vila e coutos. Com efeito: em 1604 houve na Matriz 149 baptisados e em S. Bartolomeu 76 só desde 5 de Fevereiro em diante; ora supondo que em Janeiro tinha havido 5 apenas, achamos 230 nascimentos ou o dobro da actualidade. E isto não foi um extraordinário, mas ordinário, pois tomei nota de que os nascimentos da Matriz em 1574 já tinham sido 141. Em 1640 houve diminuição destes na Matriz porquanto foram apenas 70, mas cresceram os matrimónios que subiram a 34 e os óbitos foram só 33. Em S. Bartolomeu houve no mesmo ano 88 baptismos. Ignoro o número de casamentos e óbitos por não existir já o seu registo.

VI

Continuarei com várias notícias da crónica do ano de 1640 sobre comestíveis, courama, calçado, etc., visto possuirmos já o Livro das Vereações desse ano.

O leite vendia-se a 3 réis em Janeiro, em Abril a 2 e em Junho outra vez a 3 réis o quartilho.

Carne de carneiro até dia do Espírito Santo era a 17 réis o arrátel, livres para o Obrigado ao fornecimento do povo. A de vaca a 13 réis; a de chibato a 10; e a de porco a 18, também livres para o fornecedor obrigado. Estes fornecedores tinham mais a vantagem de trazerem os seus gados na folha de pousio da Coutada e coutos despejados da vila, não porém nos rossios. Aos criadores era lícito cortarem nas quartas-feiras.

O sabão (bom e bem cozido) foi taxado a 17 réis o arrátel e o azeite a 16 o quartilho, mas em Novembro com a nova colheita baixou o azeite a 11 réis

e o sabão a 12. O sabão era mole somente e a assaboaria sita ao fundo da Corredoura no pequeno largo que aí se vê e que teve o nome de *Largo da Assaboaria*, tinha um fornecedor privilegiado que ultimamente eram os Freires de Andrade.

O tabaco simples foi taxado a 30 réis a onça e a 4 a oitava; o de rolo e folha a 25 a onça e a 3 a oitava. Ainda não havia rapé.

As taxas de mais extensão e miudeza são as que pertencem a courama e calçado. Convocava-se a Governação da terra, isto é, os Vereadores dos anos pretéritos, os Misteres, e os Juízes e Escrivães dos ofícios de curtidor e sapateiro para que as taxas ficassem com a maior equidade possível.

Em 1640 foram feitas na Vereação de 14 de Abril e publicadas a 21 do mesmo. Vejam-se as suas tabelas que, por antigas, já são curiosas.

"Taxa dos curtidores.

1. - *De hũas solas de casqa do lombo, sendo muito boas, pelo alquiés de oito pontos para cima, dadas na mão a quem as for buscar, levarão sesemta rs.* 60
2. - *De hũas solas de casqa somenos do lombo de sobresolado qorẽta rs.* 40
3. - *E semdo para mulher levarão trinta rs.* 30
4. - *E semdo branca de casqa e sumagre para homem de oito pomtos para sima levarão simqoemta rs.* 50
5. - *E semdo para mulher da sobreditamaneira levarão vimte rs. de soletado rs.* 20
6. - *E sendo de solas de fraqo rs.* 15
7. - *De hũas cabeças de vaqa preta e branca de oito pomtos para cima, semdo muito boas, levarão setenta rs.* 70
8. - *De oito pomtos para baixo levarão simqoemta rs.* 50
9. - *De hũas solas de pantufos brãcas de casqa trĩta rs.* 30

Taxa dos sapateiros

1. - *De hũas botas de cordovão de nove pomtos até doze com solas do lõbo, semdo de bom coiro sobresoladas destas solas, levarão seiscemtos rs.* 600
2. - *E sendo de seis pomtos até oito da sobredita maneira, levarão quatrosemtos e simqoemta rs.* 450
3. - *E por botas soladas de coiro redõdo de nove até doze pomtos, levarão quinhemtos rs.* 500
4. - *E semdo do mesmo coiro de seis até oito pomtos, levarão quatrosemtos rs.* 400

5. - De hũs burzeguins de oito até dez pomtos de bom coiro e soleta do mesmo coiro, levarão quatrosemtos rs. 400

6. - E semdo de quatro até oito pomtos, semdo do mesmo modo, trezentos e sesemta rs. 360

7. - De hũs sapatos de nove pomtos até doze de bom cordovão e bom coiro de tres solas, dozemtos e sesemta rs. 260

8. - De quatro até oito pomtos dozemtos e quorẽta rs., semdo do mesmo modo 240

9. - E semdo de duas solas de nove até doze pomtos dozemtos e qorẽta rs. 240

10. - E semdo de duas solas de quatro a seis pomtos, dozẽtos rs. ... 200

11. - De hũs rostros de botas, sobresoladas de cordovão com solas do lombo, sendo de nove pomtos para sima, dozemtos e vinte rs. ... 220

12. - De seis pomtos até nove da sobredita maneira, levarão semto e oitemta rs. 180

13. - De hũs rostros de cordovão de hũa sola à mourisca de oito pomtos até doze, levarão semto e qorẽta rs. 140

14. - De hũas socurelhas de cordovão de seis pomtos para sima, levarão qorẽta rs. 40

15. - De hũs rostros de cordovão de bom coiro na mão, levarão setemta rs. 70

Obras de mulheres

1. - De hũas botinas vermelhas levarão semto e oitemta rs. 180

2. - E semdo pretas de soletas levarão dozemtos rs. 200

3. - E semdo de pelle somenos, levarão semto e sesemta rs. 160

4. - De hũas sapatas de cordovão sobresoladas e altas, dozemtos e simqoemta rs., semdo de bõ coiro e boas solas 250

5. - De hũas sapatas de cordovão pretas de sola, semdo altas, levarão dozemtos rs. 200

6. - De hũas cabesas de mulher deitadas à mourisca, semdo soladas e forradas, levarão semto e trimta rs. 130

7. - E semdo as ditas cabesas de soletas somente levarão sẽ rs. 100

8. - De hũs pantufos pretos ou vermelhos altos de quatro dedos, levarão dozẽtos rs. 200

9. - E semdo de quatro dedos para baixo levarão semto e simquoemta rs. 150

10. - De hũas chinellas de mulher, semdo os sirqos de cordovão, levarão semto e oitẽta rs. 180

11. - E semdo os sirqos de cavallo, levarão semto e sesemta rs. 160

12. - De hũs chapins de quatro dedos para sima bẽ acabados, levarão dozemtos rs. 200

13. - De solar hũs chapins ou pantufos levarão simqoemta rs. 50

14. - De solar hũas sapatas de mulher levarão sesemta rs. 60

15. - De hũas soletas levarão simqoemta rs. 50

Obras de carneiro

1. - De hũas botas de carneiro sobresoladas, semdo boas de nove pomtos para cima de pelles de Castella, dozemtos e qorẽta rs. . 240

2. - E semdo a pelle da terra pela sobredita maneira, dozemtos rs. . 200

3. - De hũas socurelhas vermelhas, semdo forradas por diamte, trimta e simqo rs. 35

4. - E semdo brancas e por surrar vimte rs. 20

5. - De hũas butinas de molher de carneiro, semdo soladas levarão sem rs. 100

6. - De hũas botas de carneiro para mininos semdo sobresoladas de oito até dez annos, sem rs. 100

7. - E semdo de hũa sola sesemta rs. 60

Obras de mininos de cordovão

1. - De hũas botas de cordovão para mininos de oito até doze annos, dozemtos rs. 200

2. - E semdo de hũa sola semto e sesemta rs. 160

3. - E semdo de quatro anos até oito sobresoladas semto e simqoemta rs. 150

4. - De deitarem hũs rostros de cordovão de oito annos até doze sobresolados de mininos semto e vimte rs. 120

5. - E semdo o coiro de seu dono e o demais do sapateiro setemta rs. 70

Obra grossa

1. - De hũas botas de vaqa, cada hũa de sua relharga de bôa altura de oito pomtos até doze forradas de atestado e sobresoladas de tres solas, seiscemtos rs. 600

2. - E semdo à mourisqa do mesmo coiro soladas de correa quatrosemtos rs. 400

3. - De hũas cabesas de vaqa preta com solas do lõbo de sete pomtos para sima sobresoladas dozemtos e trimta e simqo rs. 235

4. - E semdo de quatro pomtos até seis da sobredita maneira, levarão semto e setemta rs. 170

5. - E semdo de hũa sola levarão semto e vimte rs. 120

6. - De hũs sapatos de vaqa preta com solas do lombo levarão dozemtos e qoremta rs. 240

7. - Semdo de oito pomtos para baixo levarão dozemtos rs. 200

8. - De hũas botas de vaqa bramca de hũa sola quatrosemtos rs. 400

9. - De hũas botas de vaqa bramca da sobredita maneira de seis até nove pomtos trezemtos rs. 300

10. - De hũs sapatos de pastor de vaqa de empenho e solas do lombo de oito até doze pomtos dozemtos rs. 200

11. - De hũs sapatos de quatro pomtos até oito semto e sesemta rs. . 160

12. - De hũas cabesas de vaqa bramca com solas do lombo semto e setemta rs. 170

13. - E semdo sobresoladas com solas do lombo dozemtos e simqoẽta rs. 250

14. - De hũas solas do lombo de correa novemta rs. 90

15. - De hũas solas de molher com forros levarão sesemta rs. 60

16. - De hũas sobresolas com solas do lombo levarão semto e trinta rs. 130

17. - De hũas botas de vaqa preta de braga, não semdo feitas nesta villa, forradas, semdo do Rio, nenhũa pessoa as poderá vender por mais de hũ cruzado 400

18. - E semdo bramqas de pastor, de homem, trezemtos e vimte rs. 320

19. - E semdo de mosa, dozemtos rs. 200

20. - E semdo do fraqo, dozemtos e oitemta rs. 280

21. - Os sapatos das temdas que vem de fora, de pastor, semto e qoremta rs. 140

Obras de mistura

1. - De feitio de hũas bottas, semdo o coiro de seu dono e soletas e solas do sapateiro, semto e simqoemta rs. 150

2. - Do feitio de hũas chinellas com cirqos e solas e soletas do sapateiro, semto e setemta rs. 170

3. - Do feitio de hũas sapatas de molher, semdo as solas do sapateiro, oitemta rs. 80

4. - De hũs rostros de sapatos, semdo do dono, e as solas do lombo do sapateiro, levarão semto e trimta rs. 130

5. - Do feitio de hũas botas de tres solas, semdo o coiro de seu dono, e as soletas e solas do sapateiro, levarão semto e oitemta rs. 180

6. - De lamsarem hũas solas, semdo as solas de seu dono, trimta rs. 30

7. - Do feitio de hũas botas de soletas bramqas sem rs. 100

Para as grandes pesagens havia um Fiel de balança que era Mateus Serradas e um Escrivão - António Rodrigues Diabo.

Os Zeladores ou Rendeiros eram três: da vila, do campo e da almotaceria.

As hortaliças e comestíveis do mercado eram taxadas pelos almotacéis em

exercício.

As duas testemunhas que acompanhavam os Rendeiros e que ainda se chamam *Jurados* eram ajuramentados em Vereação e o mesmo se praticava com os Vinheiros, Mestres e Moedores de lagares de azeite.

As Vereações eram duas por semana, às quartas-feiras e sábados, houvesse ou não matérias a tratar.

CAPITULO LVI

Conclusão da crónica de 1640.

Revista de alguns actos camarários ainda não resenhados, posturas, etc. Auto da aclamação de El-Rei D. João IV nesta vila. Vestiarias que recebe - ram os oficiais da Câmara por este motivo. Aclamação do mesmo Rei em Lis- boa e marcha da Rainha para a mesma cidade.

I

Completemos a revista dos actos camarários do ano de 1640, pois desta gui sa conhecem-se bem as atribuições do corpo administrativo municipal e os usos daquela época.

1º de Janeiro. - Toma posse a nova Câmara e responde à consulta do Pro- vedor de Evora sobre a execução do novo Regulamento do Real de água (já se viu essa resposta).

4 de Fevereiro. - Sendo os moleiros obrigados a fazerem a venda da farinha que lhes davam para moer, reforma-se esta postura a seu requerimento e fi- cam somente obrigados a satisfazerem as quebras que os donos achassem.

14 de Abril. - Taxas de coirama e calçado (já se viram atrás).

25 de Abril. - Diogo Fernandes arremata a sisa dos panos em 54$ rs.

Março. - O Deão António de Sousa de Brito vende 337 carneiros fiados a Mi guel Dias Branco, de Estremoz, e seu parceiro a 800 rs. cada um.

15 de Maio. - Nomeação de solicitadores de esmolas à porta das Igrejas, no fim das missas, para a Irmandade de Nossa Senhora do Desterro de Lisboa, conforme uma Provisão de Filipe IV.

2 de Junho. - Postura sobre não beberem bestas no chafariz próprio da fon te do Carrascal com pena de 500 réis (já mencionado).

16 de Junho. - *"Postura sobre a fomte do Poso do Lamdroal nas costas del las. - E logo na dita Câmera, semdo presemtes etc. foi acordado e mandado que oje por deamte nenhuma pessoa de sete annos para sima fasa seus feitos nem deite sugidade de qualquer sorte que seja, nõ esterco detrás da parede da fomte do Poso do Lamdroal, do canto da fomte até a porta da horta das freiras, com pena de mil réis pagos da cadêa, etc."*

Entre outras coisas quer isto dizer que não existia então o lagar de cera que separa o baixo Rossio do muro da cerca das Freiras da Esperança.

19 de Julho. - Foi eleito Juiz da Vintena de S. Romão e seus contornos António Lourenço, lavrador da herdade da Misericórdia (Capela).

1 de Agosto. - Luís F. Lobo afiança em 120$ rs. por Luís Gomes Castanho para exercer o ofício de Escrivão do Judicial.

2 de Agosto. - Teodósio de Almeida Cabral, Couteiro-mor, dá de arrendamento a João Martins em 24$ rs. o engenho do papel e em 2$ rs. o farrageal anexo ao mesmo engenho. Morava lá o dito João Martins.

31 de Agosto. - Henrique Franco toma de arrendamento o estanque do tabaco, de que era administrador desta comarca Gaspar Marques, de Estremoz, e contratadores gerais no Reino, Pantaleão Martins e Gaspar Roiz Vila Real. Este arrendamento era feito a quem se obrigasse a vender maior quantidade e assim obrigou-se o sobredito Henrique a pagar 450 arráteis, quer os vendesse quer não. O tabaco fino era a 640 rs.; o simples a 400 e de rolo a 300. Por um ano a contar do 1º de Setembro. Ainda se não usava o rapé.

19 de Setembro. - Postura ordenando que ninguém vindime sem licença da Câmara, fundando a proibição no bem comum de todos começarem no tempo devido.

23 de Setembro. - O Juiz de Fora Pedro Fernandes Monteiro apresenta carta do Duque em que o reconduzia no seu cargo por mais três anos e duas provisões, uma para acumular o Juizado dos Órfãos e outra em que o mesmo Duque o afiançava para este último cargo, responsabilizando-se o agraciado pelos seus bens móveis e de raiz. Prestou o seu juramento na Chancelaria do mesmo Duque.

29 de Setembro. - Manda a Câmara apregoar que possam vindimar nas seguintes guardarias: Trás-os-Montes, S. Marcos e Coutadas (Vinhas Velhas); da Serra de Lavra de Noite para os sítios declarados, isto é, para o sul; Fonte d'Arca (Biquinha ou Horta do Carvalho) e Barro Branco (hoje Cabanas); e nos mais sítios depois do dia de S. Francisco.

Continuou esta prática por largos anos.

10 de Outubro. - Postura ordenando que os possuidores de heranças (courelas) desde a horta de Félix Teixeira até S. Marcos amanhem a azinhaga, desimpedindo-a de matos, isto é, fazendo suas testeiras e tirando as pedras soltas do caminho.

Foram multados sete telheireiros e obrigados a fazer à sua custa duas varas antes e duas varas depois da ponte da estrada ou azinhaga das vinhas da

Coutada (velhas) em razão de a terem danificado com subtracções de barro.

Desde o primeiro de Dezembro até 14 não se lavrou escritura alguma nas Notas do Tabelião António de Oliveira, o que mostra que a vila passou por uma grande convulsão com o acontecimento do primeiro de Dezembro.

II

O mais notável, porém, dos actos Camarários de 1640 foi a aclamação de El-Rei D. João IV, cujo título ou auto é o seguinte:

"Título de como esta Câmera acclamou por Rei ao muito alto e catholico e poderoso Rei D. João Quarto, Rei de Portugal, nosso Senhor.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil seiscentos e quarenta annos, aos sette dias do mez de Dezembro do dito anno, o Juiz e Vereadores e Procurador do Concelho e nobreza e povo abaixo assignados, se ajuntaram em Câmera para levantarem por Rei natural destes Reinos de Portugal e suas Conquistas ao muito alto e poderoso Rei D. João, o quarto d'este nome, Duque que foi de Bargamça, nosso senhor, por ser sua Divina Magestade servido de pôr os olhos n'este Reino e o livrar das tyrannias em que jazia em poder de Rei alheio e extrangeiro, restituindo este Reino e suas Conquistas a seu Rei natural El-Rei Dom João o quarto, nosso senhor, a quem injustamente se tinha usurpado, e para assi o acclamarem, fizeram as solennidades devidas. A saber: Todos jumtos em Camera, arvorado o estandarte Real o entregou o Vereador mais velho a Fernando Rodrigues de Brito, Fidalgo da Casa do dito senhor e seu Camareiro-mór; e despois de lhe ser entregue, da janella da dita Câmera disse André Dias, porteiro d'este Concelho em voz alta para o povo: Ouvi, ouvi, ouvi, ó meu povo. E logo o dito Fernando Rodrigues de Brito em voz alta e intelligivel, disse com o estandarte na mão: Real, Real, Real, o muito alto, muito catholico e muito poderoso Rei Dom João o quarto d'este nome, Rei de Portugal. E todo o Povo, Camera e Nobreza responderão: Viva El-Rei Dom João o quarto, Nosso Senhor, Rei de Portugal! E logo sahirão da Camera o Juiz e Vereadores e Procurador do Concelho e povo; e o dito Fernando Rodrigues de Brito com o estandarte Real na mão, em corpo, sem chapéo na cabeça, se poz a cavallo com o estandarte Real na mão, e juntamente os Officiaes da Camera, nobreza e povo junto delles, descarapuçados, correndo os logares publicos d'esta villa acclamando por Rei a El-Rei Nosso Senhor Dom João o quarto, juncto ao Con-

vento de Santo Agostinho no Terreiro do Paço, adro de São Bertholameu, Rocio, Collo da Gaita[1] *e à porta de Nossa Senhora da Conceição, aonde entraram. E se sahiu com uma procissão solemne de graças a Deus, Nosso Senhor, pela mercê que nos fez, e fômos à Capella Real, donde houve missa cantada e sermão. E assi os officiaes da Câmera, como o mais povo, acclamou por seu Rei natural ao mui alto e poderoso Rei, Dom João o quarto, Rei de Portugal; e assi o conhecerão a Elle e seus successores para sempre em seu nome e de toda esta villa e seu termo. E por assi passar na verdade, eu Belchior Gracia da Silveira, Escrivão da Camera nesta dita villa por El-Rei Nosso Senhor, certifico passar na verdade todo o sobredito por eu me achar presente em tudo o atrás declarado, de que se fez este termo que se assignarão. E eu Belchior Gracia da Silveira, Escrivão da Camera o escrevi. - P^o. Frz.Montr^o. - B. Salvador de britto Pr^a. - Matheus Sarradas de Figueiredo."*[2]

Este auto deveria ser minutado pelo advogado da Câmara, o Licenciado Afonso Nobre e é certo que foi escrito no Livro das Vereações de 1640 muitos dias depois da aclamação. Não foi assinado pelo Vereador Jerónimo Valejo de Màris, Moço Fidalgo do Duque, nem pelo Procurador do Concelho, Lourenço Fernandes, seu criado, porque tinham ido acompanhá-lo até Lisboa. Fernão Rodrigues de Brito, seu Camareiro-mor, não pôde ir também no dia 3 como era do seu dever por se achar algum tanto doente e fez substituir-se no seu ofício por seu filho Cristóvão de Brito Pereira, o celebrado Governador do nosso Castelo em 1665. Isto sei pelo Cartório Municipal e por outras vias que não é mister citar.

III

Era costume naqueles tempos vencerem vestidos os Oficiais da Câmara que aclamavam um novo Rei, entrando também o Escrivão nessa conta; e se não precisavam dos vestidos, recebiam o custo deles.

Como curiosidade histórica, pois, e para se reconhecer de algum modo qual era o traje dos ditos oficiais, veja-se o documento que vou copiar do mesmo

---

(1) *O Colo da Gaita era um pequeno largo público situado ao sul da Cidadela em frente da rua do Espírito Santo no lugar ocupado agora pelas fortificações exteriores da mesma Cidadela e onde chamam "a pedra do cachimbo".*

(2) *O cerimonial desta aclamação é o mesmo de que se usou entre nós desde o princípio da Monarquia Portuguesa. Mon.Lusit., Tom.VII, p. 215.*

livro:

"Assento que se fez dos vestidos que os Officiaes da Câmera hão de haver pela entrada de El-Rei, Nosso Senhor, n'este Reino,[1] *de levantarem a El-Rei, Nosso Senhor por Rei d'estes Reinos; e os Officiaes da Câmera são os seguintes:*

1. - *Levou cada oficial da Camera dez covados e meio de sitim aviludado a mil e quatrosemtos e vimte rs., que soma quatorze mil e novesemtos e dez rs.* 14:910
2. - *Quatro covados e meio de vimte dozeno para os ferragoulos, a mil trezemtos e simqoemta rs, seis mil e setemta e simqo rs.* 6:075
3. - *Tozadura deste pano a vimte rs. o covado, novemta rs.* 90
4. - *Hũas meias de seda, dois mil reis* 2:000
5. - *Hũ chapeu com sua tramsa, mil rs.* 1:000
6. - *Nove covados de tafetá para forro da roupeta e liga, mil e oitosemtos rs, a dozemtos rs. o covado* 1:800
7. - *Tres varas e meia de pano de linho para forros dos calsões e mangas, a dozemtos rs. a vara, settesemtos rs.* 700
8. - *De lam e entreforros, setesemtos e simqoenta rs.* 750
9. - *Duas grojas de botões, quatrosemtos* 400
10. - *Do feitio das casas, quinhemtos e oitemta rs.* 580
11. - *De retroz, dozemtos rs.* 200
12. - *Sapatos e fitas, tresemtos rs.* 300
13. - *De feitio de todo o vestido, mil e dosemtos rs.* 1:200

Soma este vestido ..... em trimta mil reis, que vem a cada hũ dos seis Officiaes da Camera. E nesta forma se fez este asento escrito como sua Magestade foi servido; e o asinarão, e Eu Belchior Gracia da Silveira que o escrevi. - Valejo. - Figueiredo. - L^co. frz."

Do exposto resulta que os ditos Oficiais trajavam calções, roupetas e farragoulos com sapato e meia e chapéu com trança. Despesa total: ------ 180:000 réis.

---

(1) *Isto foi, sem dúvida, erro do escrivão por ter à vista outro assento semelhante, respectivo à entrada de Filipe III, o Pio, em 1619.*

IV

Tínhamos deixado o Restaurador da nossa Monarquia no caminho de Lisboa, mas agora acrescentarei que chegou ali no dia 6 do mesmo Dezembro, sendo esperado a larga distância pelos Magistrados e Oficiais da Corte.

No dia 15 seguinte verificou-se no Terreiro do Paço da mesma Lisboa a sua solene coroação acompanhada com o juramento público de bem governar os seus súbditos e de lhes guardar seus foros, privilégios e isenções, como sempre haviam feito os Reis de Portugal.

Este juramento convertia numa espécie de contrato bilateral a aclamação ou investidura dos Reis, pois ao mesmo tempo que os povos juravam manter-se fiéis ao seu Monarca, este por sua vez obrigava-se perante Deus e os homens a governá-los com justiça e equidade; e se porventura era fedífrago e perjuro, entendia-se que os súbditos ficavam desobrigados do seu juramento de obediência e lealdade. Ora, neste caso, o melhor era haver um árbitro a quem recorressem para decidir se estava ou não roto o pacto jurado... E entre Príncipes Cristãos foi já e devia sempre ser o Papa.

Um Rei assim constituído não pode chamar-se *absoluto* de modo algum, salvo se quebranta as suas promessas juradas pública e solenemente; e em tal hipótese, deixou de ser rei legítimo porque caducaram as bases do contrato social. Isto digo sem que professe a herética doutrina da *soberania popular*, mas porque tal é o direito político da Nação Portuguesa desde a sua origem: direito posto em prática na pessoa do Rei D. Sancho II.

V

A Rainha D. Luísa ainda viu o acto da aclamação de seu marido em Vila Viçosa porquanto demorou-se aqui até 22 do mesmo Dezembro.

Fez caminho por Évora; e mandou recado ao cabido sobre desejar fazer oração na Sé. Fizeram-se os devidos preparativos, mas ela chegou muito tarde, desistiu da tenção e foi apear-se a casa dos Marqueses de Ferreira onde o Cabido foi logo cumprimentá-la e oferecer-lhe seis tabuleiros de doces secos, levados por alguns cidadãos à luz de tochas.

No dia seguinte (23) tornou o Cabido para beijar novamente a mão à Rainha, mas era tanta a concorrência de comunidades religiosas, que o Cabido apresentou-se apenas ao Marquês de Ferreira e deixou incumbido o Chantre Ma-

nuel Severim de Faria e o Cónego Luís de Miranda Henriques.

D. Luísa partiu nesse dia para Montemor, onde pernoitou e no dia 24 foi para Vendas Novas.

Ao saír de Evora passou defronte da Sé com o Príncipe D. Teodósio em coche; e então os músicos da Capela festejaram a sua passagem com o toque das charamelas. Levou por camareira a Marquesa de Ferreira.

No caso de Sua Magestade entrar na Sé estava preparado o Cónego Alvaro Tinoco para pregar. (Arquivo Eborense, Nº 2).

Tratava-se de mudar para Lisboa uma grande Casa e por isso convinha demorar-se alguns dias até se acondicionarem jóias, alfaias, armações, móveis, etc., visto que Lisboa não tinha já um palácio Real montado como outrora.

Eis a razão por que só pôde fazer a sua entrada na Corte em dia de Natal. Veio esperá-la El-Rei à Aldeia Galega com muitos Fidalgos da Capital do Reino, além de grande número de Fidalgos e criados da sua Casa de Vila Viçosa. Acompanhavam-na o Marquês de Ferreira, os Condes da Vidigueira e do Redondo, etc. Levava consigo por penhores da sucessão à Coroa seus filhos D.Teodósio, D.Joana e D.Catarina que mais tarde foi Rainha da Grã-Bretanha. D.Manuel tinha-se finado e jaz em Santo Agostinho.

Foram-se para Lisboa os Duques de Bragança e com eles foi-se também o extraordinário esplendor da nossa vila.

Eis a primeira causa da sua decadência do que era em 1640 - ano do apogeu da sua grandeza material, civil e política. Só a Casa Ducal tinha de rendimento anual cento e vinte mil cruzados[1] que não mais se gastaram nesta vila.

Entraremos, pois, já no período quinto da nossa história Calipolense.

---

(1) História de Portugal por L.A. Rebelo da Silva, Tomo 3, pág. 497, nº 31 das "Rendas dos Titulares de Espanha e Portugal", documento oficial.

FIM
DO
TOMO PRIMEIRO

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE SETIMO FASCICULO

CAPITULO XLIX - Casamento do Duque D.Teodósio II. Festas públicas no Terreiro do Paço. Ornato do mesmo Paço 7

CAPITULO L - Novos engrandecimentos da Capela Ducal. Fundação da Ermida de Santo Eustáquio. Dita do Colégio dos Padres da Companhia. Dita do terceiro Convento da Piedade. Morte da Duquesa D.Ana de Velasco. Morte da Duquesa D.Catarina; seu carácter moral e religioso. Fontes Grande e Pequena e seus acessórios, e do Alandroal. Relógio do Concelho. Visita de D.Teodósio II a D.Filipe III de Castela em Elvas na sua vinda a Portugal e aplausos que lhe fizeram na mesma cidade. Sua assistência às Cortes de Lisboa e desfeita que lhe fizeram alguns soldados Castelhanos. Seus protestos ocultos contra os juramentos de fidelidade aos Reis de Espanha 47

CAPITULO LI - Complemento da reedificação da Igreja Matriz. Fundação do Colégio dos Reis. Dita das Capelas dos Passos de Cristo. Projecto da nova reedificação da Capela-mor e Cruzeiro de Santo Agostinho com túmulos pomposos para os Duques. Carácter eminentemente religioso de D.Teodósio II. Seus últimos momentos: suas exéquias; sua figura e sua descendência 66

CAPITULO LII - Primeiros traços da biografia de D. João II, 7º Marquês de Vila Viçosa, 8º Duque de Bragança e 3º de Barcelos e depois Rei de Portugal. Solenidade do seu baptismo. Sua educação. Seu casamento. Quartos no relógio do Concelho 77

CAPITULO LIII - Descrição dos festejos do casamento do Duque D.João II 82

CAPITULO LIV - Boa situação de Vila Viçosa e má do Reino. Tributos novos e em especial o do bagaço da azeitona. Protesto do Procurador do Concelho Paulo Nunes Magro. Criação do Regimen-

to dos Misteres. Reedificação última da Igreja de Santo Agostinho. Manejos dos Castelhanos em prejuízo do Duque de Bragança e preâmbulos da Restauração da Monarquia Portuguesa. Tumultos de Vila Viçosa contra o imposto do Real de água em 1638 e outros factos. Crónica do ano de 1640. Resposta da Câmara e Misteres sobre o novo Regimento do Real de água. Motivos que decidiram o Duque D.João a aceitar a Coroa de Rei. Mensagem de Pedro de Mendonça. Breve notícia da revolução do 1º de Dezembro 102

CAPITULO LV - Reflexões acerca do estado material, civil e religioso da nóssa vila em 1640. Fonte do Carrascal. Ermida de Santo Ildefonso. Desenvolvimento da indústria fabril. Organização dos ofícios em corporações de carácter civil, político e religioso. Preço dos cereais. População. Preço de alguns comestíveis, etc., e taxas de courama e calçado. Pesagens públicas, zeladores, etc. 124

CAPITULO LVI - Conclusão da crónica de 1640. Revista de alguns actos camarários ainda não resenhados, posturas, etc. Auto da aclamação de El-Rei D.João IV nesta vila. Vestiarias que receberam os oficiais da Câmara por este motivo. Aclamação do mesmo Rei em Lisboa e marcha da Rainha para a mesma cidade 136

ERRATA

Na pág. 47

Onde se lê:
"... Dita do terceiro Convento da Piedade. Morte da Duquesa D. Catarina;"

Deve ler-se:
"... Dita do terceiro Convento da Piedade. Morte da Duquesa D.Ana de Velasco. Morte da Duqesa D.Catarina;"

Na pág. 48

Onde se lê:
"... e recolhimento.
Foi edificada a Ermida de S.Eustáquio em 1624 como diz uma lápide que está nas traseiras dela."

Deve ler-se:
"... e recolhimento.
Ora aquela menção - de Ermidas na descrição antiga dos festejos de 1603 referindo-se à Tapada, revela-nos claramente que já então existia a encantadora coroa da mancha de esteval, que tem hoje o nome daquele Santo Mártir e Capitão Romano.
Foi edificada a Ermida de S.Eustáquio em 1624 como diz uma lápide que está nas traseiras dela."

Na pág. 86

Onde se lê:
"No seu alcance iam quarenta criados em coches, liteiras ou a cavalo..."

Deve ler-se:
"No seu alcance iam quarenta Fidalgos e Comendadores da sua Casa, e seus criados em coches, liteiras ou a cavalo..."

Na pág. 98

Onde se lê:
"... com a artilharia, charamelas, pifanos e tambores."

Deve ler-se:
"... com a artilharia, e retinindo ou rufando as trombetas, atabales, charamelas, pifanos e tambores."

Na pág. 106

Onde se lê:
"... que com elles corra a terra, como adiamte se declara..."

Deve ler-se:
"... que com elles corra a terra, e termo della, todas as vezes que o ouverem de fazer, como adiamte se declara..."

Na pág. 137

Onde se lê:
"2 de Agosto - Teodósio de Almeida Cabral... o dito João Martins.
31 de Agosto - Henrique Franco... ainda se não usava o rapé."

Deve ler-se:
"2 de Agosto - Teodósio de Almeida Cabral... o dito João Martins.
4 de Agosto - Lavra-se um termo de entrega de arcabuz, feita pelo Ordenança Manuel Pereira.
31 de Agosto - Henrique Franco... ainda se não usava o rapé."

NOTAS

CAPITULO LVI

Parte I

Está na margem:
"A 20 de Dezembro lavrou António de Oliveira, uma procuração de Isabel de Paiva, criada da Rainha na portaria do Paço, para Domingos Peres de Basto lhe administrar cá os seus bens; e Francisco Ferreira comprador de S.Majestade fez outro tanto: o que prova estarem de malas enroladas para se retirarem para Lisboa no seguinte. Daí até 29 não se lavrou mais escritura alguma; e estas daqui em diante ficam reduzidas a menos de metade, porque a população da vila diminuiu muitíssimo, e os ricos seguiram a Corte assim como os criados antigos da Casa."

Parte II

Está na margem:
"D.João estava decidido a tomar a peito a Restauração da Monarquia; pois já em 2 (de Dezembro), à noite talvez depois de receber notícia da Revolução de Evora, mandou a Elvas, Brás Soares de Castelo Branco com uma carta para que ali secundasem a sua aclamação.

Está no Dicionário Geográfico e Histórico de Elvas por Vitorino de Almeida, ver Aclamação:

"Juiz, Vereadores e Procuradores da Câmara da cidade d' Elvas, eu, El-rei vos envio muito saudar.

Foi Deus servido lembrar-se das calamidades deste Reino, ordenando que Lisboa e outros povos me declarassem por Rei d'elle e espero em sua Divina Magestade, que há-de ser para se conseguir os augmentos e allívio que eu desejo, como quem, como natural, tanto deseja que se disponham estas cousas."

Continua recomendando o alistamento de gente de guerra, etc.

"Escripta em Vila Viçosa, 2 de dezembro de 1640."

O PRÓXIMO FASCÍCULO SAIRÁ EM OUTUBRO

IMPRESSO POR GRAFICA CALIPOLENSE
VILA VIÇOSA
TIRAGEM 1 500 EXEMPLARES

SETEMBRO 1983

MEMÓRIAS
de
VILA VIÇOSA

É uma extensa monografia elaborada no século XIX pelo Padre Joaquim José da Rocha Espanca cujo manuscrito se encontra arquivado na Biblioteca da Câmara Municipal de Vila Viçosa.

Investigação duma profundidade pouco comum, representa hoje um contributo importante para a divulgação principalmente da História e Etnografia da região.

Dada a extensão da obra cujo original é composto por cinco Tomos de quase mil páginas manuscritas cada, dividir-se-á cada Tomo em cinco volumes. Prevê-se ainda a publicação de outro trabalho do mesmo autor editado em 1894 sob o título "Estudo sobre as Antas e seus congéneres" de que foram impressos somente 200 exemplares.